



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

IRIS MEDEIROS DA FONCECA

**O SUJEITO PRONOMINAL DE TERCEIRA PESSOA EM PEÇAS TEATRAIS DE
SANTA CATARINA ESCRITAS NOS SÉCULOS XIX E XX**

Florianópolis

2024

Iris Medeiros da Fonseca

O sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais de Santa Catarina escritas nos séculos XIX e XX

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientador: Prof. Marco Antônio Rocha Martins, Dr.

Florianópolis

2024

Fonceca, Iris Medeiros da

O sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais de Santa Catarina escritas nos séculos XIX e XX / Iris Medeiros da Fonceca ; orientador, Marco Antônio Rocha Martins, 2024.

112 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. português brasileiro. 3. mudança sintática. 4. sujeitos pronominais de terceira pessoa. 5. peças teatrais catarinenses. I. Martins, Marco Antônio Rocha. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Iris Medeiros da Fonseca

O sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais de Santa Catarina escritas nos séculos XIX e XX

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Izete Lehmkhul Coelho, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Mônica Tavares Orsini, Dr.(a)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.(a) Carla Regina Martins Paza (suplente), Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Marco Antônio Rocha Martins, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2024

Aos meus avôs e avós, Antônio e Sebastião, Iracema e Lenir que trouxeram o início.

Aos meus pais, Hilário e Lenir que trouxeram a vida, o cuidado e o amor.

Ao mano, Txai, “onde achei coragem”.

AGRADECIMENTOS

Sabe o quê? Sou uma grande apreciadora de seções de agradecimento. Desde criança gosto de ler pessoas declarando afeto e gratidão a quem faz ou fez parte de sua vida em determinado momento, enquanto aquele determinado trabalho era produzido. É a parte do trabalho em que nos lembramos que não estivemos sozinhos. Curiosamente, foi na banca de qualificação que levei um “chacoalhão” quanto a isso, quando um dos professores pontuou que não estava dando os devidos créditos de onde vinha meu *corpus*. Em outras palavras, eu não estava dando ao Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB/PHPB-SC) o devido respeito, e, ao meu próprio trabalho, o tratamento correto, afinal de contas, eu não estava escrevendo sozinha. Neste espaço, aproveito a oportunidade para, devidamente, agradecer quem percorreu essa trajetória comigo.

Antes de tudo, com o maior amor do mundo, agradeço à minha família, o meu núcleo: minha mãe Lenir, a primeira professora que me lembro de ter, quem me introduziu aos livros, me ensinou tudo sobre o amor e a dividir, dona do humor mais refinado do mundo; meu pai Hilário, quem me introduziu ao teatro, dono da melhor gargalhada e o professor que não cheguei a ter, mas que deve ter sido ótimo a julgar pelos momentos em que repassávamos matérias de História na Kibelândia, antes das provas; e ao Mano, meu irmão, Txai, que tem todo o jeito de quem nasceu antes, tinha tudo para ser meu gêmeo e ainda assim, acabou por nascer um ano e dois dias depois, regidos sob o mesmo signo de leão, para que pudéssemos celebrar juntos, mas cada um com seu protagonismo, a pessoa que carrega o nome com o significado mais redondo de todos, sou mais feliz e inteira por compartilhar a vida contigo.

Seguindo a ordem dos sobrenomes, gostaria de agradecer de modo geral, à família Medeiros. Aos tios e tias, os que já partiram e os que continuam aqui, aos primos e primas todos, muito obrigada, as lembranças de infância de dias de Natal na companhia de vocês serão sempre as mais doces. Em especial, gostaria de agradecer à tia Clara e família, tio Jair, Clarissa, Vinícius e Eloísa, foi lindo crescer com vocês e é lindo acompanhar as famílias que vocês vão compondo. Tia, um obrigada em especial por ter se deslocado de Criciúma, da tua rotina, de perder uns dias com o neto para ficar aqui com a minha mãe, cuidando dela na semana da qualificação, em um momento em que eu mal conseguia cuidar de mim e estive por um estalar de dedos de jogar tudo para o alto e desistir. Obrigada por sentar, escutar e comentar, sempre, mas principalmente por sentar com ela para me escutar falar por vinte minutos sobre sujeitos nulos e preenchidos de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses antes da qualificação, foi importante demais, não teria conseguido sem vocês duas.

Não cheguei a conhecer meu avô e avó maternos, Sebastião e Lenir, mas conheci bem os paternos. Ser a primeira neta de um lado da família é uma responsabilidade um tanto quanto grande, que me afrouxou um pouco, é verdade, quando por anos existiu uma distância espacial de mais de 1200km entre um ponto e outro de saudade, divididos entre Florianópolis e Belo Horizonte, e depois mais um pouquinho até Gouveia, no sertão mineiro.

Tentei dedicar esse trabalho ao meu avô, Antônio, *in memoriam*, mas precisava de mais... Mais palavras, mais espaço, porque dali veio o dado mais instigante da minha história. “Seo Antônio” cabe tanto no poema de Drummond, *Canção Amiga*, que aperta e esquentava o coração ao mesmo tempo toda vez que a ouço na belíssima versão de Milton Nascimento no Clube da Esquina 2 (procura aí, vai!). Foi meu vô Antônio que, sem saber, me introduziu a um fenômeno de variação microcós mica e intrafamiliar, *risos*.

A história é a seguinte: Antônio Hilário da Fonseca teve, com Iracema Silveira da Fonseca 4 filhas e 1 filho, e deu um Fons(c)eca para cada um. Ninguém sabe bem como *assucedeu*, mas algum escrivão tomou de licença poética para grafar um Fonceca **com ‘c’** em minha tia e meu pai, que nasceram antes, e minha tia caçula, a única que conservou o Fonseca de registro do vô foi minha madrinha, nascida depois do meu pai. Minha tia, mais tarde, deu o jeito de “consertar”, ao nomear os filhos. Meu pai, no entanto, fez questão de manter a *~forma inovadora* no meu nome e do meu irmão. Eu, linguista, com os dois pés fincados na literatura, não troco por nada o meu charmoso Fonceca *com ‘c’* grafado no sertão mineiro de Guimarães Rosa. Assim, de coração leve, agradeço aos Fons(c)eca, com quem compartilho diariamente essa história tão bonita: às tias Vera e Natália e à madrinha Vânia espalhadas entre Belô, Gouveia e Natal-RN; ao tio Henrique, padrinho Espedito e aos meus primos amados, em ordem, Glauber, Luiza, Virgínia, Arturo e Davi, é muito, muito legal compartilhar essa história linguística-literária com vocês.

O meu agradecimento mais que especial à Dona Iracema, minha avó paterna, dona das melhores histórias do mundo que inspiram a escrever as minhas. Por todo o carinho, amor, conversas, causos, pães de queijo em formato de bonequinhos, doce de leite e angu em formato de galinha e os quitutes que vínhamos comendo nas intermináveis viagens de carro entre Minas e Floripa. As “broinhas da vó”, as bolachinhas meia-lua de queijo, que contém o gosto da minha infância, serão para sempre as minhas favoritas. Agradeço por todos os momentos juntas, quando a vida decidiu que moraríamos uns anos *pertim*.

“*Que bom, amigo/Poder dizer o teu nome a toda gente/Sentir que tu sabes que estou pro que der contigo/Se bem que isso nunca deixou de ser*” Poster (Gustavo), Iarima, Maria, Bia, Ísis, Txai, Luiza, Oliê, nosso grupo está fazendo 18 anos, levei um susto. Dos corredores,

salas de aula, recreios, e Olimpíadas do Beatriz de Souza Brito para a vida, *mesmo*. Que bonita essa amizade que temos! Obrigada por toda a paciência e por não desistirem de mim em meus momentos de sumiço (desde sempre), eu amo vocês demais.

Alessandra, amiga, no primeiro dia do curso de graduação em Letras eu já sabia que serias uma constante. A gente se entende e se ama do nosso jeito particular, na nossa pouca manutenção, nas conversas a cada 3 meses, e nos encontros de duas vezes por ano, com muita coisa para colocar em dia. Acompanhar tua trajetória de pesquisadora em educação é um privilégio. Te apoio e te admiro demais.

Júlia, amiga, obrigada por fazer o comentário certo na hora certa no grupo da Mafagafo, sua amizade me salvou no período em que todos estávamos sem saber o que seria do dia seguinte — e todos os dias depois desses tempos sombrios. Ainda vamos fazer nosso passeio de três dias em Inhotim!

Ao pessoal da amada Mafagafo, que deram espaço para minha escrita criativa, essa parte de mim tão negligenciada, mas que tanto amo. Obrigada também à Milu pela oficina de escrita que veio na hora certa, quando nem torcendo a torneirinha das conectividades mentais eu conseguia escrever sobre sujeito nulo. (Obrigada ao Marco e ao Leandro por proporcionarem esse momento, queridos!)

À Suzy, ao Ide, à Tuíra, Iarima (de novo) e Nahari, às nossas crianças, Ernesto e Tainá. Minha segunda família de Floripa, meu muito obrigada. Suzy obrigada por protagonizar a história mais bonita que conheço, que proporcionou o encontro dos meus pais em um evento universitário em Cuiabá (MT), longe da casa dos dois. Deu certo!

Glauber, Virgínia, Gabizaga, Mano, Bruno, Mateus e Rúbia: obrigada por me apresentarem o Carnaval de Belo Horizonte, percorrer as *Ruas da Cidade* com vocês é bom demais. Obrigada por me lembrarem que a vida acontece lá fora. Ah, Bruno, obrigada pela acolhida em uma semana decisiva e por me ajudar a solucionar a tabela aquele dia, nos 45 do segundo tempo, para enviar o capítulo 1 para o meu orientador antes do Carnaval (eu falei que ia agradecer!).

Ao pessoal da Galódio, esse grupo tão heterogêneo, que uniu as pessoas mais ensandecidas, insanas, enlouquecidas, desequilibradas, piradas pelo Galo doido, surgido dessa ideia maluca do meu irmão de encontrar um lugar seguro para ser torcedor de futebol de esquerda. Obrigada pela acolhida forçada (risos) dessa quase-torcedora, vocês são incríveis e falam demais. *Demais mesmo*.

À Andrea Cozzi, um agradecimento especial por mostrar dentro da sua casa, em Belém-PA, que um outro tipo de escrita acadêmica era possível, em um momento em que eu

questionava tudo, duvidava e desafiava essa área do conhecimento tão complexa que é a Linguística e que tanto me desafia de volta.

Aos professores e professoras do curso de Pós-Graduação em Linguística que fizeram parte da minha formação nesta etapa de mestranda. Agradeço pelos ensinamentos, por ordem de disciplina, aos Prof. Fábio Lopes da Silva, Prof. Marco Martins, Profa. Sandra Quarezemin, Profa. Izete Coelho, Profa. Isabel Monguilhott, Profa. Flávia Martins, Profa. Ana Livia Agostinho, Profa. Cristine Severo, Profa. Edair Görski e Prof. Valter Romano.

À turma de graduação de 2022/1 por aceitarem meus dois dedos de prosa no Estágio de Docência em História da Língua.

À Profa. Izete Coelho, e ao Prof. Valter Romano por terem aceitado o convite para a banca de qualificação, por toda a atenção que deram ao meu trabalho, pelos chacoalhões, e por colocarem os “pingos nos is”.

Às professoras que aceitaram o convite da defesa dessa dissertação, Izete Coelho (novamente), Mônica Orsini e Carla Paza, agradeço.

Aos colegas de curso pelos dias, tardes e noites das disciplinas compartilhadas durante essa jornada.

À Profa. Isabel Monguilhott, Profa. Carla Paza, Profa. Izete Coelho e Prof. Marco Martins e todas as professoras e colegas do VARSUL/PHPB-SC, por receio de esquecer alguém, agradeço em coletivo pelos momentos, trocas, conversas e cafés. Em especial à Kerolyn por todas as dúvidas tiradas, todas as trocas musicais e risadas.

À Ana, ao Lucas, à Camila, ao Saulo, o Leonardo, à Suzane, os orientandos do Prof. Marco que estiveram comigo nessa jornada, obrigada por deixarem minha formação mais tranquila. Camila, obrigada em especial por ajudar com as transcrições das peças. À Ana e ao Lucas pelo olhar atento, pelas conversas, ensinamentos e pelas risadas, vocês me inspiram muito.

Ao pessoal do Ilê Oyá Demi que me acolheu como se fosse de casa, nesse lugar em que sou mera visitante que, respeitosamente, muito observa e pouco fala, e onde sinto tanto.

Ao meu orientador, Prof. (e amigo) Marco Antônio Rocha Martins, agradeço por *tudo* e por *tanto*. Sendo bem sincera e sem dramalhões, eu não sei onde estaria hoje se meu texto na graduação não tivesse batido no lugar certo pra ti. Ainda bem, *ainda bem*, que deu certo. Me inspiras muito como professor e como pessoa, obrigada pela(s) acolhida(s).

Agradeço à maior das musas, a música, que me acompanhou em absolutamente todos os momentos entre leituras, releituras, escritas e reescritas, no caminho para as aulas, na volta para casa, no silêncio do quarto, lá no fundo da mente, nos momentos de insônia em que esse

texto de agradecimento foi se escrevendo. A *playlist oficial da escrita acadêmica* já ultrapassou a marca de 500 faixas em mais de 30h de músicas que embalam, inspiram e carregam essa dissertação nas costas e no colo.

À CAPES, pelo apoio financeiro em parte do período do mestrado.

Com carinho, gostaria de agradecer a mim, por sentir que, mesmo quando todos os problemas inerentes ao percurso de uma pós-graduação se mostraram: a saudade por ter minha família longe, a insegurança, a dúvida e o esgotamento ao ponto de não conseguir escrever nem mais uma linha, eles não foram maiores que perceber que também encontro meu lugar no terreno acidentado da linguística. e lembrar que, em caso de incêndio, o caminho é acalmar, ler mais uma vez, estourar mais uma pipoca, colocar outra música e continuar, sempre.

Por fim, a todos que me lembram constantemente que não estou e não ando só.

“Se hay un hecho indiscutible en el estudio de las lenguas vivas es que estas cambian.” (Conde Silvestre, 2007)

“[Uma] língua, como Ulisses, é uma criatura mística, imaginária. (...) Na realidade trata-se de um epifenômeno, trata-se da produção conjunta de um conjunto de gramáticas. Veremos que uma língua não é uma entidade coerente, bem definida”. (Lightfoot, 1999)

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer, o que pode essa língua?
(Língua, Caetano Veloso)

RESUMO

Nesta dissertação descrevo e analiso processos de mudança sintática no português brasileiro que resultam na realização do sujeito pronominal referencial de terceira pessoa e o comportamento de nossa língua ante o licenciamento do sujeito nulo. O *corpus* é composto por 6 peças teatrais escritas por autores catarinenses nascidos nos séculos XIX e XX, são elas: *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868), *A estória* (Ademir Rosa, 1990), *Os lobos* (Ademir Rosa, 1992), *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992) e *As quatro estações* (Antônio Cunha, 1998). A abordagem teórica que assumo para observar a mudança sintática é a competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), proposta como um modelo teórico que analisa a língua a partir da intersecção de duas teorias linguísticas, a Teoria de Variação e Mudança e a Teoria Gerativa. Também é parte importante da abordagem teórica, o Parâmetro do Sujeito Nulo e os estudos de Maria Eugênia Lammoglia Duarte que tanto contribuíram para observar o *comportamento “peculiar”* do PB ante o licenciamento do sujeito nulo, atestando uma mudança paramétrica que configura o PB como Língua de Sujeito Nulo Parcial. Para a análise dos dados, elaborei um “envelope de variação” (TARALLO, 1997) tendo a realização do sujeito pronominal referencial de terceira pessoa como variável dependente; às variáveis independentes escolhidas são: elemento de concordância (singular vs. plural) padrões sentenciais, traço semântico-referencial, personagens, autores das peças. Os 673 dados foram categorizados em planilhas Excell e analisados no programa estatístico especializado para a linguística, GoldVarb (2005), e apresentaram resultados apontando para um aumento do preenchimento do sujeito de terceira pessoa de 11,4% na peça de Álvaro de Carvalho, para 23% na peça de Coutinho, um aumento considerável ainda no século XIX, e apresentando uma nova queda no século XX com 21,4% no total das peças de Ademir Rosa e, por fim, um novo aumento com Antônio Cunha na década de 1990, 38,8%. Os resultados ajudam a comprovar que Álvaro de Carvalho possui uma gramática de sujeitos nulos, distinta de seu contemporâneo, Coutinho, enquanto Ademir Rosa, representante do século XX, apresenta uma gramática de norma-padrão escrita do português.

Palavras-chave: português brasileiro; mudança sintática; sujeitos pronominais de terceira pessoa; peças teatrais; Santa Catarina.

ABSTRACT

In this dissertation I describe and analyze processes of syntactic change in Brazilian Portuguese that result in the realization of the third person referential pronominal subject and the behavior of our language in the face of the licensing of the null subject. The *corpus* consists of 6 plays written by authors from Santa Catarina born in the 19th and 20th centuries: *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868), *A estória* (Ademir Rosa, 1990), *Os lobos* (Ademir Rosa, 1992), *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992) and *As quatro estações* (Antônio Cunha, 1998). The theoretical approach I take to observe syntactic change is the competition of grammars (KROCH, 1989; 2001), proposed as a theoretical model that analyzes language from the intersection of two linguistic theories, the Theory of Variation and Change and the Generative Theory. Also, an important part of the theoretical approach is the Null Subject Parameter and the studies of Maria Eugênia Lammoglia Duarte, who contributed so much to observing the "*peculiar*" *behavior of BP* in the face of null subject licensing, attesting to a parametric change that configures BP as a Partial Null Subject Language. To analyze the data, I designed a "variation envelope" (TARALLO, 1997) with the realization of the third person referential pronominal subject as the dependent variable; the independent variables chosen are: element of agreement (singular vs. plural) sentential patterns, semantic-referential trait, characters, authors of the plays. The 673 data points were categorized in Excell spreadsheets and analyzed in the specialized statistical program for linguistics, GoldVarb (2005), and showed results pointing to an increase in the filling in of the third person subject from 11.4% in Álvaro de Carvalho's play, to 23% in Coutinho's play, a considerable increase still in the 19th century, and showing a further drop in the 20th century with 21.4% in the total of Ademir Rosa's plays and, finally, a further increase with Antônio Cunha in the 1990s, 38.8%. The results help to prove that Álvaro de Carvalho has a grammar of null subjects, different from his contemporary, Coutinho, while Ademir Rosa, a representative of the 20th century, has a grammar of standard written Portuguese.

Keywords: brazilian portuguese; syntactic change; third-person subject pronouns; theatrical plays; Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Sujeito nulo de terceira pessoa em cartas catarinenses e peças cariocas entre os séculos XIX e XX (percentuais)	18
Figura 2 — Verbo perifrástico 'do' em diferentes contextos no Inglês	26
Figura 3 — Primeira ampliação do agrupamento das línguas de sujeito nulo ante o quadro flexional: sujeito expresse; sujeito nulo expletivo e sujeito nulo referencial.....	49
Figura 4 — Nova esquematização para subparâmetros de sujeito nulo: revisando o sujeito referencial.	50
Figura 5 — A hierarquia de parâmetros das línguas de sujeito nulo.	52
Figura 6 — Exemplo de “ <i>bife</i> ” na íntegra em Raimundo (Álvaro de Carvalho, 1868)	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — A posição do sujeito e ordem dos clíticos em jornais brasileiros entre os séculos XIX e XX.....	32
Gráfico 2 — A trajetória das três pessoas do discurso em peças teatrais ao longo do tempo	63
Gráfico 3 — Preenchimento de sujeito no curso do tempo na escrita de autores catarinenses por ano de nascimento (frequência de uso).....	89
Gráfico 4 — O preenchimento do sujeito pronominal em peças teatrais no curso do tempo entre os séculos XIX e XX.	90
Gráfico 5 — Sujeitos de terceira pessoa preenchidos (vs. nulos) segundo o padrão sentencial	95
Gráfico 6 — Frequência de uso de preenchimento de sujeito por personagens em três faixas de idade	97
Gráfico 7 — Concordância numeral (singular vs. plural) em sujeitos preenchidos em peças teatrais catarinenses	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Exemplos de fenômenos de mudança sintática no PB	34
Quadro 2 — Peças teatrais observadas, autores e ano de publicação	43
Quadro 3 — As quatro classificações de Línguas de Sujeito Nulo.....	52
Quadro 4 — Diferenças entre sujeitos nulos e preenchidos na terceira pessoa em PB e PE em texto escrito.	65
Quadro 5 — Sujeitos de terceira pessoa preenchidos (<i>versus</i> nulos) segundo o padrão sentencial ao longo dos sécs. XIX e XX.	70
Quadro 6 — Sujeitos nulos de terceira pessoa segundo o traço semântico ao longo do tempo em peças de teatro (Adaptado de Duarte, 2019).....	71
Quadro 7 — Sujeitos nulos de terceira pessoa na fala segundo a faixa etária	71
Quadro 8 — Peças teatrais, ano de publicação e autores da pesquisa.....	76
Quadro 9 — Rubrica-de-cabeçalho de uma peça teatral com informações de personagem.....	79
Quadro 10 — Delimitação das faixas de idade das personagens	84
Quadro 11 — Fichas de personagens da peça <i>Raimundo</i> (Álvaro de Carvalho, 1868) para análise (modelo-piloto).....	111
Quadro 12 — Fichas das personagens da peça <i>Quem desdenha quer comprar</i> (Lacerda Coutinho, 1868) (modelo-piloto)	112
Quadro 13 — Fichas das personagens da peça <i>A estória</i> (Ademir Rosa, 1990).....	113
Quadro 14 — Fichas das personagens da peça <i>Os lobos</i> (Ademir Rosa, 1992)	114
Quadro 15 — Fichas das personagens da peça <i>Flores de Inverno</i> (Antônio Cunha, 1992).....	114
Quadro 16 — Fichas das personagens da peça <i>As Quatro Estações</i> (Antônio Cunha, 1998).....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — XclV, próclise a V1 e próclise ao verbo não finito em complexos verbais em peças teatrais escritas por catarinenses entre os séculos XIX e XX por nascimento do autor	31
Tabela 2 — Combinações verbais em dois <i>corpora</i> distintos (cartas e peças)	42
Tabela 3 — O preenchimento do sujeito nas três pessoas do discurso, em peças teatrais brasileiras no decorrer dos séculos XIX e XX	54
Tabela 4 — Frequência de uso e percentual de sujeitos pronominais de terceira pessoa (preenchidos e nulos) por autores de peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX	82
Tabela 5 — Distribuição dos dados totais de sujeitos preenchidos e sujeitos nulos coletados em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX	86
Tabela 6 — Peso relativo e percentual de preenchimento do sujeito em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX	91
Tabela 7 — Frequência de uso, percentuais e peso relativo dos padrões sentenciais em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX (sujeitos preenchidos vs. nulos)	93
Tabela 8 — Frequência de uso, percentual e peso relativo de sujeitos preenchidos (vs. nulos) por personagens de peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX	96
Tabela 9 — Percentuais de preenchimento de sujeito segundo o traço semântico-referencial em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 — PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
1.1 — Introdução.....	22
1.2 — O modelo de competição de gramáticas e o estudo da mudança gramatical.....	23
1.2.1 — <i>A concepção chomskiana de gramática</i>	23
1.2.2 — <i>A mudança sintática e o modelo de competição de gramáticas</i>	24
1.3 — Sintaxe diacrônica e pesquisas de fenômenos linguísticos em mudança no português brasileiro	33
1.4 (Quebrando a quarta parede): — Por que peças teatrais?.....	38
1.5 — Conclusão ao Capítulo 1.....	45
CAPÍTULO 2 — O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO	46
2.1 — Introdução.....	46
2.2 — O Parâmetro do Sujeito Nulo e a Hierarquia de Parâmetros	46
2.3 Tipos de Línguas de Sujeito Nulo	51
2.3.1 <i>Os quatro tipos de Língua de Sujeito Nulo</i>	51
2.3.2 <i>Línguas de Sujeito Nulo Consistente (LSNC)</i>	53
2.4 — Sujeitos Nulos e novas abordagens formais em Kato, Martins e Nunes (2023)	55
2.5 — Português Brasileiro, língua de Sujeito Nulo Parcial?	58
2.6 — Maria Eugênia Lammoglia Duarte e e detalhado estudo sobre Sujeito Nulo no Português Brasileiro	61
2.6.1 <i>Padrões sentenciais</i>	66
2.6.2 <i>Traços semânticos-referenciais</i>	68
2.7 Conclusão ao Capítulo 2.....	73
CAPÍTULO 3 — METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM PEÇAS DE TEATRO CATARINENSES DOS SÉCULOS XIX E XX.....	74
3.1 — Introdução.....	74
3.2 — Metodologia.....	75
3.2.1 <i>Detalhamento do corpus: as peças teatrais catarinenses</i>	75
3.2.2 <i>O “envelope de variação” (para retomar sempre Tarallo, 1986)</i>	80
3.2.4 <i>Licenciamento dos sujeitos nulos</i>	84

3.3 Análise dos dados	86
3.3.1. <i>Os autores em análise</i>	88
3.3.2. <i>Os padrões sentenciais em análise</i>	92
3.3.4 <i>As personagens em análise</i>	95
3.3.5. <i>A flexão de concordância numeral (singular x plural) em análise</i>	97
3.3.6. <i>Os traços semânticos-referenciais em análise</i>	98
3.4 Conclusão ao Capítulo 3	100
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	105
REFERÊNCIAS DOS CORPORA: PEÇAS TEATRAIS EM ANÁLISE (POR ORDEM DE NASCIMENTO)	108
APÊNDICE A – AS PEÇAS TEATRAIS CATARINENSES	110
<i>Raimundo</i> (Álvaro de Carvalho, 1868)	110
<i>Quem desdenha quer comprar</i> (Lacerda Coutinho, 1868)	112
<i>A estória</i> (Ademir Rosa, 1990)	113
<i>Os lobos</i> (Ademir Rosa, 1992)	114
<i>Flores de Inverno</i> (Antônio Cunha, 1992)	114
<i>As Quatro Estações</i> (Antônio Cunha, 1998)	115

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação surgiu em uma atividade final da disciplina História da Língua, ainda na graduação de licenciatura em Letras — Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde, sem muitos domínios de análises quantitativas, montei um panorama dos estudos feitos sobre o comportamento do sujeito nulo no português brasileiro. Àquela época, pandêmica, alguns dos textos foram disponibilizados pelo Prof. Marco Antônio Rocha Martins para embasamento e fui verdadeiramente instigada quando percebi o termo “*comportamento peculiar*” (Duarte, 2018 [1993]) para designar o movimento do português brasileiro (doravante PB) ante o licenciamento dos sujeitos nulos, distinto de outras línguas românicas, como o italiano, o espanhol e o português europeu (doravante PE).

A ideia de montar um panorama dos estudos do sujeito nulo no PB aliado à análise em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX veio da descoberta do profícuo trabalho de Maria Eugênia Lammoglia Duarte (1995; 2016; 2018 [1993]; 2020, entre outros); Duarte, Mourão, Santos (2012), que montou boa parte de seus *corpora* em peças teatrais cariocas escritas entre os séculos XIX e XX. Com isso, através da leitura de ‘*Os sujeitos de 3ª pessoa: revisitando Duarte 1993*’ (Duarte, Mourão, Santos, 2012), o que era apenas uma ideia, pesquisar e analisar a realização do sujeito pronominal referencial de terceira pessoa em peças catarinenses no curso do tempo, se tornou realidade.

Por esta se caracterizar como uma pesquisa histórico-diacrônica na observação de um fenômeno de mudança sintática (ou gramatical) que ocorre em uma “sucessão [de] ciclos temporais gramaticais entrecortados por catástrofes” (Paixão de Sousa, 2004, p. 42), precisei me voltar a textos escritos anteriormente que, porventura, foram conservados e chegaram aos dias atuais. Desse modo, para os fins desta pesquisa, o corpus é constituído por peças teatrais escritas por autores catarinenses dos séculos XIX e XX, considerando que são nos textos históricos, ao contrário da pesquisa sincrônica, que podemos identificar “informações sobre o curso de tempo de uma mudança na gramática de uma língua” (MARTINS, 2009, p. 104).

Dentre a gama de *corpora* disponíveis no banco de dados diacrônico físico e digital do projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC) e do projeto Variação Linguística da Região Sul (VARSUL) da agência atuante na Universidade Federal de

Santa Catarina¹ foram selecionadas seis peças teatrais: *Raimundo* (Álvaro Augusto de Carvalho, 1868); *Quem desdenha quer comprar* (José Cândido de Lacerda Coutinho, 1868); *A estória* (Ademir Rosa, 1990); *Os lobos* (Ademir Rosa, 1992); *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992) e *As quatro estações* (Antônio Cunha, 1998).

Os critérios de escolha das peças teatrais foram os seguintes: as obras precisavam ser todas escritas por catarinenses, nascidos entre os séculos XIX e XX, para que eu pudesse observá-las através do curso do tempo em busca do que se teoriza no modelo de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), de que seria possível encontrar, nos textos catarinenses, competição entre mais de uma gramática² (Martins, 2009; 2024, entre outros).

Para analisar os 673 dados recolhidos das seis peças teatrais catarinenses citadas, parto da justificativa de que o falante do PB teria uma preferência por preenchimento dos sujeitos pronominais a partir da perda de conjugação verbal, fato observado, não somente, por Duarte (1993; 1995; 2016; 2019, entre outros); Duarte, Mourão, Santos (2012); Berlinck *et al.* (2015); Galves (1993; 2020); Roberts (1993; 2019). A escrita da dissertação partiu do meu interesse de pesquisar o fenômeno em mudança em perspectiva diacrônica. Para tal, recorro às peças de teatro escritas entre os séculos XIX e XX por autores com origem na região Sul do Brasil, especificamente em Santa Catarina, tendo como hipótese que o movimento de variação demoraria um pouco mais a se implementar na escrita catarinense por se tratar de uma região mais conservadora (Nunes de Souza e Coelho, 2015³; Vieira Pinto, 2020; Coelho e Vieira Pinto, 2021).

Vieira Pinto (2020) apresentou, em sua tese de doutoramento, uma análise na “*Trajectoria de mudança do sujeito e objeto anafóricos em cartas pessoais brasileiras e portuguesas dos séculos XIX e XX*”, atestando, em cartas de ilustres e não-ilustres catarinenses. Em uma comparação dos dados de terceira pessoa encontrados em sua pesquisa

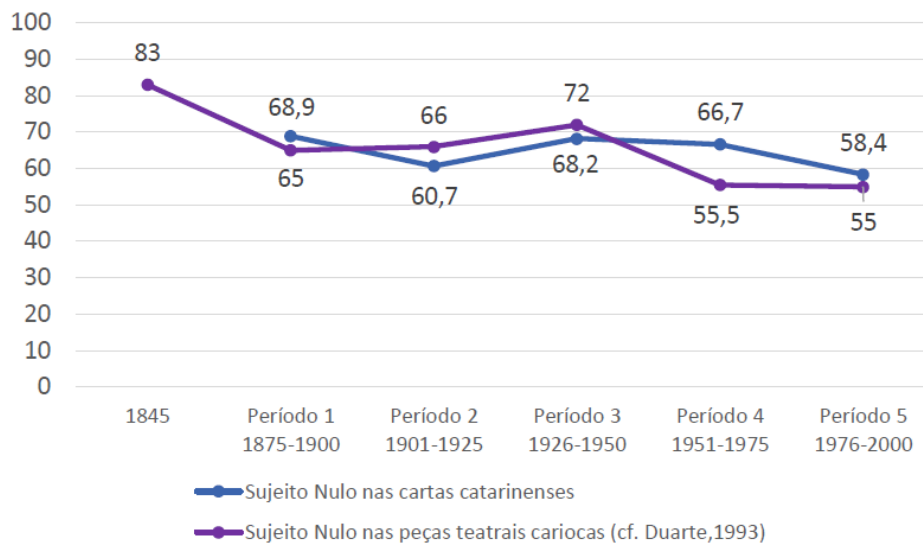
¹ As peças aqui utilizadas pertencem à agência do VARSUL na UFSC desde 2009 e, atualmente, pertencem, também, ao projeto Para a História do Português de Santa Catarina (PHPB-SC), coordenado pelo Professor Marco Antonio Rocha Martins.

² Prevê-se, para a pesquisa de Doutorado e em trabalhos futuros, o aumento de corpora, com revisão das obras teatrais já incorporadas ao PHPB-SC e rastreamento e recolha de outras, que serão incorporadas ao Projeto. Além disso, a faixa de tempo também será alargada, abrangendo o século XXI.

³ Nunes de Souza e Coelho (2015) publicaram um artigo em que analisam a alternância de pronomes de segunda pessoa (P2) em cartas de ilustres e não-ilustres escritas em Santa Catarina entre os séculos XIX e XX que compõem o corpus do PHPB-SC. Como analiso apenas os sujeitos pronominais de 3ª pessoa (singular e plural) trago alguns dos dados apenas como ilustração. As autoras encontraram resultados que insinuam alguns contrastes (cf. Nunes de Souza e Coelho, 2015) entre, antes, a preferência dos ilustres em utilizar a forma nula, com um traço de conservadorismo. Para os não-ilustres, as autoras analisaram cartas de duas regiões catarinenses: Florianópolis e Lages, escritas na segunda metade do século XX, encontrando uma variação entre os pronomes tu (nulo) e você (expresso).

nas missivas catarinenses com os dados em peças teatrais de Duarte (1993 apud. Duarte, Mourão, Santos, 2012), como os apresentados na Figura 1 a seguir.

Figura 1 — Sujeito nulo de terceira pessoa em cartas catarinenses e peças cariocas entre os séculos XIX e XX (percentuais)



Fonte: Vieira Pinto (2020, p. 325)

Ao comparar os resultados encontrados em suas pesquisas Vieira Pinto (2020) encontrou dados que indicam similaridades nas curvas de uso do sujeito nulo nas cartas catarinenses e peças cariocas nos séculos XIX e XX, de modo geral. No entanto, é possível perceber uma leve resistência na escrita de cartas catarinenses, com o aumento do preenchimento do sujeito na primeira metade do século XX (66,7% de sujeitos nulos em cartas catarinenses e 55,5% em peças cariocas)⁴.

Em artigo, Coelho e Vieira Pinto (2021) apresentaram, ainda observando missivistas catarinenses dos séculos XIX e XX, dados que sugerem uma utilização expressiva e consistente de sujeitos nulos, totalizados em 79% *versus* 21% de sujeitos preenchidos nas formas pronominais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (cf. Coelho e Vieira Pinto, 2021, p. 299). As amostras foram analisadas estatisticamente com uma rodada para conferir dados totais de

⁴ Ainda sobre a pesquisa de Vieira Pinto (2020) com missivistas catarinenses dos séculos XIX e XX, vale a menção aos dados de sujeito nulo contabilizados a partir de sua data de nascimento. Nessa rodada (cf. Vieira Pinto, 2020, p. 299-302), a pesquisadora encontrou dados que corroboram a hipótese de escrita conservadora, com dados esperados, principalmente, na segunda metade do século XIX, onde o sujeito nulo perseverou retratando, segundo a autora, “a norma linguística lusitana que vigorava fortemente no Brasil (Vieira Pinto, 2020, p. 302)”. No entanto, ressalta-se os resultados encontrados em Maria de Senna (1904), Jayme Bertaso (1912) e Remetente MR (1960), missivistas que indicam uma preferência para o preenchimento de sujeito, com 41%, 55% e 51% respectivamente, resultados bastante inovadores para o início do século XX.

nulos e preenchidos e, posteriormente, análise unidimensional e binomial para investigar se há indicativo de mudança de nulo para pleno na escrita catarinense através dos 7 conjuntos de cartas observados.

Dentre os resultados de sujeito nulo vs. sujeito preenchido, os dados foram estratificados e analisados em cada uma das formas pronominais observadas. No caso da 3ª pessoa, as autoras encontraram o resultado de 63,6% e .30 de peso relativo em realizações de sujeito nulo, com esta forma apresentando alguma inovação no uso de sujeitos preenchidos comparativamente às outras duas, em especial a primeira pessoa que apresentou o total de 86,8% de sujeitos nulos e peso relativo de .62.

Já para os resultados com base na combinação com as variáveis de animacidade do sujeito de 3ª pessoa, as autoras encontraram dados que tencionam uma inovação da 3ª pessoa em comparação à 1ª e 2ª. Nessa análise, as autoras obtiveram percentuais que orbitaram entre 30% a 57% de sujeito nulo de 3ª pessoa, indicando uma preferência pelo preenchimento do sujeito nessa forma pronominal. Com exceção de Harry Laus (1984-1992) que favorece o nulo com seus 81%, novamente, Maura Senna aparece como inovadora com 39% de sujeito nulo, indicando uma preferência pelo preenchimento do sujeito.

Os trabalhos citados, acompanhados aos de Martins (2015; 2020) apresentam resultados que corroboram a hipótese de uma implementação mais lenta ao preenchimento do sujeito na escrita da região Sul, sugerindo uma escrita mais conservadora por parte dos catarinenses.

Para observar e tentar entender a nossa língua, optei por recorrer ao modelo teórico de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001) e observá-la a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1984). Dessa maneira, busco entender as mudanças sintáticas que impulsionaram o Português Brasileiro (PB) para uma categoria distinta das outras línguas românicas, a de Língua de Sujeito Nulo Parcial, como teoriza Duarte (2018).

Para essa pesquisa sigo os resultados obtidos nas pesquisas de Duarte (1993; 1995; 2012; 2018, entre outros) que atestam o comportamento peculiar do PB quanto à realização ou não dos sujeitos nulos referenciais de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, dispostos em Padrões Sentenciais, postulados por Cyrino, Duarte, Kato, (2000), revisitados por Duarte, Mourão, Santos (2012), aliados aos traços referenciais, aos autores e à época em que foram escritas as peças teatrais, mídia de pesquisa escolhida para a análise, entre os séculos XIX e XX.

Para que a análise de sujeitos pronominais plenos de terceira pessoa seja bem aproveitada e fluida, o texto da dissertação está dividido em três capítulos, que assim delimito:

No capítulo 1, apresento os pressupostos teóricos. Nele constam os textos que embasam e estruturam esta pesquisa e guiam a dissertação. Segue, após a presente introdução, em 1.2 — O modelo de competição de gramáticas e o estudo da mudança gramatical, a seção onde apresento estudos relevantes à perspectiva que assumo de gramática e a partir de qual modelo teórico irei investigá-la, embasada em um dos modelos que trabalham com a interseção entre gramática gerativa e teoria de princípios e parâmetros: o modelo de competição de gramáticas. Em 1.3 — Sintaxe diacrônica e pesquisas de fenômenos linguísticos em mudança no português brasileiro, apresento um panorama dos estudos em sintaxe diacrônica e de fenômenos sintáticos já realizados no PB. Em 1.4 (Quebrando a quarta parede): — Por que peças teatrais?, peço licença, brevemente, aos protocolos acadêmicos para, antes de apresentar a justificativa teórica, apresentar de maneira particular a escolha de peças teatrais para o estudo de mudança sintática. Finalmente, a seção 1.5 segue a retomada aos pressupostos vistos no capítulo 1.

No capítulo 2, trato especificamente do Sujeito Nulo, elemento componente da sintaxe das línguas naturais que é avalizado em função de sua contraparte preenchida, tratada por mim, na presente dissertação, como a forma inovadora em caráter de competição à nula, observada, como já descrevi, em peças teatrais. O capítulo foi por mim estruturado de tal forma: em 2.2 — O Parâmetro do Sujeito Nulo e a Hierarquia de Parâmetros, apresento panoramicamente, o PSN e a Hierarquia de Parâmetros, completando com 2.3 — Tipos de Línguas de Sujeito Nulo, onde observo o *comportamento peculiar* (Duarte, 2016) do PB ante as outras línguas de sujeito nulo consistente românicas. Esses componentes são imprescindíveis para que eu possa apresentar, com a seção 2.6 — Maria Eugênia Lammoglia Duarte e o detalhado estudo sobre sujeito nulo no Português Brasileiro, um panorama dos estudos da linguista sobre o sujeito nulo no PB, especialmente em peças teatrais, trazendo elementos que serão incorporados na análise, como os Padrões Sentenciais (Barbosa; Duarte; Kato, 2005) e Traços Semânticos-Referenciais (Cyrino, Duarte, Kato, 2000).

No capítulo 3 estão a metodologia e análise dos dados, assim delimitados: em 3.2 — Metodologia, apresento e destaco os processos metodológicos para a utilização das peças teatrais; em seguida, detalho o “envelope de variação” (Tarallo, 1986) com os conjuntos de variáveis dependente e independentes por mim utilizadas. Caracterizam a variável dependente o preenchimento do sujeito versus sua contraparte nula; para as variáveis independentes estão: os autores, os padrões sentenciais, os traços semânticos, as personagens e o elemento de concordância (singular vs. plural). Finda o capítulo a seção onde finalmente analiso os dados

coletados nas peças teatrais catarinenses em 3.3 — Análise dos dados com os dados analisados em duas rodadas: frequência de uso e binomial, para peso relativo.

Por fim, integro a esta dissertação, em Apêndice A — As peças teatrais catarinenses, breves resumos de cada uma das seis peças em análise com fichas de personagens que desenvolvi para auxiliar na catalogação e categorização das personagens.

CAPÍTULO 1 — PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 — Introdução

Neste primeiro capítulo, apresento os pressupostos teóricos aos quais recorro para montar o embasamento de minha pesquisa.

Deste modo, estão as subseções assim descritas: em 1.2 e 1.3 apresento os conceitos pertinentes à concepção de gramática adotada nesta pesquisa, bem como os pressupostos teóricos que sustentam a análise do processo de mudança linguística e o modelo teórico que assumo para tentar convergir à análise dos dados, a competição de gramáticas, conforme proposto por Kroch (1989; 2001) e revisto por Martins (2013) e Martins, Coelho e Cavalcante (2015). Aqui, assumo a língua como indissociável da sociedade; ao mesmo tempo em que busco apoio na teoria gerativa para elucidar sua relevância nos estudos de mudança sintática e no modelo da competição de gramáticas, para analisar os dados coletados. Assim, tento fazer uma intersecção entre vertentes modernas do estudo da língua para entender os fenômenos em mudança em línguas naturais, e mais especificamente no português no Brasil.

Em 1.4 me debruço em apresentar um panorama de estudos feitos em mudança sintática, para lançar mão de alguns exemplos pertinentes ao estudo do sujeito nulo no português brasileiro. Na subseção 1.5 *Por que peças teatrais?* me dedico a refletir sobre tal questionamento, considerando-o pertinente, para além de motivos pessoais, figurando dentre os gêneros de escrita disponíveis para pesquisa no PHPB. Nesse embalo, disserto sobre a relevância da utilização de peças teatrais e do gênero textual-discursivo como textos-fonte em pesquisas linguísticas de caráter diacrônico. Sendo esses gêneros já considerados pela literatura como *corpora* fidedignos para pesquisas de fenômenos em variação na língua, busco auxílio de Duarte (1993; 1995; 2012; 2016; 2019), Coelho e Nunes de Sousa (2014); Martins (2009); Pinto (2020); Berlinck e Brandão (2021), entre outros, para apresentar as peças teatrais como materiais relevantes na pesquisa de mudança e variação do PB em Santa Catarina.

Ao final, uno ao capítulo uma breve retomada que conclui o que discuti durante o primeiro capítulo da dissertação.

1.2 — O modelo de competição de gramáticas e o estudo da mudança gramatical

Entender a concepção de gramática e o modelo teórico de mudança linguística que assumo na dissertação é relevante para, a partir dela, evoluir a linha de raciocínio e, desse modo, alcançar uma maior profundidade nos temas aqui abordados.

A concepção de gramática que assumo neste momento vem da vertente gerativa dos estudos da linguística, com o conceito da Gramática Universal de Chomsky (1994 [1986]) que é importante para sustentar os preceitos da Teoria de Princípios e Parâmetros e, em particular, do Parâmetro do Sujeito Nulo, aos quais retornarei no capítulo 2. Aliados à teoria chomskyana estão os preceitos do estudo da mudança sintática de Kroch (1989; 2001). E, para que seja possível interrelacionar tais conceitos, me debruço sobre o modelo teórico de competição de gramáticas, que permite uma convergência entre essas concepções que disserto a seguir.

1.2.1 — A concepção chomskiana de gramática

O que se convencionou denominar “Gramática Universal” seria um estado inicial da Faculdade da Linguagem (FL), comum a todos os seres humanos, presente na mente/cérebro quando a criança nasce. Ao entrar em contato com *inputs* da gramática de uma língua L (qualquer língua natural) no período de aquisição da linguagem, a criança conseguirá alcançar um estágio relativamente estável da FL.

Para Chomsky (1994 [1986]), a língua natural tem caráter biológico, se caracterizando como um *estado* da mente/cérebro. A língua seria, então, uma representação relativamente estável de estados mentais transitórios estratificada em dois conceitos técnicos, Língua-E e Língua-I, em que, dentre tantas definições, destaco:

- Língua-E: caracteriza-se como um construto das propriedades mentais/do cérebro e é assimilada como um conjunto de sistemas. A língua-E é o objeto real dos estudos linguísticos.
- Língua-I: é entendida como a língua internalizada do indivíduo, compreende-se a gramática como a teorização da Língua-I.

A gramática, na concepção de Chomsky (1986), seria uma representação teórica a partir de exposição de amostras de Língua-E, por um indivíduo que fala uma Língua-I (cf. Martins, 2012). Concluindo o raciocínio, nas palavras de Martins,

[Em] termos mais técnicos, gramática é uma teoria sobre a Língua-I de um indivíduo que sabe uma língua, adquirida quando esse indivíduo foi exposto a amostras de um objeto exteriorizado nas mais diversificadas situações de uso, ou a amostras de Língua-E. (Martins, 2012, p.18)

A proposta de teorização da gramática nos pressupostos de Chomsky possui relevância em diversos estudos, levando à elaboração de teorias e modelos que ajudam a explicar os fenômenos de mudança morfosintáticos, fonéticos e lexicais da língua. Delimitando ao interesse do trabalho, passo agora à teorização da mudança sintática de Kroch e, por fim, o modelo que permite sua intersecção à teoria chomskyana.

1.2.2 — *A mudança sintática e o modelo de competição de gramáticas*

Em 1989, Kroch publicou um artigo sobre mudança sintática, que ganhou bastante importância entre pesquisadores da área, em que tencionou apurar dados empíricos que ajudariam a explicar problemas teóricos encontrados em processos linguísticos através do tempo nos estudos de Linguística Histórica e de mudança sintática.

Kroch (1989) inicia o texto se dirigindo a um problema metodológico que ronda os estudos de Linguística Histórica, especialmente os de ordem sincrônica da sociolinguística laboviana, e diz respeito à “arte de fazer o melhor uso de maus dados” (Labov, [1982: 20] apud Mattos e Silva, 2008, p. 7). O problema se dá pela escassez dos dados encontrados que tenham sobrevivido por acaso às “vicissitudes do tempo” (Kroch, 1989, p.199).

Para superar esse problema metodológico que se encontra no cerne da análise sincrônica da Linguística Histórica em perspectiva sociolinguística, Labov (1975, apud Kroch, 1989) defende que, mesmo existindo tais dificuldades, as informações extraídas dos dados disponíveis são suficientes para análises de base gramatical. Ademais, os problemas seriam lenidos⁵ caso o linguista

- i. considerasse que ‘o passado é igual ao presente’ e investigasse meios de “usar o presente para explicar o passado” (Labov, 1975, apud Kroch, 1989, p. 199).

Tal solução significaria que os princípios gerais utilizados por esse linguista

⁵ Caro leitor, cara leitora, se voltarem à sessão de agradecimentos será possível entender a escolha por utilizar esse sinônimo à palavra “mitigados/diminuídos/apaziguados” para definir a solução ao problema metodológico encontrado por sociolinguistas históricos, trata-se de uma singela homenagem aos nomes de minha mãe e avó materna, Lenir, um verbo que significa, dentre alguns, “mitigar” tradução literal à frase de Kroch (1989) aqui reproduzido: “[the] difficulty will be mitigated if two reasonable assumptions are made”.

para observar as línguas naturais no presente, podem igualmente ser utilizados em formas de sincronias passadas.

- ii. ao analisar sentenças simples, depara-se com uma forma que não apresenta dados substanciais; no entanto, uma vez que as sentenças apresentem a ocorrência de determinada forma em uma língua natural qualquer, o linguista considerasse essa forma como agramatical em tal língua.

Em uma proposta que absorve materiais históricos, Kroch (1989) irá optar por uma abordagem que prevê a importância de tais materiais relacionados aos estudos linguísticos levando em consideração um componente muito importante: o tempo. A mudança sintática prioriza a utilização de materiais históricos para que seja possível, através deles, observar as línguas no curso do tempo; dessa forma, espera-se observar “como a gramática das línguas muda de um estado para o outro com o passar do tempo” (Kroch, 1989, p. 199).

Kroch (1989) apresenta exemplos de contextos em que ocorreram fenômenos de mudança linguísticos em diversas línguas através do curso do tempo, procurando evidenciar a teoria de C. J. Bailey (1973). São eles⁶ (cf. Kroch, 1989, p. 7-15):

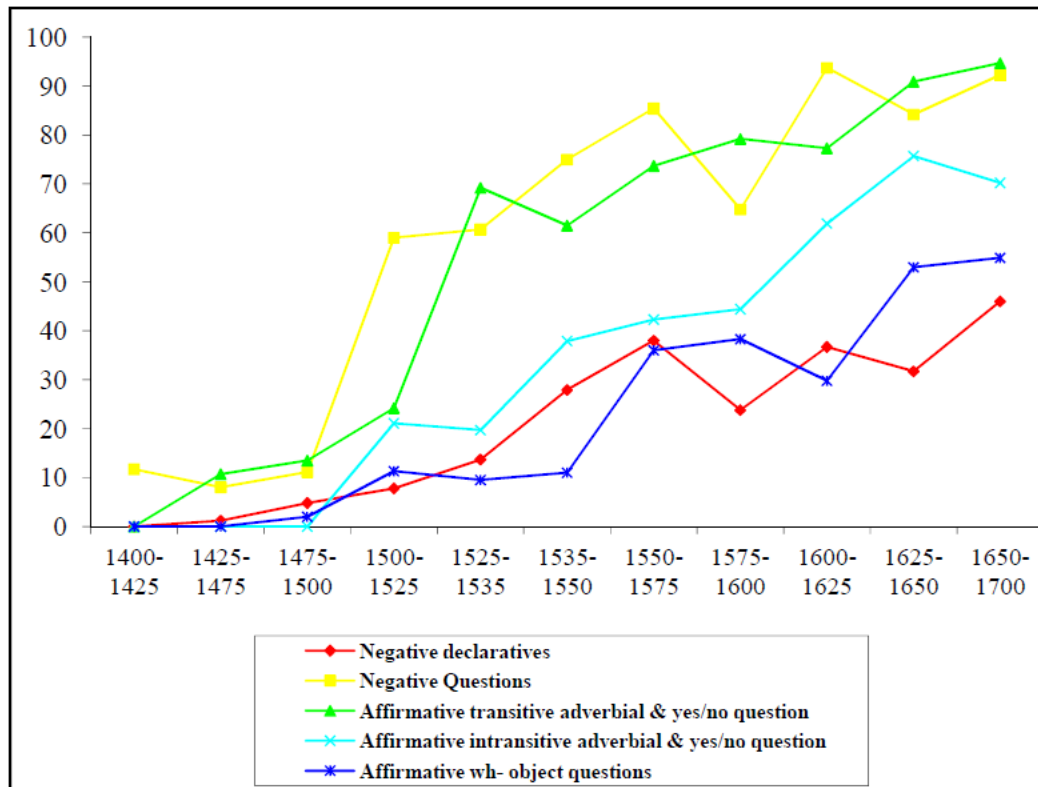
- i. A substituição de “*have*” por “*have got*” no Inglês Britânico;
- ii. O alçamento de posição do artigo definido antes de possessivos no Português Continental;
- iii. A perda da ordem V2 em Francês;
- iv. E, por fim, um estudo de reanálise de Kroch no caso do ‘*do*’ perifrástico em Inglês.

Como pontua o próprio Kroch (1989), os dois primeiros são substituições de ordem morfossintática que não implicam em reordenação de subsistemas da gramática, enquanto o terceiro requer uma análise mais robusta por mexer na estrutura sintática do francês, causando uma reorganização sintática.

Já para o caso do ‘*do*’ perifrástico em inglês, foram elencados 5 contextos sintáticos que ajudaram a evidenciar a teoria de Bailey (1973, apud Kroch, 1989). Fazem parte das curvas representadas na Figura 2 a seguir: sentenças transitivas e intransitivas afirmativas adverbiais e interrogativas sim/não; sentenças afirmativas QU; declarações negativas e questões negativas.

⁶ Nesse momento, apresento os contextos como meramente demonstrativos de exemplos de mudança sintática, para uma leitura aprofundada consultar o referido artigo de Kroch (1989).

Figura 2 — Verbo perifrástico 'do' em diferentes contextos no Inglês



Fonte: Martins, 2009, p. 37 (Adaptado de Kroch, 1989)

Seguindo a interpretação de Kroch (1989), as curvas no gráfico da Figura 2 apresentam uma evolução do verbo auxiliar ‘do’ em língua inglesa, desenhando uma curva em S em todos os contextos (cf. Martins, 2009, p. 38). Kroch (apud Martins, 2009, p. 38) interpreta que essa entrada do verbo auxiliar ‘do’ nesses diferentes contextos “reflete uma mudança paramétrica”, de modo que “a natureza da mudança sintática está associada a uma reanálise do sistema dos verbos auxiliares e o licenciamento (ou não) do movimento do verbo no sistema do inglês no curso dos séculos” (Martins, 2009, p. 38, grifos meus).

Em termos mais específicos, esses exemplos são 5 contextos sintáticos que evidenciam o que Bailey (1973, apud Kroch, 1989) denominou de *Constant Rate Effect*, ou Taxa de Efeito Constante. A Taxa de Efeito Constante evidencia que, em uma série de contextos linguísticos, quando uma forma gramatical substitui outra com a qual estava em competição, a taxa de substituição, quando mensurada de maneira apropriada, será a mesma. Os contextos em que elas ocorrem serão diferentes em cada período de gradação da forma nova, mas a taxa, à medida que a forma avança, será a mesma.

Para Kroch (1989), seguindo a interpretação de Bailey (1973), a substituição de uma forma antiga por uma nova seguiria uma curva em “S” (“J-curve”), seguindo gradualmente

sua linha de tempo até a implementação. Com isso, a forma inovadora começaria a se estabelecer lentamente nos primeiros momentos de evolução, acelerando a substituição enquanto avança sobre a forma antiga. Finalmente, quando a forma antiga já apresenta dados menos frequentes, a forma nova volta a diminuir a velocidade de seu avanço.

Bailey (1973, apud Kroch, 1989) supôs que nos contextos em que a forma inovadora se realiza com maior frequência, esse avanço até sua completa implementação sobre a forma antiga aconteceria de forma mais rápida, o que, para Kroch não se concluiu. Os contextos observados por Kroch (1989) e retomados na Figura 2, apresentaram, à interpretação do autor, que a mudança não ocorre da incidência de contextos favoráveis ou desfavoráveis, que demonstraram ocorrer em uma mesma taxa, indistintamente; isso evidencia, que preferencialmente, os efeitos funcionais, discursivos e do processamento se dão a partir da escolha do falante (cf. Kroch, 1898, p. 36)⁷ dentre as formas disponíveis em sua língua.

Delimitada a interpretação de Kroch (1989), vamos a um segundo momento do autor, mais atual, em que ele tenciona analisar o percurso da mudança sintática, interligada à aquisição da linguagem. Kroch ([2001] 2021)⁸ afirma que, na perspectiva gerativista,

[a] mudança linguística é estreitamente condicionada pelo requerimento de que todas as línguas se adaptam a especificações da faculdade humana da linguagem; mas o fato de que a língua muda, assim como o fato bruto da diversidade estrutural das línguas do mundo, marca um limite para a especificação. (Kroch, [2001] 2021, p. 23)

Seguindo a perspectiva gerativista Kroch ([2001] 2021, p. 23) define a mudança linguística como “uma falha na transmissão de traços linguísticos através do tempo” que, se supõe, ocorre no processo de aquisição da linguagem quando a criança está aprendendo a língua de seus pais/pares. As falhas na transmissão são, então, falhas no aprendizado da língua.

Os estudos de aquisição da linguagem geralmente tomam por certo que a evidência a que o aprendiz é exposta (sic) é suficiente para garantir uma aprendizagem precisa por parte de um aprendiz competente; isto é, uma criança na sua idade crítica. (Kroch, [2001] 2021, p. 24)

⁷ Houve paráfrase do trecho: “They demonstrate instead that change proceeds at the same rate in all contexts, and that, as far as one can tell, disfavoring contexts acquire new forms no later than favoring ones, though at lower initial frequencies.” (Kroch, 1989, p. 36)

⁸ Para que não ocorram anacronismos, a tradução a que me refiro foi produzida por Silvia Cavalcante ao texto ‘*Syntactic change*’ de Kroch (2001), disponível na revista *Working Papers em Linguística*, 2021, nº 22, v.2. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/86882>>. Acesso em: 28 de março de 2024.

Kroch ([2001] 2021) justifica que há uma certa complexidade na delimitação da eficácia de uma mudança linguística, por, antes de tudo, não se saber quais são esses limites. Este intrincamento resulta em restrições às evidências quantitativas e sociolinguísticas que se preservaram na própria manipulação da evidência com falantes aprendizes. De modo que já se espera que as análises assumam um caráter bem mais descritivo ao invés de apresentar dados realmente conclusivos.

Mesmo em comunidades muito delimitadas haverá alguma maneira de agir sobre uma forma gramatical e inserir outra, causando instabilidade na aquisição da gramática anterior, como, por exemplo, em casos de desvios sintáticos. Esses se tornam, no decorrer do tempo, casos clássicos de *competição de gramáticas* ou diglossias sintáticas (Kroch, 2021, p. 28, grifos meus), significando que estas formas em competição podem, desse modo, aparecer de maneiras diferentes no registro social do falante, com uma forma vernacular agindo lentamente sobre uma forma escrita fora de uso.

Transplantando as teorias do modelo de competição de gramáticas para o contexto do português brasileiro, Martins (2009) propõe que a mudança observada na gramática do PB perpassa primeiro por uma aceção de que a nossa língua teria derivado do Português Clássico (doravante, PC). Martins (2009) então define que existem, no contexto de falantes de português brasileiro, no cenário da escrita catarinense, competição entre três gramáticas diferentes do português. Seriam elas:

- i. uma gramática advinda do PC oriunda de uma escrita conservadora;
- ii. uma do PB, nossa gramática inovadora e, por fim,
- iii. uma terceira gramática com origem no PE, de caráter normativo e marcada sociolinguisticamente (cf. Martins, 2009, p. 19).

Martins (2009) defende, aos preceitos da teoria de mudança sintática no modelo de competição de gramática, que “a alteração na fixação de um parâmetro na gramática de uma língua seja, antes de tudo, sempre catastrófica” (Martins, 2009, p. 35). E que ao analisarmos os dados por uma perspectiva diacrônica, como assumida nesta dissertação, podemos observar que textos escritos, como as peças teatrais, irão apresentar a competição entre dois tipos de gramática, uma inovadora, vernacular e outra conservadora, aproximada à norma padrão, oriunda de uma escrita conservadora.

Martins (2013) apresenta dois pontos imprescindíveis para assumir a proposta de que a competição de gramáticas, diferentemente da sociolinguística paramétrica⁹ (outro modelo estatístico já em grande difusão) atua em um alinhamento diferenciado na convergência de propriedades da teoria gerativa e da Teoria de Variação e Mudança (doravante, TVM) no estudo da mudança sintática.

O primeiro ponto é destinado a explicar, resumidamente, as diferenças nas abordagens que os dois modelos assumem para seus conceitos de mudança sintática. A concepção de mudança adotada pela Sociolinguística Paramétrica está atrelada à perspectiva da TVM, para a qual a variação ocorre na esfera intralinguística e decorre da "diferenciação quantitativa e qualitativa na marcação de um parâmetro na gramática de uma língua" (Martins, 2013, p. 10). Em contraste, o modelo de competição de gramáticas adota a concepção da teoria gerativa, partindo do princípio de que "a observação empírica entre formas variáveis no curso do tempo é a competição entre diferentes formas geradas por diferentes gramáticas" (Martins, 2013, p. 10).

O segundo ponto levantado por Martins (2013) diz respeito ao problema de implementação. Na Sociolinguística Paramétrica, o problema de implementação é "verticalizado" na propagação da mudança ou em como a mudança evolui no curso do tempo. Já para a competição de gramáticas, a mudança se implementa em uma língua quando o indivíduo, na época de aquisição de linguagem, "adquire um parâmetro diferente daquele associado à gramática alvo" (Martins, 2013, p. 11).

Como exemplos ilustrativos aos pressupostos teóricos na delimitação do conceito de gramática e sua correlação com o modelo de competição de gramáticas, recorro ao artigo de Martins, Coelho e Cavalcante (2015) para apresentar ocorrências que avançam sobre a hipótese do modelo observado no PB.

No artigo em que expõem, através de exemplos comparativos entre o PE e o PB, os dois modelos estatísticos que convergem propriedades da teoria gerativa com a TVM (ie: Sociolinguística Paramétrica e competição de gramáticas), Martins, Coelho e Cavalcante (2015) utilizam dois fenômenos históricos do português, colocação pronominal e posição do sujeito, para ilustrar a convergência das teorias.

Para acessar os fenômenos analisados sobre a mudança do PC para o PE, Martins, Coelho e Cavalcante (2015) trouxeram partes de estudos de Paixão de Sousa (2004);

⁹ Não dissertarei sobre a Sociolinguística Paramétrica nesse momento. Para um aprofundamento teórico ver (TARALLO; KATO, 2007 [1989]; DUARTE, 2016; 2019) e para um estudo comparativo entre os dois modelos que convergem propriedades da teoria gerativa com a TVM, ver (MARTINS, 2013; MARTINS, COELHO, CAVALCANTE, 2015).

Cavalcante (2011) e para a mudança observada no português brasileiro, o trabalho de Martins (2009), aqui já referido.

Paixão de Sousa (2004, apud Martins, Coelho, Cavalcante, 2015) observou a evolução da ênclise em orações principais antecidas por orações dependentes e complementos retomados ou por um advérbio não modal ou sujeito não focalizado. Seu trabalho mostrou que a proporção de ênclise em orações com sujeitos pré-verbais (SVcl) apresenta um aumento significativo no século XVIII. Para a autora (apud Martins, Coelho, Cavalcante, 2015, p. 238), esse resultado ilustra uma mudança gramatical *estrutural* no século XVIII comparado aos textos dos séculos XVI, XVII, que estariam próximos, na interpretação de Paixão de Sousa (2004), à escrita do século XV.

Paixão de Sousa defende que a evolução de SVcl observada em diferentes contextos nos textos escritos está associada a diferentes propriedades nas gramáticas do PC e do PE em casos de fronteamento e de adjunção¹⁰ (cf. Martins, Coelho, Cavalcante, 2015, p. 239, justificando a perda de fronteamento observada na gramática do PE. O fronteamento que se apresenta na gramática do PC explica-se pela natureza do verbo em segunda posição (V2) ao qual voltarei na subseção seguinte. A diferença de função se dá pelos sujeitos pré-verbais presentes na gramática do PC serem sujeitos fronteados, o que se observa para outro elemento qualquer; enquanto no PE isso não ocorre por não ser uma gramática de comportamento V2 (cf. Martins, Coelho, Cavalcante, 2015).

Outro exemplo apresentado por Martins, Coelho e Cavalcante (2015) e, também, por Martins, Cavalcante e Coelho (2020), oriundo do trabalho de Martins (2009), é o aumento do uso de próclise em diferentes contextos no PB. Para tal, Martins (2009) observou a próclise sobre três contextos em peças teatrais escritas por catarinenses do século XIX e XX, são eles:

¹⁰ Martins, Coelho, Cavalcante (2015) definem fronteamento e adjunção de tal modo: o primeiro se apresenta “na configuração em que, derivado por movimento na sintaxe, o constituinte pré-verbal está numa posição interna na estrutura oracional” e o segundo se caracteriza na configuração onde, “sem movimento na sintaxe, o constituinte pré-verbal está numa posição externa aos domínios oracionais”. Os exemplos a seguir ilustram os casos.

1. #[xv, sendo X um constituinte de sintagma verbal (VP) tal como advérbios modais, quantificadores, focos e argumentos do verbo.
 - a. #[**Bem** me importava...
 - b. #[**Muito** vos desejei...
 - c. #[**Todos** me tratam...
 - d. #[**Elas** mesmas lhe contaram
(Paixão de Sousa, 2004, p. 72, retirado de Martins, Coelho, Cavalcante, 2015, p. 239)
2. X#[V, sendo X uma oração dependente ou um PP adjunto.
 - a. **Suspenso o imperador com esta proposta** #[disse-lhe Ariano
 - b. **Em Sintra** #[obrigavam-lhe a tomar
 - c. **Por esta razão** #[lhe pareceu
(Paixão de Sousa, 2004, p. 74, retirado de Martins, Coelho, Cavalcante, 2015, p. 239)

- i. Próclise em contextos XV, onde X é um sujeito não focalizado, um advérbio não modal ou PP;
- ii. Próclise ao verbo em primeira posição absoluta, e;
- iii. Próclise ao verbo não finito.

Os três contextos são exemplificados a seguir (1 a 3), e então demonstrados no período observado na Tabela 1, adaptado do texto original de Martins (2009, p. 293).

(1)

- a. D. Leonor — Obedeço. *O futuro se encarregará* de responder por mim. [segundo Wanderley, 1860-1909]
- b. Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agaselhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e *encarecidamente ME pediste* agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [Thiago, 1856-1916]
- c. Roberto — *Em tempo ME pagarás*. [segundo Wanderley, 1860-1909]

(2)

ME chamaste, meo coração? [Os ciúmes do capitão (1880), de Arthur C. do Livramento (1853-1897)]

(3)

- a. Mas, senhor... Isso *vai ME comprometer*... e eu espero... [Coutinho, 1841]
- b. Silvério — *Diz-ME* uma cousa, Turibia; como é que menino sahio assim ruivo, sendo eu tão moreno?/*Turibia* — Não *posso TE explicar*! Caprichos da natureza! [Livramento, 1853].

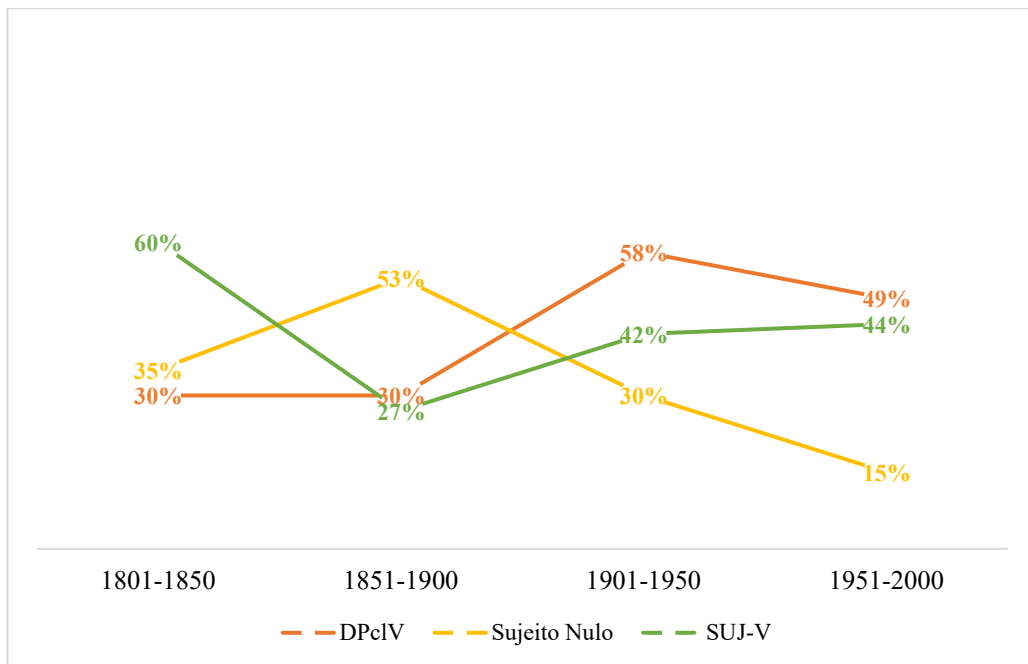
Tabela 1 — XclV, próclise a V1 e próclise ao verbo não finito em complexos verbais em peças teatrais escritas por catarinenses entre os séculos XIX e XX por nascimento do autor

PERÍODO	XclV	Próclise a V1	Próclise ao verbo não-finito em complexos verbais
1850	28,5%	0	14%
1875	14%	2%	22%
1900	59%	6,5%	23%
1950	95%	47%	73%
1975	95%	38%	86%

Fonte: Martins, (2009, p. 293). Adaptado.

Recentemente, Martins, Cavalcante e Coelho (2020) voltaram a demonstrar que, no caso do PB, a escrita jornalística da primeira metade do século XIX, reflete um padrão da gramática observada no PC, que contém formas antigas de uma escrita conservadora (Martins, 2009), ilustrado no Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 — A posição do sujeito e ordem dos clíticos em jornais brasileiros entre os séculos XIX e XX



Fonte: Martins, Cavalcante, Coelho, 2020, p. 8.

Ou seja, ao olharmos os fenômenos sintáticos de mudança, aqui analisados, nominalmente: o comportamento proclítico, a ordem sujeito-verbo e sujeito nulo, nas estruturas do material escrito da primeira metade do século XIX, podemos constatar, como observado na gramática do PC, o padrão proclítico anteposto ao verbo ([XP]clV). O padrão proclítico, que se observa como advindo da forma inovadora, presente na gramática do PB, com sujeitos lexicais e próclise em ordem SV, tem sua ascensão somente a partir da segunda metade do século XIX e, em maior expressividade, no início do século XX chegando a 58%.

Martins, Cavalcante e Coelho (2020) apresentaram dados que atestam evidências de reflexos de gramática do tipo-V2¹¹, oriunda do PC, na escrita de brasileiros em jornais e

¹¹ As línguas V2 são aquelas que obrigatória ou preferencialmente apresentam o verbo na segunda posição em sentenças matrizes e permitem que qualquer sintagma preencha a posição pré-verbal, não sendo essa reservada somente ao sujeito. Caracterizam-se como línguas de sintaxe V2 as línguas germânicas modernas, com exceção do inglês. No caso das línguas românicas, como o português é observada uma “versão flexível da sintaxe V2” (cf. GALVES, 2020, p. 18).

cartas, com certa expressão na primeira metade do século XIX, enquanto os textos observados correspondentes à segunda metade do século XX apresentam propriedades de uma gramática sujeito-verbo (SV) o que corrobora a hipótese descrita anteriormente.

Ainda que dados de um período relativamente curto como o decorrido entre os séculos XIX e XX, como bem salientou Martins (2009), sejam limitados para aventar observá-los como mudança sintática na competição de gramáticas, os dados que repliquei e os que também apresento em análise no terceiro capítulo desta dissertação parecem também revelar processos de mudança sintática em um efeito constante como previsto por Kroch (1989; 2021), Martins (2009; 2013), Martins, Coelho e Cavalcante (2015), Martins, Cavalcante e Coelho (2020) ao comparar a outras pesquisas sobre o sujeito nulo no português brasileiro.

1.3 — Sintaxe diacrônica e pesquisas de fenômenos linguísticos em mudança no português brasileiro

Remetendo às epígrafes da dissertação, as línguas mudam, e isso é indiscutível. Por mais que possamos definir uma língua como uma entidade não-coerente (Lightfoot, 1999, apud Paixão de Sousa, 2004), justamente por se tratar, como definiu Lightfoot (1999, apud Paixão de Sousa, 2004) de um epifenômeno, essa produção de conjuntos de gramáticas... muda. O que interessa, então, é entender como e por que essas mudanças ocorrem (Kroch, 2021).

Como já mencionado na seção anterior, Kroch (2021 [2001], p. 23) definiu que “uma mudança linguística é por definição uma falha nos traços linguísticos através do tempo”. Paixão de Sousa (2004) complementa que, na questão das temporalidades, “podemos pensar que na *substituição das gramáticas* opera o *tempo catastrófico* e a *ruptura*; nas *alterações graduais* das línguas opera o *tempo linear* e a *herança*” (Paixão de Sousa, 2004, p. 42).

Uma mudança linguística de ordem sintática, por exemplo, envolve ruptura, catástrofe e caos, mexendo com toda a estrutura sintática de uma língua, para que o rearranjo das peças com as novas formas seja efetivamente implementado à língua. Logo, um fenômeno como a perda do sujeito nulo no PB, embora destacado do todo para uma análise mais refinada nessa dissertação, não ocorre sozinho: para que, ao mesmo tempo em que ele ocorra, auxilie na reorganização de outros fenômenos, existem outras peças extremamente importantes também passando por processos de mudança na estrutura sintática.

Estudos que analisam as mudanças sintáticas no português brasileiro não são novidade. Há mais de trinta anos, Tarallo (1991) reuniu algumas pesquisas feitas em estudos

sociolinguísticos que apresentavam questões de mudança sintática do PB. O autor, ao mencionar a mudança estrutural da língua no final do século XIX, observou os seguintes fenômenos: (i) o enfraquecimento da ordem verbo-sujeito e a tendência para a implementação da ordem SVO (sujeito-verbo-objeto) (dos estudos de Berlinck (1988; 1989); (ii) o objeto nulo aparece como um elemento novo no PB (Tarallo; 1983; Cyrino, 1990); e (iii) a fixação da ordem sujeito-verbo em interrogativas diretas, (observados por Duarte (1990). Esses são considerados alguns dos fenômenos clássicos nos estudos de mudança sintática do PB.

Em um estudo mais recente, apresentado no volume *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica* (2019), Ian Roberts pontua importantes questões de mudança sintática no Português Brasileiro Moderno e no Inglês Moderno, de maneira comparativa. Roberts (2019) propõe um paralelo entre as duas línguas a partir de um traço “social”, colocando o inglês e o PB como “línguas marginais”¹². Esse não é o ponto que apresentarei aqui, por agora, interessa observar a lista de fenômenos em mudança sintática (Quadro 1) que, de acordo com o autor, estão na base de formação do PB. A lista de “propriedades anômalas” verificadas no português brasileiro por Roberts (2019) está adaptada a seguir.

Quadro 1 — Exemplos de fenômenos de mudança sintática no PB

Fenômeno	Exemplos
1. Sujeitos nulos ¹³ parciais se sobrepõem aos do tipo consistentes (com sujeitos nulos de raiz e de 3ª pessoa do singular sendo interpretados como arbitrários).	(i) É assim que Ø faz o doce.
2 Superposição nas flexões de pessoa e número nos verbos de 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural (a gente/nós).	(ii) É assim que a gente faz o doce.
3 Perda da inversão livre de sujeito, salvo exceções em certos casos.	(iii) Chegaram os meninos. (iv) *Telefonaram os meninos.
4 Perda de clíticos objetos de 1ª e 2ª pessoa.	
5 Objetos nulos.	(v) O estudante levou o livro para a biblioteca depois que leu ---.
6 Movimento “baixo” de verbo.	(vi) A Maria já conhece esta história. (vii) A Maria *conhece já esta história.

¹² Para esta aproximação entre PB e IM e uma visão mais aprofundada das mudanças sintáticas analisadas pelo autor para o IM conferir Roberts (1991).

¹³ Mesmo com Roberts (2019) referindo-se aos sujeitos nulos em plural, nesta dissertação tomo como opção utilizar o termo a partir de Kato, Martins e Nunes (2023), que, em seu recente trabalho “Português Europeu e Português Brasileiro: sintaxe comparada” (2023, editora Contexto), defendem a existência de diferentes tipos de sujeitos nulos nas línguas naturais, que diferem quanto aos seus licenciamentos. No capítulo intitulado “Sujeitos Nulos”, os autores apresentam três tipos de sujeitos nulos: definidos, indefinidos e expletivos e comparam as maneiras de licenciamento entre PE e PB.

7	Nomes nus contáveis capazes de ocorrer em posição argumental	(viii) Cachorro(s) gosta(m) da gente.
8	Pronomes formalmente nominativos como complementos de Verbo e Preposição.	(ix) A Maria viu você na escola (x) Ele fez isso para eu ficar feliz.
9	Concordância com tópicos, não sujeito, possessivos e locativos.	(xi) As ruas do centro da cidade não tão passando carro. (xii) O João é difícil de agradar.
10	Sujeitos preposicionados	(xiii) Na minha escolha aceita cartão de crédito.
11	Concordância variável entre sujeito e verbo	(xix) As criança(s) brincava na varanda.

Fonte: Roberts, 2019 (Adaptado).

De acordo com Roberts, as mudanças relacionadas aos fenômenos demonstrados nos exemplos 1 a 6 podem ser atribuídas à perda ou nivelamento da flexão verbal; enquanto as de 7 a 11 indicam, segundo Galves e Avelar (2017 apud Roberts, 2019), uma certa influência através do contato com as línguas Bantu¹⁴.

Um ano após a publicação de Roberts (2019), Galves (2020) também (re)tornou seu olhar aos pilares da mudança sintática no PB, no artigo “*Mudança Sintática no Português Brasileiro*”. Para abordar o tópico em seu artigo, a autora parte de dois questionamentos anteriormente elaborados. Galves (2020) abre o texto com uma pertinente indagação de Ivo Castro: “há que determinar que tipo de português veio nas caravelas” (Castro, 1994, p. 138 apud Galves, 2020, p. 18); a ela emenda o segundo questionamento, de Ilza Ribeiro: “as mudanças sintáticas do português brasileiro são mudanças em relação a que, (ou melhor *qual*), gramática?” (Ribeiro, 1998, p. 101 apud Galves, 2020, p.18, grifo meu)

Para Galves (2020), o PB teria suas raízes na “língua das caravelas” que aportaram nestas terras à época da chegada dos portugueses, sendo estes nascidos entre os séculos XVI e XVII, primeiro momento de implementação do português no Brasil. Naquele tempo, essa língua portuguesa era caracterizada como uma língua de *sujeito nulo consistente*, com sintaxe

¹⁴ Apesar de contato entre línguas ser algo de grande interesse pessoal, não será discutido de maneira aprofundada nessa dissertação. No entanto, resgato exemplos que corroboram a hipótese de Galves; Avelar (2017 apud Roberts, 2019). Muitas línguas do grupo Bantu apresentam a concordância locativa e possessiva, como apresentadas nos exemplos abaixo, retirados de Roberts (2019, p. 45):

(3) Concordância locativa em Bantu (Kinande, língua falada na República do Congo):

Omo- mulongo mw-a-hik- a (o?-)-mu- kali.

Vila chegar mulher

“Chegou uma mulher na vila”

(4) Concordância/alçamento do possessivo em Bantu (Chichewa, língua falada principalmente no Maláui, mas também em Zimbábue e Moçambique)

Mavuto a- na- f- a maso.

Mavuto morrer olhos

“Mavuto ficou cego.” (“Os olhos de Mavuto morreram.”)

tipo-V2¹⁵, que prioriza o verbo em segunda posição sintática, podendo ser antecedido por qualquer sintagma que não o sujeito, diferentemente do que se observa atualmente na estrutura do PB, com uma estrutura fixa do tipo sujeito-verbo-objeto (SVO).

Para Galves (2020), seis fenômenos são importantes para a observação da mudança sintática no PB: (i) queda do sujeito nulo; (ii) fixação da ordem SV (ao contrário de VS, de línguas germânicas); (iii) mudança na colocação e posição dos clíticos; (iv) queda do clítico objeto de 3ª pessoa; (v) prevalecimento do objeto nulo; (vi) contato com as línguas Bantu.

Neste mesmo artigo, Galves (2020) reflete sobre a mudança sintática no PB, e para tal, a autora delinea um breve panorama sobre os progressos nos estudos feitos na investigação da evolução sintática na língua, observando-os através de elementos que influem no desencadeamento de mudanças morfossintáticas diversas. No entanto, não me prolongarei nesses elementos, no momento, para além de um breve comentário sobre uma consequência da queda do sujeito nulo.

Antes de adentrarmos o Capítulo 2, em que desenvolvo, detalhadamente, o fenômeno do sujeito nulo no português brasileiro, julgo pertinente apresentar uma consequência da queda do sujeito nulo abordada por Galves (2020). O que Galves (2020) traz como consequência da mudança na queda do sujeito nulo é o trabalho de Avelar (2018), que, analisou a competição entre as formas “ter” e “haver” no PB, como no exemplo da sentença a seguir, retirada de Galves (2020, p. 23):

(4) “*Na primeira Prença tem farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro*”
(Anúncios, Idade d’Ouro do Brazil/Bahia, 22/12/1818)

O estudo de Avelar (2018 apud Galves, 2020) apresenta uma progressão do verbo auxiliar “ter” agindo para substituir a forma “haver” na expressão de existência, presente já no século XIX. Isso se apresenta como uma consequência da interpretação indeterminada desse sujeito nulo, e é possível observar esse tipo de ocorrência no século XIX em anúncios da Bahia. E não somente nesse Estado, outros exemplos da segunda metade do século XIX podem ser observados em São Paulo (1879) e no Ceará (1888), de onde se conclui que o sujeito nulo parcial no PB (ao qual retornarei a falar, em detalhes, no Capítulo 2) já está

¹⁵ Línguas tipo-V2 são as que se caracterizam, de acordo com Galves (2020) como aquelas que, de maneira obrigatória ou preferencialmente, exibem o verbo em segunda posição em orações matrizes quando a posição pré-verbal não está reservada ao sujeito, podendo ser substituída por qualquer outro sintagma, que se deslocará no interior da sentença por razões discursivas. São consideradas línguas tipicamente V2: línguas germânicas modernas, com exceção do inglês. A línguas românicas antigas, como o português europeu que chegou com as caravelas, possuem certa flexibilidade para a sintaxe tipo-V2 (cf. Galves, 2020, p. 18).

presente em nossa língua no século XIX, apresentando variação nos gêneros onde é encontrado, como cartas, anúncios, jornais e peças teatrais, bem como territorial, ocorrendo tanto no nordeste quanto no sudeste.

Antes de entrarmos de fato no Capítulo 2, para me deter realmente no tema do sujeito nulo no PB, sugiro uma quebra de quarta parede. Este é um recurso oriundo das representações de peças teatrais para acentuação de algum sentido, frequentemente, para distensionar a plateia ou para aprofundar uma cena cômica. De todo modo, espera-se que uma quebra de quarta parede *aproxime* o público do espetáculo se desenrolando a sua frente. Esse é o momento em que o público se torna parte de uma peça e sente sua presença reconhecida para além do borrão de rostos desfigurados que o ator vê do palco, enquanto mira num ponto neutro na parede para conter o nervosismo. Desse modo, convido o leitor para seguir à subseção 1.4 para entender, comigo, a sensação de, antes de tudo, ter sido escolhida pelo *corpus* antes de sequer saber o que fazer com ele.

1.4 (Quebrando a quarta parede): — Por que peças teatrais?

Em breve retornaremos à verve acadêmica de apresentações de elaborados arcabouços teóricos dos mais distintos, em uma intersecção que torne possível observar textos históricos de diferentes gêneros em vertente diacrônica. Agora, peço licença para um oportuno momento de respiro.

Apesar de existirem justificativas teóricas, as quais irei retomar, esse momento tem outro direcionamento. Aqui, gostaria de apresentar uma justificativa pessoal para além das justificativas teóricas, buscando uma reflexão acerca da utilização de peças teatrais como *corpus* para pesquisas diacrônicas.

É frequente, quando sou questionada sobre o que estou estudando por pessoas ligadas ao teatro, que ao dar minha resposta, um quase perder de brilho tome lugar. Junto com ela, uma dúvida muito, muito grande do que quer dizer estudar o sujeito nulo em peças de teatro. E eu entendo, com uma risadinha, por um fato simples, não se imagina Teatro com *sujeitos nulos*. Atores, diretores, roteiristas, técnicos de iluminação e som, o hilário¹⁶ senhor encarregado pelo transporte de cenário, o público, as personagens: *tudo* o que o Teatro tem é um grupo de sujeitos bastante “preenchidos”.

Cresci em meio ao teatro, de certa forma: de espectadora na plateia, às aulas em escolas diferentes, até, já uma jovem adulta, a escolha óbvia e perfeita para a prática de melhor consciência corporal e desinibição, mas antes, durante e depois disso, experenciei o teatro como leitora. A primeira peça que li, aos 10 anos, foi uma cópia adaptada de *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, que estava disponível em um armário de sala que continha alguns livros para os alunos da, na época, 5ª série (hoje, 6º ano). Ter esse primeiro contato por pura curiosidade de mini-leitora fez toda a diferença; ainda lembro de muitos detalhes. Ler Shakespeare, naquele momento, foi uma experiência por vezes até sinestésica. Eu podia me sentir em meio à mata, vendo a Rainha Titânia bem à minha frente.

Dali, passei por aulas de teatro dentro e fora da escola, com maior ou menor frequência, e vez ou outra colocando uma peça entre minhas leituras. Já na faculdade, minha formação foi, em boa parte, e de maneira muito suave, voltada à Literatura, até o último semestre. Em uma decisão de não finalizar um curso tão presente em minha vida, decidi, antes que *baixassem as cortinas* para a sua conclusão, me despedir com um estrondo. Foi nesse

¹⁶ E essa, caro leitor, cara leitora, é uma singela homenagem a quem começou tudo isso: meu pai, Hilário, uma vez, num tempo longínquo, um jovem ator experimental em Belo Horizonte, atualmente é transportador de cenários de teatro.

momento que escolhi as últimas três disciplinas do curso de Letras — Língua Portuguesa e Literaturas Vernáculas, três optativas (como eu amava fazer) da área de Linguística (terreno não explorado para além do obrigatório no currículo, e com o qual eu tinha pouquíssima familiaridade). Dentre as disciplinas estava *História da Língua*, a primeira a ser escolhida, porque trazia a frente uma disciplina pela qual sou apaixonada: História. Com a leitura dos textos durante o semestre, percebi a pesquisa de Maria Eugênia Lammoglia Duarte sobre *o sujeito nulo em peças teatrais*; ao passo que, quando foi proposto, como avaliação final da disciplina, um ensaio em que se elaborasse uma reflexão sobre um fenômeno em mudança no português brasileiro, não tive dúvidas. Escolher observar um fenômeno sintático que pouco tinha familiaridade em *peças teatrais* deixou esse exercício final mais suave. Havia, enfim, algo conhecido no meio de muita teoria desconhecida.

Então, ao pessoal do teatro respondo agora que estou falando aqui de um sujeito pronominal presente na estrutura sintática de nossa fala e escrita, que apresenta valores binomiais para marcar sua ocorrência e sua contraparte nula. O sujeito nulo pronominal demarca uma posição em que, estruturalmente, parece vazia, mas não está. Observe os exemplos (5) e (6) retirados de Duarte, Mourão, Santos (2012):

(5)

Limoeiro: [O tenente-coronel] ainda não veio?

Perpétua: Ø está lá dentro.

(Como se fazia um deputado, França Júnior, 1882)

(6)

Dolores — Agora **ele** não vai mais poder dizer as coisas que **ele** queria dizer.

O que se observa no PB é um maior preenchimento do sujeito, como o exemplo (6) em situações em que figuraria um nulo, e isso suscita algumas hipóteses interessantes, às quais explicarei mais adiante, mas que perpassam, inclusive, de um encontro entre a fala e a escrita. Ora, sendo esse o caso, qual melhor lugar para se pesquisar tal fenômeno que uma peça teatral, o gênero escrito mais próximo à representação humana e coloquialidade? O que interessa, nesse momento, é desfazer a confusão e aproximar o público. Espero ter conseguido. Voltemos aos academicismos.

Para além de justificativas pessoais, há uma justificativa teórica e dois projetos¹⁷ que nos levam a aceitar as peças teatrais como um gênero válido para textos-fonte em pesquisas linguísticas (DUARTE, 1993; 1995; 2012; 2016; 2019 etc; Martins 2009; 2013; Coelho e Nunes de Souza, 2014; Berlinck *et al.*, 2016, entre outros). Existem duas vertentes que assumem perspectivas distintas ante o direcionamento de pesquisas que utilizam *corpora* escritos dos mais diversos¹⁸ nos estudos sobre as línguas naturais, são elas: a textual e a discursiva.

Na primeira, interessa ao pesquisador esmiuçar e analisar a “materialidade linguística do texto” (Biazolli; Berlinck, 2021, p. 07). À segunda, a perspectiva discursiva, é de suma relevância para que se observem contextos extratextuais, como o contexto em que a obra foi produzida e a recepção do texto, oriunda da perspectiva bakhtiniana.

Desse modo, entendo que os gêneros discursivos são “práticas sociais e textual-discursivas, avaliando-os a partir de propósitos comunicativos, estrutura organizacional e estilo, e a partir dos valores e significados ideológicos subjacentes ao texto” (Biazolli; Berlinck, 2021, p. 07). Ainda, compreendo que os textos dramáticos são pensados para serem falados, que simulam, na sua escrita, a fala, ou seja, o vernáculo. Desse modo, busco fundamento para auxiliar em uma justificativa à pesquisa de texto em perspectiva diacrônica em peças teatrais para além da afeição pessoal, entendendo essas como gênero textual-discursivo.

Pensando nos conceitos, compartilho da perspectiva teórica de Biazolli e Berlinck (2021) e Berlinck e Brandão (2021) sobre gênero para explicar a utilização de peças teatrais catarinenses pertencentes ao PHPB-SC como textos-fonte — assim como fazem Duarte (1993; 2018; 2019); Duarte, Mourão, Santos, (2012); Martins (2009); Coelho e Nunes de Souza (2014); Berlinck e Brandão (2021) e Kato, Martins e Nunes (2023) – para amparar o estudo nos textos dramáticos escritos por catarinenses dos séculos XIX e XX.

A ideia norteadora é, então, encontrar meios de estabelecer uma intersecção com a finalidade de criar um “constructo teórico-metodológico que fundamente as investigações nos processos de variação e mudança” (Biazolli; Berlinck, 2021, p. 08), voltados à observação e análise na realização do sujeito pronominal de terceira pessoa no português brasileiro.

¹⁷ As peças aqui utilizadas pertencem à agência de Santa Catarina do VARSUL (UFSC) desde 2009 e, atualmente, pertencem, também, ao projeto Para a História do Português de Santa Catarina (PHPB-SC), coordenado pelo Professor Marco Antonio Rocha Martins. Voltarei a mencioná-los.

¹⁸ Para citar alguns exemplos dos textos-fonte mais utilizados no PHPB-SC temos as cartas pessoais, cartas do leitor, cartas ao editor, anúncios de jornal, peças teatrais. Além desses, estudos em novas mídias oriundas da internet também têm chamado a atenção de linguistas em diferentes linhas de pesquisa.

Em um estudo recente, intitulado *Por uma sociolinguística histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais*, Berlinck e Brandão (2021) exemplificam com dados seu estudo acerca de um fenômeno em mudança na língua: a alternância verbal em construções condicionais.

Pensando na reconstrução da trajetória da mudança (cf. Martins, 2009, p. 102) associada à reconstrução histórica da língua como propôs Mattos e Silva (apud Berlinck e Brandão, 2021), procuro considerar a história linguística e sociocultural, entendendo-as como indissociáveis. Desse modo, visando a correlação entre fatores extra e intralinguísticos (cf. Berlinck e Brandão, 2021, p. 233) torna-se praxe apresentar os materiais escritos, como a peças teatrais coletadas, sob um ponto de vista sócio-histórico com apoio no modelo de competição de gramáticas.

Berlinck e Brandão (2021), retomando Labov, aludem à dificuldade do pesquisador linguista que utiliza textos nos estudos de sincronias passadas, uma vez que, nessa abordagem metodológica de análise multidisciplinar da sociolinguística histórica, a língua *precisa* ser entendida como *fator indissociável* da sociedade, sendo fundamental que sejam considerados certos aspectos.

Para desenvolver tal estudo, Berlinck e Brandão (2021) optaram por utilizar peças teatrais e cartas pessoais produzidas no Brasil durante o século XX. À guisa de maior utilidade para a sistematização desta dissertação, livro-me da obrigatoriedade de apresentar o desenvolvimento da pesquisa das autoras nos dois gêneros, me bastando para este momento, situar somente acerca do estudo das peças teatrais. Dessa maneira, reiterando a relevância da utilização do gênero dramático nos estudos de mudança sintática.

Berlinck e Brandão (2021) determinaram para o estudo envolvendo peças teatrais e cartas, o objetivo de

[expandir] e aprofundar reflexões sobre as correlações que podem se estabelecer entre características construtivas ou situacionais dos textos-fonte para análises de processos de variação e mudança linguística, (...) e fenômenos linguísticos variáveis. (Berlinck; Brandão, 2021, p. 234)

Desse modo, as autoras pretenderam buscar maneiras de compreender *como* essas características se relacionam “à distribuição de variantes, à expansão de uso dessas variantes ou ao seu desaparecimento/especialização” (Berlinck; Brandão, 2021, p. 234). E, para ser possível tal análise nas peças teatrais do século XX, escolheram como fenômeno variável no PB, a alternância verbal em construções condicionais.

Essa variação pode ser observada em sentenças onde ocorram alguma das seguintes combinações: Futuro do Subjuntivo + Futuro do Presente do Subjuntivo (representadas sob a sigla FS+FUT), Futuro do Subjuntivo + Futuro Perifrástico (com a sigla FS+IR+INF), Futuro do Subjuntivo + Presente do Indicativo (FS+PRES) e Presente do Indicativo + Presente do Indicativo (PRES+PRES). Todas essas formas foram observadas nos *corpora* mencionados, e ainda, em entrevistas sociolinguísticas, em um segundo momento, quando as autoras expandem a amostra, incluindo dados de fala. As sentenças observadas são como as exemplificadas abaixo:

(7)

- a. FS+FUT: Se até sábado sentir a cabeça em melhor estado, escreverei novamente. (Carta, 20-RN01)
- b. FR+IR+INF: Se eu não casar amanhã, todo mundo vai saber a história. (O santo e a porca, Ariano Suassuna, 1957)
- c. FS+PRES: Se você repetir isso de novo eu te mando uma “carta-bomba”, ouviu? (Carta, 20-SP04)
- d. PRES+PRES: Se tu solta um outro pio, te esborracho o coco na parede. (Pedro Mico, Antônio Calado, 1957)

De acordo com as pesquisas das autoras, as combinações verbais em condicionais potenciais observadas em cartas pessoais e peças teatrais do século XX apresentaram totais de 48% na maior série observada, a combinação FS+PRES (como em 7c); e 11% na menor série, com a combinação PRES+PRES.

Ao observarem os gêneros de maneira separada, as autoras constataram que os valores separados por gênero apresentam resultados diferentes da comparação conjunta, como representado na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 — Combinações verbais em dois *corpora* distintos (cartas e peças)

Combinações	Cartas	Peças Teatrais
FS+FUT	37%	15%
FS+IR+INF	8%	21%
FS+PRES	47%	50%
PRES+PRES	8%	14%

Fonte: Berlinck; Brandão, 2021 (Adaptado).

Como mencionado, o padrão demonstrado na junção de ambos os *corpora* não se repete por completo nas combinações para cartas e peças, exceto na combinação FS+PRES, que se mostrou mais produtiva nos dois gêneros, com 47% (cartas) e 50% (peças).

Aqui, como já mencionado, emprega-se o conceito de gênero textual-discursivo, entendido, aos preceitos de Bakhtin (2011, p. 279), como “tipos de texto que apresentam uma relativa estabilidade em seus enunciados. Desse modo, ao olhar para o texto-fonte, as peças teatrais, observa-se como os elementos que caracterizam o gênero, ou seja, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional se comportam.

Nessa perspectiva, Berlinck e Brandão (2021) entendem que os processos, ao mesmo tempo, estáveis e instáveis circunscritos à própria natureza desse gênero estabelecem limites mais ou menos restritos. Para as autoras, é justamente esse movimento que permite ao pesquisador, que busca entender processos de variação e mudança na língua, espaços de respaldo para que os processos ocorram.

Tanto as peças quanto as cartas são gêneros frequentemente estudados nos estudos de base diacrônica, entrando em foco com a tese de Tarallo (1983). Os dois, mas não somente, são gêneros que ganham esse destaque por serem formas de textos escritos que mais se aproximam da fala.

Com a observação da metodologia adotada pelas autoras para o tratamento das peças, em especial às personagens que muito me chama a atenção, mas não será aplicada nesse momento, apresento as peças escolhidas dentre as disponíveis nos projetos VARSUL e PHPB-SC, para fazer parte do corpus de minha pesquisa.

As peças escolhidas para essa pesquisa fazem parte do acervo físico e digital do PHPB-SC, e foram consultadas, primeiro em meio físico através de publicação em livros ou consulta aos manuscritos originais do autor (nesse caso, em específico, as peças de Ademar Rosa) e posteriormente em consultas aos arquivos digitais transcritos em doc. (Word). Todas as 6 peças (apresentadas no Quadro 2) foram escritas por autores catarinenses e estão delimitadas entre as metades finais dos séculos XIX e XX, sendo as duas primeiras correspondentes ao século XIX e as outras quatro ao XX.

Quadro 2 — Peças teatrais observadas, autores e ano de publicação

Peça teatral	Autor	Ano de publicação
Raimundo	Álvaro de Carvalho	1868
Quem desdenha quer comprar	Lacerda Coutinho	1868
A estória	Ademar Rosa	1990

Os lobos	Ademir Rosa	1992
Flores de Inverno	Antônio Cunha	1992
As Quatro Estações	Antônio Cunha	1998

Fonte: Elaboração própria

Buscando maneiras de trabalhar as peças de modo mais orgânico, faço uso adaptado de aspectos competentes ao gênero que devem ser levados em consideração, como, por exemplo, a frequência de uso de pronomes preenchidos por ano de nascimento do autor, entendendo que há competição de gramáticas (Martins 2009; 2013) em curso no período da escrita original das peças; elementos relevantes à análise com personagens (Nunes de Souza, 2011; Coelho e Nunes de Souza, 2014; Berlinck e Brandão, 2023).

Os critérios metodológicos propostos por Nunes de Souza (2011) e reorientados como proposta metodológica em Coelho e Nunes de Souza (2014), auxiliam no controle das variáveis estilísticas (cf. Coelho; Nunes de Souza, 2014, p. 175). A proposta metodológica reúne 9 variáveis estilísticas voltadas à análise de textos escritos. No entanto, em ambos os trabalhos, as análises são voltadas às formas de tratamento, incluindo relações de intimidade, familiares e profissionais, nas três formas pronominais: 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa.

Com isso, mostrou-se necessário uma adaptação às categorias, uma vez que, nesse momento, analiso exclusivamente as formas de sujeito pronominal de terceira pessoa. A realização do sujeito pronominal constitui uma variação sintática que não é ocasionada por distinção entre maior ou menor escolaridade, classe social, relações familiares ou de trabalho. Sendo assim, as variáveis utilizadas para analisar esses aspectos não serão necessárias nesse momento da pesquisa, interessando apenas a faixa etária como variável como se vê mais à frente no Capítulo 3.

De forma mais teórica e prototípica, apresento, também no capítulo supracitado, um perfil das personagens contendo idade, gênero, relações familiares etc., com a finalidade de apresentá-los ao interlocutor e elaborar um modelo-piloto para uma categorização a ser aperfeiçoada e utilizada em momento mais oportuno. Também organizo uma seção em que apresento biograficamente os autores das peças, para contextualização de suas épocas, a partir das datas de nascimento e possíveis gramáticas às quais estejam inseridos.

Por ora, trago esses primeiros elementos norteadores à minha análise em peças teatrais catarinenses. O terceiro capítulo desta dissertação é inteiramente dedicado aos caminhos metodológicos que percorro para apresentar os dados e resultados encontrados em minha pesquisa.

1.5 — Conclusão ao Capítulo 1

Trago no primeiro capítulo elementos relevantes à composição do arcabouço teórico dos estudos mencionados para embasamento em minha pesquisa. Com enfoque em apresentar os conceitos para a concepção de gramática, os modelos teóricos oriundos dos estudos em sintaxe diacrônica no Brasil que unem a TVM à teoria gerativa, e exemplos que ilustram os processos de mudança sintáticas com enfoque no sujeito nulo no PB. Busco, desse modo, compreender os aspectos que influenciam em línguas de comportamento complexo como é o caso do PB.

Neste ponto, se percebe que o sujeito nulo integra o pacote dos elementos sintáticos previstos nos estudos sobre as mudanças no PB, com sujeitos nulos radicais e de 3ª pessoa do singular sendo interpretados como arbitrários, o que auxilia na atual classificação do PB dentro do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Além disso, considerarei pertinente refletir, ainda no capítulo 1 sobre a utilização de gêneros textuais como textos-fonte (Berlinck; Brandão, 2021) relevantes aos estudos diacrônicos. No meu caso, defendendo a utilização de peças teatrais, entendo-as como texto aproximado da fala, com destaque ao material do PHPB-SC.

Sigo pelo segundo capítulo com preceitos teóricos realmente voltados aos estudos do Sujeito Nulo, explicando o Parâmetro do Sujeito Nulo e a hierarquia de parâmetros, que elencam e categorizam os tipos de línguas de sujeito nulo. Para, em seguida, apresentar o fenômeno minuciosamente estudado no PB através de um panorama nos estudos feitos por Duarte (1993; 1995; 2012; 2016; 2019; 2021, entre outros) e uma nova proposta teórica de Kato, Martins e Nunes (2023).

CAPÍTULO 2 — O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 — Introdução

Dentre as mudanças observadas no PB, a questão do sujeito nulo tem sido amplamente revisitada por diversos linguistas interessados nos estudos da sociolinguística brasileira (Tarallo, 1983; 1993, cf. Pagotto, 2007, Duarte, 1995, 2018 [1996], 2020; Duarte, Mourão, Santos, 2012; Berlinck *et al.*, 2015; Martins, 2009; Martins e Carvalho Júnior, 2020; Corôa, 2022, entre outros).

Muitos desses estudos, numa perspectiva teórica de interface se amparam na observação das línguas naturais sob a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; Rizzi, 1982; 1986). Nessa teoria, Princípios seriam conjuntos de leis presentes nas gramáticas universais de qualquer língua; já os Parâmetros, por sua vez, seriam elementos circunscritos à gramática de um indivíduo, que apresentam variações linguísticas.

Historicamente nos estudos linguísticos, são caracterizadas como Línguas de Sujeito Nulo Consistente: o italiano, o espanhol e o português europeu. Por outro lado, estudos de observação e análise do PB, apontam para uma variação na língua que a movimentou para outra direção. Nessa teoria, o PB passa a ser entendido como uma Língua de Sujeito Nulo Parcial, como defende, por exemplo, Duarte (2018)¹⁹.

Neste capítulo, faremos um breve panorama dos estudos do Sujeito Nulo nas línguas naturais e como esse tem sido um objeto de estudo relevante para entendermos o PB.

2.2 — O Parâmetro do Sujeito Nulo e a Hierarquia de Parâmetros

O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) foi teorizado por Chomsky (1984), integra a Teoria de Princípios e Parâmetros (TP&P) e está inserido no modelo de Teoria da Regência e Ligação (Chomsky, 1981; Rizzi, 1982; 1988, Duarte, 2018). O PSN foi elaborado a partir de uma necessidade de explicar as línguas naturais dentro da Gramática Universal, “a partir (...)

¹⁹ Para esta dissertação, me ative, particularmente, na questão de categorização de Língua de Sujeito Nulo Parcial para o Português Brasileiro, para poder analisar o fenômeno em peças teatrais na perspectiva da competição de gramáticas nesses termos. Atualmente, Duarte (2020), Duarte; Marins (2021) já têm refutado essa teoria, reconhecendo este como um tema muito complexo, uma vez que “as tentativas de reunir em diferentes grupos as línguas que admitem o sujeito nulo enfrentam problemas particularmente quando deixam de levar em conta a propagação da mudança e o surgimento de estruturas que não estão previstas como relacionadas a tal parâmetro.” (DUARTE, 2020, p. 71). Entretanto, ainda que brevemente mencionada na presente dissertação, uma análise voltada à atualização da categorização de línguas de sujeito nulo e o PB está prevista em trabalhos futuros.

das possíveis variâncias interlinguísticas permitidas por todos os parâmetros associados a esses princípios rígidos, invariáveis.” (Duarte, 2018, p. 29). Ou seja, tinha como intuito estabelecer parâmetros que permitissem agrupar as línguas naturais conforme suas características, a partir do sujeito nulo.

Para começar a explicar o funcionamento do sujeito nulo (no inglês), Chomsky dá os seguintes exemplos, retirados de *Lectures on Government and Binding*, (Chomsky, 1981, p. 65):

(8)

(i) John would much prefer [his going to the movie].

John gostaria muito que ele fosse ao cinema.

(ii) John would much prefer [his own book].

John preferia o livro dele.

Enquanto na sentença em (ii), o pronome “*he*” quando ligado a “*his book*” pode ser ou não ser endereçado ao John, em (i) a possibilidade de “*his going to the movie*” ser outra pessoa que não John é bastante forte, sendo até preferencial que seja este o caso, especialmente em se tratando de pronomes átonos (nesta sentença o “*his*”). E, nas palavras do linguista, a sentença da linha (ii) daria conta de exemplificar bem o fenômeno do sujeito nulo, pois se trata de

“[um] princípio que nós podemos apresentar, em termos gerais, como [Evite Pronome], [sendo] interpretado como uma imposição ante à escolha do uso de PRO (sujeito nulo) ao invés de pronome expresso, onde sua utilização for possível.” (Chomsky, 1981, p. 65). (Tradução própria)²⁰

Apesar de “his own book” ser frequentemente traduzido como “seu próprio livro”, em PB não teria uma ambiguidade em “John gostaria muito de seu próprio livro”; a troca por “John gostaria muito do livro dele” abre espaço para uma ambiguidade também em PB, tornando o exemplo mais coerente ao que se espera de uma estrutura ambígua.

Observando as línguas naturais e seu comportamento em relação à regência de sujeitos pela flexão verbal, Chomsky (1981) propôs uma oposição binária a elas, configurando-as como [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*], estabelecendo duas línguas que se encaixariam em cada

²⁰ Traduzido de: “a principle that we may state in the most general terms as [Avoid Pronoun²⁰], interpreted as imposing a choice of PRO²⁰ over an overt pronoun where possible.” (CHOMSKY, 1981, p. 65).

um desses polos binários. As duas línguas padrão selecionadas para delimitar o parâmetro foram o italiano *standard*, considerado a língua de sujeito nulo por referência, e o inglês, canonicamente uma língua que preferencialmente faz uso do preenchimento do sujeito. Entre estas duas línguas [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*], estariam todas as outras línguas naturais.

Tornou-se necessário entender qual elemento gramatical, portanto, estaria encarregado de possibilitar ou não a presença do sujeito nulo nas línguas naturais. À princípio, Chomsky (1981) observou que o elemento com propriedades suficientes para ser capaz de caracterizar uma língua como sendo ela de sujeito nulo ou preenchido (e, portanto, diferenciá-las), seria a concordância, AGR²¹.

O elemento de concordância passa a ser, então, definido como um “ponto crucial” (cf. Duarte (2018 [1996]) para a ocorrência ou não do sujeito nulo. O licenciamento do sujeito nulo estaria condicionado ao elemento AGR para as formas derivadas e pela correferência a um elemento nominal em posição argumental. A autora explica:

A identificação do sujeito nulo se faria, no primeiro caso [*formas derivadas*], pela presença de AGR, e, no segundo [*formas não-derivadas*], pela correferência com um elemento nominal em posição A (argumental), comandando o sujeito, ou A' (não-argumental), um elemento saliente no contexto discursivo. Se, entretanto, um paradigma é misto, ou seja, apresenta formas morfológicamente complexas (divisíveis em radical e afixo) e formas simples, o sujeito nulo não seria licenciado. (Duarte, 2018 [1996], p. 84, grifos meus)

A interpretação de Duarte (2018 [1996])²² se ancora ainda em uma hipótese de Roberts (1993) levando em consideração o paradigma flexional verbal. Nesta hipótese, línguas de paradigma formalmente rico (como o italiano e o português europeu, por exemplo) não seriam as únicas capazes de licenciar sujeito nulo, línguas com um paradigma de desinência zero ou que apresentem sincretismos²³ também poderiam licenciá-lo. No entanto, o PB apresentou tamanha mudança, passando, inclusive, por uma mudança de paradigma, de formalmente para *funcionalmente* rico, ultrapassando “os limites apontados por Roberts, tornando-se um paradigma pobre, (...) incapaz de licenciar e identificar o sujeito nulo.” (Duarte, 2018 [1996], p. 85).

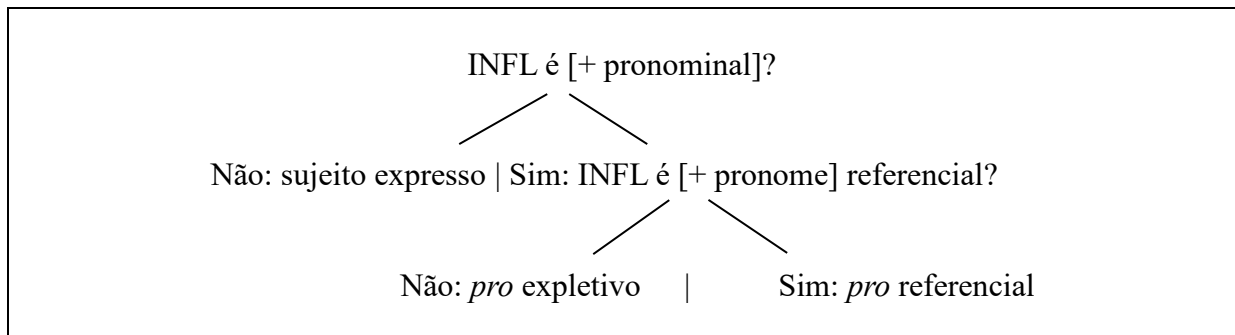
²¹ AGR (*agreement*) é a sigla escolhida dentro da GU para se referir à concordância dentro de uma estrutura sintática.

²² De onde parte também sua interpretação sobre o português brasileiro em seus trabalhos (1993; 1995; 1996 [2018]; 2012; 2018)

²³ Um sincretismo, no contexto de Roberts (1993), se caracteriza como a formação de duas formas idênticas que podem coincidir com a desinência zero.

Duarte (2018) revisita de maneira panorâmica os estudos sobre o sujeito nulo. Nesse texto, a autora evidencia como Rizzi (1982) esquematizou os subparâmetros do sujeito nulo. O autor observa que a delimitação de apenas um parâmetro não seria suficiente para explicar os fenômenos das línguas de sujeito nulo. Apresenta a hipótese de possivelmente existirem dois sub-parâmetros, expandindo a delimitação estabelecida por Chomsky (1981). Um primeiro esquema de agrupamento, retirado de Duarte (2018), é apresentado a seguir (Figura 3):

Figura 3 — Primeira ampliação do agrupamento das línguas de sujeito nulo ante o quadro flexional: sujeito expresso; sujeito nulo expletivo e sujeito nulo referencial



Fonte: Duarte, 2018, p. 29 (Adaptado).

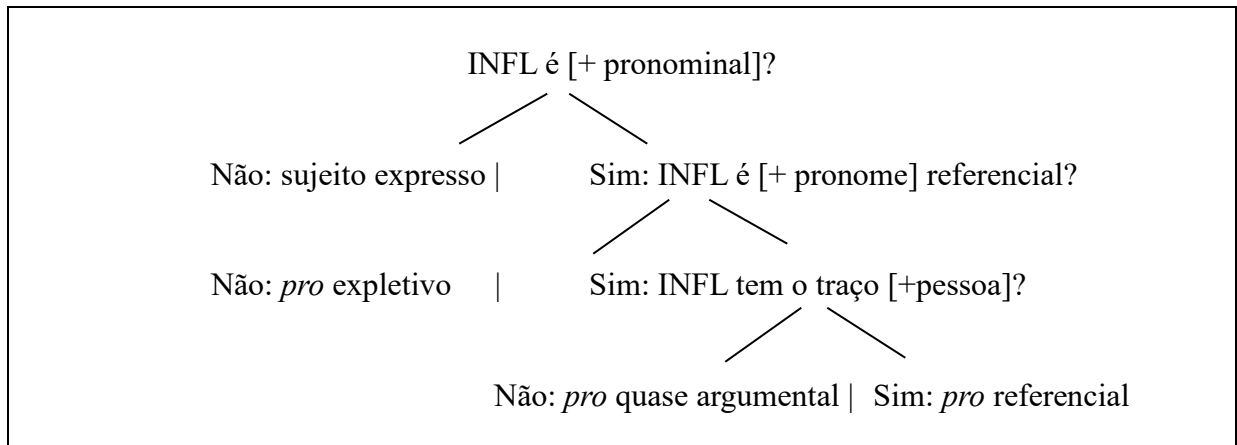
A Figura 3 acima pode ser interpretada a partir de alguns questionamentos: uma dada língua natural apresenta flexão verbal e consegue reger o sujeito nulo? Se a resposta for “*Não*”, é considerada diretamente uma língua de sujeito expresso (ou preenchido), como, por exemplo, o inglês. Se a resposta à pergunta for “*Sim*”, uma nova pergunta se apresenta: essa flexão verbal é referencial (ou seja, aparece e é retomada na mesma sentença)? Se novamente a resposta for “*Não*”, temos a característica que configura uma língua de sujeito nulo expletivo, se “*Sim*”, estamos diante de uma língua de sujeito nulo referencial.

Huang (1984), observando o paradigma verbal dentro das propriedades do chinês, apresentou um estudo em que a hipótese de riqueza de flexão verbal para agenciamento do sujeito nulo não seria o suficiente para explicar o comportamento do chinês. Mesmo em se tratando de uma língua que não apresenta um paradigma de flexão verbal, esta é uma língua que apresenta sujeito nulo. A repercussão do estudo apresentado por Huang, Jaeggli e Safir (1987) levou à necessidade de uma reelaboração da noção de parâmetro e exigiu uma reconfiguração do Parâmetro do Sujeito Nulo. Nesta nova versão, a riqueza do elemento de concordância não seria o ponto de partida para caracterizar o que seria ou não uma língua de

sujeito nulo, desta vez o enfoque recaiu sobre os paradigmas verbais das línguas e a uniformidade morfológica que lhes concerne.

Um segundo esquema foi elaborado por Rizzi (1986), apresentado na Figura 4 a seguir, onde podemos ver, primeiramente, a separação de línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito expreso. Podemos observar, seguindo os passos da análise anterior, que aparecem novos questionamentos quanto às funções do quadro flexional privilegiando o tipo de pronome (se referencial ou não) e seu traço semântico (entre pessoa e objeto), noções que retornarão mais adiante ainda neste capítulo.

Figura 4 — Nova esquematização para subparâmetros de sujeito nulo: revisando o sujeito referencial.



Fonte: Duarte, 2018, p. 30 (Adaptado).

Na Figura 4 temos a ilustração esquematizada de um parâmetro que diferencia as línguas que licenciam sujeito nulo das que não o licenciam (distinguindo, por exemplo, línguas como o italiano e o inglês). Dentro do parâmetro de língua de sujeito nulo, temos um sub-parâmetro que define se o licenciamento deste sujeito nulo em questão é referencial ou não, no caso, expletivo. Caso a resposta seja novamente positiva para sujeito nulo referencial, ainda temos mais uma pergunta: a flexão tem o traço [+pessoa]? Se a resposta for positiva: línguas que permitem somente sujeito nulo referencial (alemão); se negativa: línguas que permitem sujeitos nulos referenciais ou não referenciais (italiano).

Com o avanço e aprofundamento dos estudos de línguas naturais por hierarquias, as classificações de ordem morfossintáticas foram refinadas, sob a hipótese de que línguas de sujeito nulo que apresentavam morfologia verbal rica permitiam o sujeito nulo referencial. Rizzi ajudou a explicar, a partir de línguas como o italiano e o espanhol peninsular, o grande número de sujeito nulo associado a um princípio gramatical, uma vez que são línguas que

apresentam paradigmas verbais com “desinências distintivas para cada pessoa gramatical, no singular e no plural, para a maioria dos tempos e modos do verbo” (DUARTE, 2018, p. 30).

Deste modo, a autora conclui, através de Rizzi, que a utilização do material fonético (o preenchimento do sujeito), se fará necessário em caso de ênfase ou para que não se perca o sentido pretendido, “dentro dos limites da gramática universal e de uma gramática particular” (DUARTE, 2018, p. 30). Em línguas como o Italiano, esta forma expressa será utilizada quando estritamente necessária, reservada aos casos em que o sujeito pronominal exigir ênfase, por exemplo, ao apresentar valor focal ou contrastivo, uma vez que, de modo incontestável, um sujeito nulo não é capaz de indicar ênfase.

2.3 Tipos de Línguas de Sujeito Nulo

Em 1984, no entanto, novas discussões vão se formar a partir da morfologia da concordância verbal, oriundas de um trabalho de Huang, já mencionado neste texto, que investiga, em línguas como o chinês, uma língua que apresenta um paradigma sem flexões de tempo, modo, número e pessoa, e, ainda assim, licencia sujeito nulo.

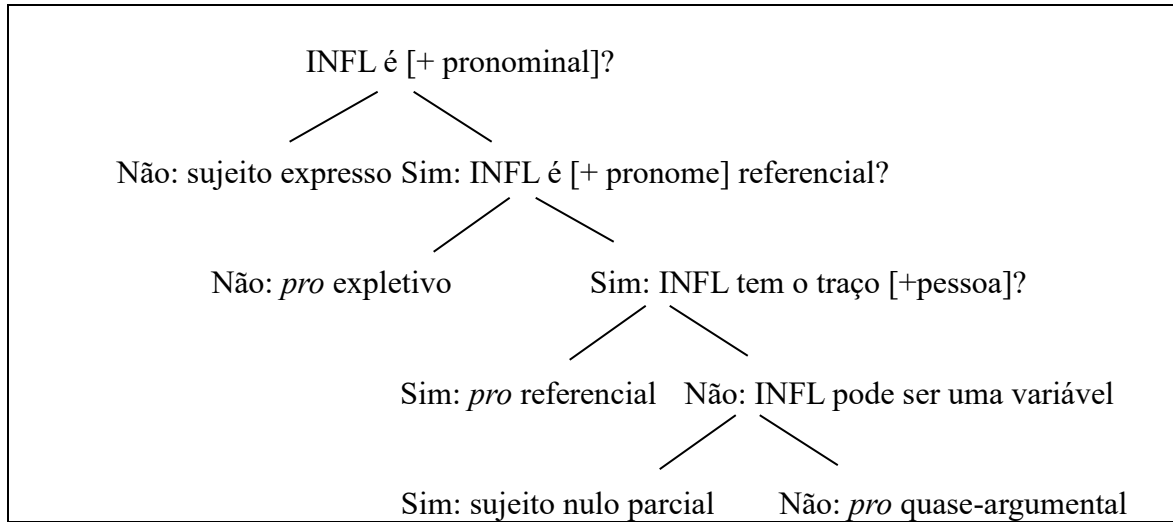
Outros pesquisadores apontaram para discrepâncias em línguas que licenciam o sujeito nulo e não haviam sido contempladas entre os esquemas dos parâmetros anteriores de Rizzi (1982; 1986). Jaeggli e Safir (1989b *apud* Duarte, 2018) apontam que não seria exatamente um elemento como um sistema de concordância rico que licenciaria o elemento nulo, mas sim a “*uniformidade morfológica* dos paradigmas verbais de uma língua” (DUARTE, 2018, p. 31, grifo meu). Desta forma, uma nova hipótese foi concebida: a hierarquia de parâmetros, segundo a qual línguas com comportamentos distintos que licenciam o sujeito nulo poderiam ser todas reagrupadas em quatro tipos.

2.3.1 Os quatro tipos de Língua de Sujeito Nulo

Com a hipótese da hierarquia de parâmetros foi possível observar as línguas de sujeito nulo a partir de quatro grandes grupos estabelecidos por características semelhantes apresentadas pelas línguas.

A Figura 5 esquematiza o conceito de *sujeito nulo parcial*, um grupo de línguas de sujeito nulo peculiar. Essa tentativa é observada por Duarte (2018) como um experimento para agrupar diferentes hierarquias com os mesmos valores binários.

Figura 5 — A hierarquia de parâmetros das línguas de sujeito nulo.



Duarte, 2018 p. 32 (Adaptado).

Duarte (2018) reflete que a proposta de sujeitos nulos parciais, “na acepção que tem hoje no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros, parece, de fato, incluir vários subtipos de línguas” (DUARTE, 2018, p. 34). Esse agrupamento de subtipos distintos de línguas proporcionaria, na concepção da autora, a possibilidade de enfim conseguirmos reencaixar o português brasileiro, devido ao seu *comportamento peculiar* ante o licenciamento do sujeito nulo.

No Quadro 3 agrupo e apresento as características dos quatro tipos de línguas de sujeito nulo representados anteriormente no esquema da Figura 5. Os quatro tipos de línguas de sujeito nulo, adaptados de Duarte (2018, p. 32), são: Sujeito Nulo Consistente, Sujeito Nulo Expletivo, Sujeito Nulo Radical e Sujeito Nulo Parcial.

Quadro 3 — As quatro classificações de Línguas de Sujeito Nulo.

TIPO	CARACTERÍSTICAS	LÍNGUAS
SUJEITO NULO CONSISTENTE	Realizam flexão rica, com distinção entre pessoas gramaticais e tempos verbais.	<ul style="list-style-type: none"> • Italiano; • Espanhol; • Português Europeu; • Grego; • Turco
SUJEITO NULO EXPLETIVO (semi <i>pro-drop</i>)	Não permitem sujeito nulo referencial, utilizando-o apenas em sentenças impessoais	<ul style="list-style-type: none"> • Alemão; • Algumas variedades do holandês; • Línguas crioulas (destacam-se o jamaicano, haitiano e cabo-verdiano)

SUJEITO NULO RADICAL (<i>discourse pro-drop</i>)	Não apresentam marcas de concordância e permitem também, além dos sujeitos nulos, objetos nulos em condições discursivas apropriadas.	<ul style="list-style-type: none"> • Chinês; • Japonês; • Tailandês etc.
SUJEITO NULO PARCIAL	Categoria mais complexa que abarca uma miscelânea de línguas que apresentam características muito diversas entre si.	<ul style="list-style-type: none"> • Finlandês; • Russo; • Hebraico; • Islandês; • Marathi • Português Brasileiro

Fonte: Elaboração própria (Adaptado)

As línguas caracterizadas como Línguas de Sujeito Nulo Consistente são as que realizam flexão rica e apresentam distinção entre pessoas gramaticais e tempos verbais, dentre elas se encontra a língua canônica de sujeito nulo, o Italiano, mas também estariam neste grupo, o Espanhol, o Português Europeu, o Grego e o Turco. As línguas de Sujeito Nulo Expletivo (ou semi-drop) são caracterizadas por não permitirem sujeitos nulos referenciais, mas o licenciam em sentenças impessoais, agrupam-se aqui o Alemão, algumas variedades do Holandês e línguas crioulas (neste caso o Jamaicano, Haitiano e Cabo-verdiano).

Com os novos estudos, duas novas categorias foram acrescentadas à hierarquia de parâmetros, as línguas de Sujeito Nulo Radical, principalmente para que se pudesse contemplar línguas do leste e sudeste asiáticos, como o Chinês, o Japonês e o Tailandês, entre outras, que se caracterizam como línguas que não apresentam marcas de concordância e permitem sujeitos e objetos nulos em determinadas condições discursivas. Por fim, temos as línguas de Sujeito Nulo Parcial, outro adendo à hierarquia, onde se agrupam línguas com características muito complexas, muito diversas umas das outras, como o Finlandês, Russo, Hebraico, Islandês, Marathi e o Português Brasileiro.

2.3.2 Línguas de Sujeito Nulo Consistente (LSNC)

Em *A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo*, Duarte (2020) analisa uma pesquisa feita por ela mesma em 1993 e revisitada em 2018. Neste trabalho, a autora indica uma atualização na terminologia das línguas de sujeito nulo românicas para Línguas de Sujeito Nulo Consistente (LSNC) (ROBERTS E HOLMBERG, 2010, apud DUARTE, 2020), em que se espera que um sujeito nulo e um expresso atuem em distribuição complementar (cf. Duarte, 2020). O objetivo da linguista era observar o comportamento do PB em peças teatrais (cf. Duarte 1993; 2018) em uma série de itens que viriam a formar o

conjunto do grupo de LSNC. A pesquisa se dá, em um primeiro momento, na observação da realização de sujeitos nulos *versus* sua contraparte expressa nas três pessoas do discurso, para depois desmembrá-los em suas próprias categorias. Em resultados anteriores foi mostrada uma diminuição da realização do sujeito nulo. A autora concluiu que esta diminuição

[permitiu] relacionar três estágios na mudança, correspondendo à crescente simplificação do paradigma flexional: nos três primeiros períodos, correspondendo à primeira e à segunda metades do século XX, em que ainda temos os pronomes *tu* e as formas nominais de tratamento em distribuição complementar, e o uso do pronome de primeira pessoa do plural *nós*. (DUARTE, 2020, p. 80, grifo meu)

De acordo com a autora, os dados encontrados nos três primeiros períodos analisados (ilustrados, de maneira adaptada, na Tabela 3), possibilitaram constatar um comportamento de Língua de Sujeito Nulo Consistente no PB.

Tabela 3 — O preenchimento do sujeito nas três pessoas do discurso, em peças teatrais brasileiras no decorrer dos séculos XIX e XX.

Período (século XIX e XX)	Sujeitos nulos vs expressos nas três pessoas do discurso
1845	80%
1882	77%
1918	75%
1937	54%
1955	50%
1975	33%
1992	26%

Fonte: Duarte, 2020 [1993], p.80 (Adaptado)

Já durante o quarto período compreendido entre as décadas de 1930 e 1950, no entanto, foi possível perceber um movimento de mudança em peças escritas neste intervalo. Nessas peças, a forma de segunda pessoa *'tu'* não aparece, sendo substituída por *'você'*. Além disso, há uma preferência ao preenchimento do sujeito, que aumenta consideravelmente, de 20% na primeira faixa em 1845, para 50% em 1955, e 74% no último período observado, em 1992. Esse aumento observado em ocorrências que favorecem o preenchimento do sujeito ajuda a corroborar a hipótese de um comportamento diferenciado do PB em relação às outras Línguas de Sujeito Nulo.

2.4 — Sujeitos Nulos e novas abordagens formais em Kato, Martins e Nunes (2023)

Mais recentemente, Kato, Martins e Nunes (2023), em publicação de *Sintaxe Comparada do Português Europeu e do Português Brasileiro*, esmiuçam os licenciamentos dos sujeitos nulos na esfera morfológica e no licenciamento anafórico intrassentencial, observando sentenças com sujeitos nulos em ilha (orações relativas) e sentenças com sujeitos nulos em domínio transparente (orações completivas). Nesse primeiro momento, esses tipos de construção sintática não serão analisados como variáveis linguísticas de controle. Trata-se de uma apresentação teórica das novas abordagens para observação dos sujeitos nulos pertinente às reflexões propostas na presente dissertação.

Kato, Martins e Nunes (2023) observaram, em análise do licenciamento anafórico intrassentencial dos sujeitos nulos de 3ª pessoa, que, quando o fenômeno de movimento dos sujeitos dentro da sentença ocorre em contexto de ilha (ou seja, em orações relativas), apresentam-se diferenças entre o PE e o PB. As duas línguas apresentarão comportamentos distintos para a concordância de flexão verbal em número, ou seja, singular ou plural, durante o movimento.

Para o PE, essa diferenciação não existe, o licenciamento do sujeito nulo é “forte” o suficiente para se manter sem que se perca o sentido da referencialidade ou ocorra ambiguidade. Já para o PB, “um traço de número valorado pode marginalmente permitir eclipse de um pronome sujeito” (KATO; MARTINS; NUNES, 2023, p. 157); ou seja, temos diferenciações notáveis, em orações finitas, quando o antecedente do sujeito nulo for a terceira pessoa do singular: falantes do PB não aceitam, preferindo preencher o sujeito, já que “os sujeitos nulos de terceira pessoa em orações principais são totalmente aceitáveis apenas quando resultam de *topic drop*.” (KATO; MARTINS; NUNES, 2023, p. 157).

As sentenças abaixo foram retiradas de Kato, Martins, Nunes, (p. 157, 2023) e ajudam a exemplificar esses casos:

9.

a. Singular: [A Maria]_i acha que Ø_i vai viajar amanhã.

(Português Europeu: aceita duas interpretações: uma intrassentencial e uma extrassentencial²⁴; Português Brasileiro: aceita uma interpretação, intrassentencial)

²⁴ Em Sujeitos Nulos (Kato, Martins e Nunes, 2023), as interpretações permitidas ao licenciamento dos sujeitos nulos de terceira pessoa em orações finitas do PE e do PB estão categorizadas com índices a partir

b. Plural: [Os alunos]_i disseram [que Ø_i conversaram com a diretora].

(Português Europeu: aceita as duas interpretações; Português Brasileiro: aceita interpretação intrassentencial, já a interpretação extrassentencial só será aceita, marginalmente, com terceira pessoa do plural).

10.

a. Singular: O pai d[a Maria]_i falou que Ø_i está grávida.

(Português Europeu: aceita as duas interpretações; Português Brasileiro: a interpretação intrassentencial é agramatical).

b. Plural: A professora d[os meus filhos]_i acha [que Ø_i passam de ano].

(Português Europeu: aceita as duas interpretações; Português Brasileiro: a interpretação extrassentencial é aceita marginalmente).

11.

a. Singular: [O João]_i disse que a gerente confirmou [que Ø_i vai ser promovido].

(Português Europeu: aceita as duas interpretações; Português Brasileiro: a interpretação intrassentencial é agramatical).

b. Plural: [Os estagiários]_i ouviram que a diretora disse [que Ø_i escrevem bem].

(Português Europeu: aceita as duas interpretações; Português Brasileiro: a interpretação extrassentencial é aceita marginalmente).

Em (9a), para o Português Europeu, este sujeito nulo pode ser interpretado como referência ao sujeito da oração matriz, ou alguma outra expressão nominal compatível que esteja saliente no discurso anterior; já no PB, essa recuperabilidade do sujeito da oração matriz é possível, mas a interpretação de outra expressão nominal extrassentencial só pode acontecer em contextos marginais em terceira pessoa do plural. Para o PB, não é surpreendente a interpretação extrassentencial dos sujeitos nulos não ser permitida para a 3ª pessoa do singular e ser aceita apenas marginalmente na sua contraparte plural (cf. KATO; MARTINS; NUNES, 2023).

As condições para o licenciamento dos sujeitos nulos em PE e PB mostram contrastes entre as duas línguas. Enquanto no PB o licenciamento de sujeitos nulos subordinados de terceira pessoa está sujeito a ocorrer sob condições restritas, para o PE todas as sentenças (9),

do tipo de sentença em que ocorrem: intrassentencial (S_i) e extrassentencial (S_k); no entanto, para simplificar, abduquei os índices e mantive por escrito as condições de aceitação de licenciamento.

(10) e (11) são bem aceitas, o que vai confirmar esses contextos nas Línguas de Sujeito Nulo Consistente. Por outro lado, é o que vai diferenciar o PB das outras línguas românicas de Sujeito Nulo.

O fato das sentenças acima serem bem aceitas no PE e em Línguas de Sujeito Consistente pode ajudar em uma conclusão de que “os sujeitos nulos em PB não envolvem *pro-drop*” (KATO; MARTINS; NUNES, 2023, p. 159), fosse o caso, o PB *teria* que licenciar os sujeitos nulos de maneira semelhante ao PE. Esses exemplos nos permitem perceber que os casos de sujeitos nulos no PB não são os mesmos que ocorrem nas línguas de sujeito nulo, em seu lugar, Kato, Martins e Nunes (2023) defendem se tratar de casos de *tópicos nulos*.

Os tópicos nulos, de acordo com os autores, seriam uma solução ante a “aceitabilidade em PB da interpretação dos sujeitos nulos encaixados, como correferentes do sujeito da oração matriz não [decorrer] do licenciamento de pronomes nulos” (KATO; MARTINS; NUNES, p. 159, 2023).

Os autores propõem que, para o PB, quando o sujeito nulo for subordinado, é necessário que a operação de movimento de uma posição de sujeito para outra posição de sujeito se descreva nesses passos:

- i. tenha um antecedente (como no ex. 9);
- ii. não pode ser imediatamente dominado por outro sintagma nominal (como no ex. 10);
- iii. deve estar na oração correspondente subordinante (como no ex. 11).

Kato, Martins e Nunes (2023) concluem que em PB pode ocorrer ambiguidade na utilização de flexão de concordância verbal, podendo envolver pessoa e número ou somente número. Para o segundo caso, de flexão de número, os autores explicam que “o sujeito encaixado não recebe caso dentro da sua oração e se move para a posição de sujeito da oração subordinante.” (KATO; MARTINS; NUNES, 2023, p. 160).

Este movimento do sujeito auxilia na identificação do comportamento das duas línguas quanto o licenciamento do sujeito nulo: no PE, ambos os traços de flexão verbal para a terceira pessoa são valorados, não permitindo, nesses contextos, ambiguidade e garantindo o licenciamento do sujeito nulo. No PB experienciamos o enfraquecimento da flexão verbal e, na diferenciação numeral (singular ou plural) somente pronomes plurais apresentam valoração suficiente para licenciar o sujeito nulo.

Os exemplos a seguir, retirados de Kato, Martins e Nunes (2023, p. 160-161), ajudam a embasar as questões de valoração distintas das flexões verbais de terceira pessoa em PB:

12.

a. Eles **parecem** que **gostam** de nadar.

a'. [eles]_i[PL. MASC] parece-**Infl**_[PL] [que _____i gosta-**Infl**_[PL] de nadar]]

13.

a. [**a Maria**]_i acha que \emptyset _i vai viajar amanhã]

a'. [[**a Maria**]_i acha-**Infl**_[S] [que _____i ir_[PRES]-**Infl**_[S] viajar amanhã]]

b. [**os alunos**]_i disseram [que \emptyset _i conversaram com a diretora]

b'. [**os alunos**]_i dissera-**Infl**_[PL] [que ____ conversara-**Infl**_[PL] com a diretora]

Em (12) temos o movimento de um sujeito encaixado que não recebe caso para outra posição de sujeito da oração subordinante. Já em (13) evidencia-se que o movimento de sujeito nulo no PB se dá por efeitos de ilha (sentenças relativas). Estes efeitos resultam em lacunas sintáticas oriundas do movimento do encaixe do sujeito na matriz, explicando, deste modo, as restrições que encontramos no PB para o licenciamento do sujeito nulo.

Uma nova proposta para analisar o licenciamento do sujeito nulo no PB me chamou a atenção e considero ser um caminho a seguir no decorrer do trabalho de doutorado em curso e em trabalhos futuros, uma vez que permite uma reconfiguração do PB ante as Línguas de Sujeito Nulo, principalmente em casos que o diferenciam do PE. A inclusão desta proposta na dissertação me ajudará a revisar (e revisar) meus dados e acrescentar, em trabalhos futuros, uma nova variável ao meu “envelope de variação” (TARALLO, 1997), o licenciamento anafórico intrassentencial nulo e observar os dados pelas lentes de sujeito nulo em ilha ou sujeito nulo em domínio transparente.

2.5 — Português Brasileiro, língua de Sujeito Nulo Parcial?

A reclassificação do Português Brasileiro levou Duarte (2018) a questionar o fenômeno do sujeito nulo no PB e tentar responder sua própria pergunta “[como] situar o PB e o PE à luz da hierarquia de parâmetros?” (p. 35). O PB apresenta divergências das características descritas em outras línguas românicas que realizam sujeito nulo, como, por exemplo, as mudanças no quadro pronominal e a variação de marcas para 2^a e 3^a pessoa com

a perda da desinência <-s> em sujeitos de 2ª pessoa, em regiões onde *tu* e *você* ocorrem em concomitância. Essas mudanças no paradigma verbal levaram à pronominalização das formas *você* e *a gente*, elementos que se apresentam como *consequências* da mudança no nosso quadro pronominal (cf. Duarte, 2018).

Em análise, essas são características importantes para justificar que, além de perder a *riqueza formal*, o PB também estaria perdendo a *riqueza funcional*, como propôs Roberts (1993), uma vez que o número de sincretismos ultrapassa “os limites do previsto pelo autor para permitir licenciamento e a identificação do sujeito nulo” (cf. Duarte, 2018, p. 36). Como consequência a essa extrapolação dos limites, o preenchimento do sujeito vai ocorrer havendo ou não marca distintiva de concordância.

É Figueiredo Silva (2000, *apud* Duarte, 2018) quem sugere inicialmente que o PB seja classificado como língua de sujeito nulo parcial. A autora defende que “a identificação de sujeitos nulos não é um fenômeno uniforme, tanto em sentenças encaixadas quanto em raízes, dependendo de um antecedente na função de sujeito ou um referente identificado no contexto discursivo dêitico.” (Duarte, 2018, p. 37).

Já Kato e Negrão (2000), aponta Duarte (2018), negam o enfraquecimento da morfologia flexional como o agente responsável por aproximar o PB de outras línguas orientadas em função do discurso. Ao invés disso, as autoras exploram outras características da língua, como as assimetrias entre sujeitos nulos e expressos. Assim, concluem que, para o PB, independentemente de flexão, a relação entre o sintagma flexional (IP) e um complementizador (CP), uma das características basilares para se definir uma língua orientada para o discurso, empurraria o PB para tal categoria, de línguas orientadas para o discurso (cf. Duarte, 2018).

Em estudos subsequentes, Modesto (2008) (*apud* Duarte, 2018) defende que o PB não apresenta propriedades de Língua de Sujeito Nulo, por *não* licenciar os sujeitos nulos através de flexão verbal. Esse licenciamento ocorre através de topicalização, permitindo sua ocorrência, como acontece em línguas como o finlandês e o chinês. Nessa hipótese, é a proeminência de tópico que determina um parâmetro de [+/- proeminência de tópico], que apresenta “um conjunto de propriedades associadas a ele, entre as quais os sujeitos nulos” (DUARTE, 2018, p. 38).

Em um estudo anterior ao panorama revisitado por Duarte (2018), Berlinck *et al.* (2016), se debruçaram em pesquisa através da utilização de *corpora* retirados do PHPB composto por cartas de leitores, redatores e pessoais, anúncios e peças teatrais escritas entre

os séculos XIX e XX em diversos estados²⁵ do Brasil. O enfoque dessa pesquisa pelos autores se concentrou na análise de “argumentos nulos (o sujeito de 3ª pessoa e o objeto direto), da sintaxe dos clíticos em contextos [XP]V e das ordens V[DP]/[DP]V em sentenças declarativas.” (BERLINCK *et al.*, 2016, p. 157).

Com os resultados, Berlinck *et al.* (2016) tentaram apresentar como se dava a representação do sujeito pronominal quando da realização da 3ª pessoa, descrevendo-o como um *ponto-chave* para a confirmação no processo de mudança, em se tratando da primeira propriedade do Parâmetro do Sujeito Nulo em nossa língua, que empurra a língua para a classificação pertencente às línguas de sujeito nulo parcial. As análises de fala feitas ao longo dos últimos vinte anos permitem visualizar essa mudança, bem como observar as consequências produzidas, como exemplificam os autores, maior tendência de elementos foneticamente realizados de referência genérica, sujeitos proposicionais e as operações de inserção ou alçamento (que permitem novas posições estruturais para o sujeito em sentenças impessoais). (cf. Berlinck *et al.*, 2016).

Para a análise, os pesquisadores buscaram representações do sujeito anafórico nulo e expresso no decorrer do século XIX. Quanto aos fatores linguísticos, foram levados em consideração elementos de análise sintática (número, tempo verbal, ordem do sujeito expresso, tipo de oração), e dois fatores pertinentes às pesquisas do sujeito nulo, que serão detalhados mais adiante: os padrões sentenciais e os traços semânticos, postulados por (CYRINO; DUARTE; KATO, 2000) e a posição do antecedente do sujeito (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005). De uma recolha de 866 dados que correspondiam quase identicamente às duas metades do século XIX nos seis estados do estudo, os números analisados por Berlinck *et al.* (2016) apresentaram ocorrências elevadas de sujeitos nulos na primeira metade do século XIX (59%) e na segunda metade (61%); enquanto as ocorrências para o preenchimento de sujeitos pronominais, observados na mesma época ficou em 20% (nas duas metades); por fim, os DPs anafóricos apresentaram ocorrências de 21% na primeira metade do século XIX e 19% na segunda.

As porcentagens da realização de sujeito nulo de terceira pessoa no PB em documentos da 2ª metade do século XIX ficaram em 78%, observadas em cartas de “Vovô Ottoni”, 75% em correspondências de ilustres, 65% em peças teatrais, 61% em cartas da imprensa e 56% em cartas da “Vovó Bárbara”.

Os autores resumem a análise das cartas da seguinte forma:

²⁵ São eles: Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina

[...] o fato de o sujeito pronominal expresso com o traço [-humano] já estar presente em diferentes gêneros, ao longo do século XIX, em índices expressivos, [tornou-se] um traço que viria a se expandir no PB, diferenciando-o das línguas de sujeito nulo de maneira singular e já anunciando a mudança na remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo. (BERLINCK *et al.*, 2016, p. 163-164)

Outra hipótese apresentada para o fenômeno dos sujeitos nulos no PB vem de Roberts (2019). Como já mencionado, o autor aborda as “propriedades anômalas” ao observar mudanças estruturais de ordem morfossintática do PB. Essa mudança estrutural resulta em um afastamento do PB ante o português europeu, outras línguas românicas e ainda outras línguas de sujeito nulo consistente. O autor aponta a perda do nivelamento da flexão verbal e o contato com línguas Bantu, concordando com Galves e Avelar (2019), como fatores determinantes para considerar o PB uma língua “anômala” dentro das línguas românicas.

Em conclusão, esses estudos indicam que o PB se distancia do Português Europeu e do Italiano, apresentando sua personalidade peculiar perante a realização dos sujeitos pronominais preenchidos, bem como de sujeitos pronominais nulos, causando cada vez mais interrogações ou, no mínimo, novos terrenos por onde se desbravar para entender onde essas duas ocorrências colocam o PB como língua de sujeito nulo parcial.

Na seção a seguir, revisito brevemente os estudos de Duarte (1995; 2000; 2005; 2012; 2018 [1993]; 2019...), pesquisadora que se debruça a tentar entender o sujeito nulo em nossa língua, em um de seus principais *corpora*, também adotado para analisar o fenômeno nessa pesquisa: as peças teatrais brasileiras.

2.6 — Maria Eugênia Lammoglia Duarte e o detalhado estudo sobre Sujeito Nulo no Português Brasileiro

Em sua tese intitulada “*A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*” (1995), Duarte analisa a fala de treze informantes do Rio de Janeiro para investigar o processo de mudança sintática que afastou o PB do europeu, bem como outras línguas românicas em sua realização do sujeito pronominal.

A autora atesta que a mudança poderia se dar por função de uma mudança paradigmática, oriunda de uma redução do paradigma flexional e alteração no quadro pronominal (tu/você; nós/a gente), levando à perda do “Princípio Evite Pronome”. De acordo com a autora, essa mudança de paradigma “leva à não representação fonológica do sujeito

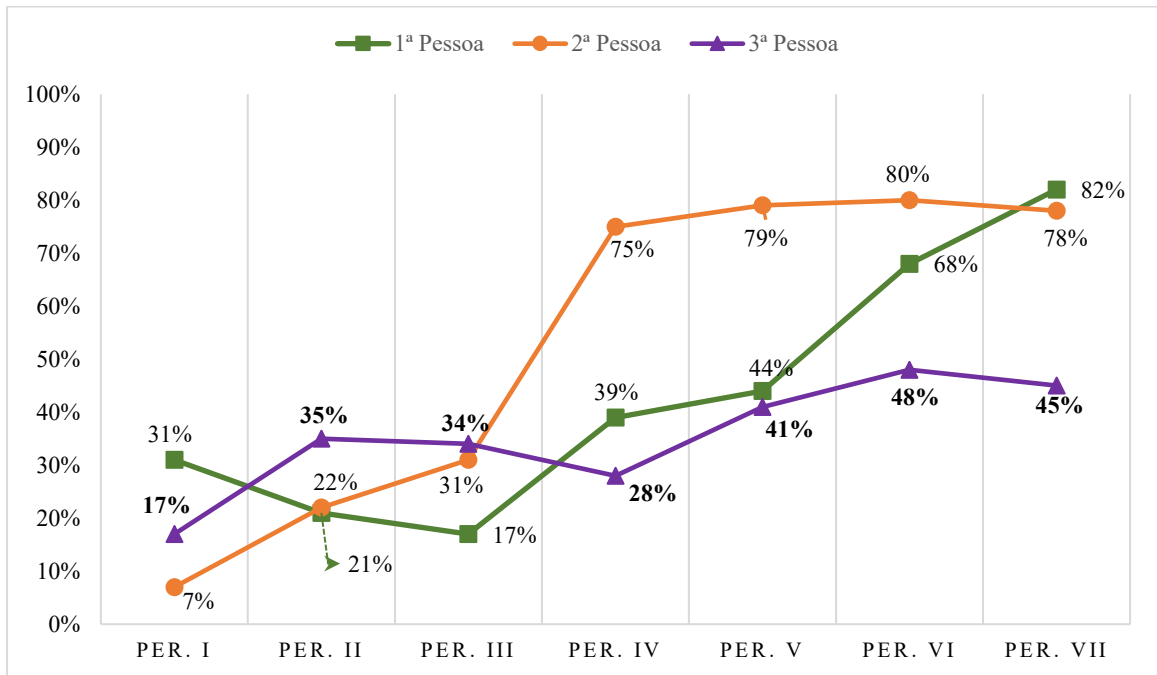
sempre que sua plena identificação for possível, e o sujeito nulo deixa de ser obrigatório, tornando-se uma opção cada vez menos utilizada.” (DUARTE, 1995, p. 7)

Embora eu não pretenda me estender em uma resenha da tese, é teoricamente indispensável sua breve menção num percurso temporal da autora. Com isso, passemos às pesquisas publicadas em *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica* (org. Roberts; Kato, 1993)²⁶. Naquela época, a autora pesquisou o licenciamento do sujeito nulo no PB em peças de teatro cariocas dos séculos XIX e XX, mais precisamente enfocando em sujeitos pronominais de primeira e segunda pessoas.

Duarte (2018 [1993]) encontrou, em suas pesquisas, em termos totais para as três formas pronominais, uma curva que sugere a queda do sujeito nulo em níveis gerais às três pessoas do discurso. No período observado pela autora, entre os séculos XIX e XX, segmentados em sete períodos (1845, 1882, 1918, 1937, 1955, 1975, 1992) observa-se, em sua primeira sincronia, o total de 80% de ocorrência de nulos; ao final, em 1992, o sujeito nulo registra 26% das ocorrências, com números que caminham em direção à preferência ao preenchimento dos sujeitos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas (cf. Duarte, 2018 [1993], p. 88). Vamos observar no Gráfico 2 a seguir, com mais atenção, os números totais de preenchimento dos sujeitos pronominais principalmente na 1ª e 2ª pessoas do discurso observadas por Duarte (2018 [1993]) nesse trabalho.

²⁶ Embora em um primeiro momento a consulta à pesquisa original de 1993 tenha sido feita em edição de 1996, para a escrita da presente dissertação a mesma se deu na versão reeditada em edição comemorativa de 2018 e estará referenciada desse modo: Duarte (2018 [1993]).

Gráfico 2 — A trajetória das três pessoas do discurso em peças teatrais ao longo do tempo



Fonte: Duarte *et al.* (2012, p. 22)

Aqui, me atendo, particularmente, aos percentuais para terceira pessoa, que por apresentar maior estabilidade em relação ao sujeito nulo, apresenta uma curva mais curiosa. Duarte (2018 [1993]) atestou que os resultados encontrados para a terceira pessoa apresentavam situações de sujeitos com referente [+humano]. Que veio a confirmar o traço semântico de animacidade como atuante no comportamento da curva, resultando na hierarquia de referencialidade. Essas características irão confirmar uma diferença na forma como os sujeitos nulos de terceira pessoa são licenciados em comparação às outras duas formas.

Nesse trabalho, Duarte (2018 [1993]) partiu da hipótese de que a queda no sujeito nulo se dava pelo enfraquecimento da concordância aliado às mudanças no paradigma verbal. Considerados dois pontos basilares na observação do licenciamento do sujeito nulo, as características do elemento de concordância e a mudança no paradigma verbal, estão descritos a seguir, para lembrar:

- I. **Elemento de concordância (AGR):** capaz de licenciar e recuperar o sujeito nulo (cf. Duarte, 2018 [1993]) em línguas com sistema flexional rico. As línguas naturais foram divididas entre línguas [+Sujeito Nulo] e [-Sujeito Nulo]. Sendo o italiano a língua prototípica de sujeito nulo, encontram-se aqui as línguas românicas, incluindo o

Português Europeu e o PB, e o inglês o padrão para língua que não permite sujeitos nulos.

- II. Paradigma verbal:** a uniformidade morfológica dos paradigmas verbais passou a ser observada junto ao elemento de concordância, após os estudos do chinês (Huang, 1984): língua com paradigma verbal sem flexão que mesmo assim permite a realização de sujeitos nulos. Para Roberts (1993, cf. Duarte, 2018) um paradigma formalmente rico, como o do italiano, não seria o único a licenciar sujeitos nulos, um paradigma com desinência zero e um sincretismo (aqui descrito como a formação de duas formas idênticas que podem coincidir com a desinência zero) também permitiriam o licenciamento e identificação de um sujeito nulo.

Como já referenciada na primeira parte deste capítulo, retomamos a interpretação de Duarte (2018 [1993]) para o comportamento do PB quanto ao Parâmetro do Sujeito Nulo, feita a partir de Roberts (1993), apontando as diferenças entre os comportamentos das línguas românicas no licenciamento do sujeito nulo através de *observação do paradigma flexional*.

Observa-se, assim, o comportamento diverso do PB em comparação às outras línguas românicas de sujeito nulo, apresentando mudança do licenciamento e identificação do sujeito nulo de referência definida. O enfraquecimento do paradigma flexional verbal e o movimento de transformação no elemento de concordância no PB fizeram com que a língua fosse identificada, alguns anos mais tarde, como Língua de Sujeito Nulo Parcial, (cf. Duarte, 2016).

Estas mudanças são, de acordo com Duarte (2018 [1993]), oriundas da redução do nosso quadro pronominal e a gramaticalização (aceitação formal) de duas formas novas, são elas: (i) a mudança nas formas de tratamento com a substituição de ‘*vossa mercê*’ para a forma ‘*você*’, que entra em variação com outra forma, ‘*tu*’, acarretando apócope da desinência <-s>; (ii) a pronominalização da forma ‘*a gente*’, concorrendo com a forma ‘*nós*’.

De maneira geral, os resultados de Duarte (2018 [1993]) mostraram a importante redução dos paradigmas flexionais: *você* no início do século XX, por volta de 1930, e a alternância entre *nós* e *a gente* no final do século XX, que continuam referenciados como elementos fundamentais na observação da queda do sujeito nulo no português brasileiro.

Em 2005, Barbosa, Duarte e Kato se reuniram em um artigo para apresentar diferenças no licenciamento do sujeito nulo entre o Português Europeu e o Português Brasileiro. A partir de uma comparação entre o PE e o PB, as autoras estabelecem condições estruturais e/ou funcionais que determinam a distribuição de sujeitos nulos e plenos nas duas línguas. Essas

condições levaram à formulação de uma listagem de padrões sentenciais (criados por Cyrino; Duarte; Kato, 2000), observados nas possibilidades de licenciamento do sujeito nulo em relação aos graus de distância do referente.

Quadro 4 — Diferenças entre sujeitos nulos e preenchidos na terceira pessoa em PB e PE em texto escrito.

Variedade	Sujeitos Nulos	Sujeitos Preenchidos	Total
Português Europeu	126 (78%)	36 (22%)	162 (100%)
Português Brasileiro	63 (44%)	79 (56%)	142 (100%)

Fonte: Barbosa, Duarte e Kato, 2005 (Adaptado)

Em sua pesquisa com textos escritos, as autoras encontraram que o PB admite um maior número de preenchimento de sujeito em relação ao PE para a 3ª pessoa, reconhecida como o elemento de resistência entre as três pessoas do discurso, dados que estão de acordo com os encontrados por Duarte (1993; 1995). Já para os dados de fala para os sujeitos preenchidos para a 3ª pessoa apresentados por Duarte (2000; 2004 apud BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005) temos uma diferença entre as duas línguas: com 21% no PE e 58% no PB de dados para preenchimento de sujeito. Foram atestadas, para as outras duas pessoas do discurso: 35% e 74% para a primeira pessoa, em PE e PB, respectivamente, e para a segunda, 24% de preenchimento para o PE e 90% para o PB. (cf. BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005, p. 22)

Sobre as diferenças nas três pessoas do discurso entre as duas línguas, as autoras resumem que a 3ª pessoa é a que apresenta menor número de ocorrências de sujeito preenchido (cf. BARBOSA, DUARTE, KATO, 2005). Ao mesmo tempo, é a 2ª pessoa que apresenta resultado mais discrepante, atestada, de acordo com as autoras, pela diferença entre o uso das formas *tu* (preferencial em PE) e *você*, forma preferencial no PB a partir do século XX.

Barbosa, Duarte e Kato (2005) apresentam, com base na análise de dados, três generalizações ao comparar os quatro padrões às duas variedades do português. São elas:

1) No PE, é observado que sujeitos pronominais preenchidos são predominantemente [+animados], já no PB podem variar entre [+/-animados], a isso se atribui às diferentes posições do sujeito para as duas variedades. Esse comportamento, o Padrão 1, quando comparado aos outros três, deixa claro que uma relação de c-comando entre os sujeitos nulos

e seus antecedentes é o contexto mais favorável para o licenciamento nas duas variedades. Para o PE, a preferência pelo sujeito nulo é quase categórica.

2) Tanto para o PE quanto para o PB, o domínio de variação de sujeitos nulos e preenchidos é onde não se tem nenhuma relação de c-comando. A variação pode estar correlacionada a um fator funcional, mais precisamente, manutenção do tópico (assunto) *versus* mudança do tópico discursivo²⁷ (BARBOSA, DUARTE, KATO, 2005, P. 29). Este é o segundo padrão (Padrão 2), que favorece o licenciamento do sujeito nulo, utilizado nas duas variedades, mas menos frequente no PB, que tem preferido preencher os sujeitos neste contexto.

3) Um exemplo de manutenção do tópico discursivo é quando o antecedente está em uma oração adjacente e é o sujeito da oração. Quando o antecedente do sujeito nulo está em uma sentença não-adjacente, ou possui função distinta da de sujeito, temos uma mudança de tópico discursivo. Nesses casos, há uma maior preferência pelo preenchimento do sujeito nas duas variedades.

Em 2012, Duarte retornou aos estudos publicados em 1993 sobre o comportamento do sujeito nulo, no PB. Com o objetivo de observar mais a fundo tal fenômeno na terceira pessoa, que comprovadamente apresenta um comportamento diferente das outras duas pessoas do discurso, a autora e demais coautores estruturaram a pesquisa amparada na original (DUARTE, 1993), focando em dois aspectos principais: os padrões sentenciais e os traços referenciais.

2.6.1 Padrões sentenciais

Os padrões sentenciais são quatro condições estruturais (cf. BARBOSA, DUARTE, KATO, 2005) estabelecidas para determinar a acessibilidade do antecedente do sujeito em sentenças subordinadas. Com auxílio dos exemplos de Duarte *et al.* (2012, p. 27-29), são eles:

I. Padrão 1: o antecedente está no mesmo período e *é sujeito da oração principal* ou subordinada (grifo meu).

14.

(a) Sujeito Nulo:

²⁷ Variation seems to be correlated with a functional factor, namely topic maintenance *versus* topic shift (Barbosa; Duarte; Kato, 2005, p. 29).

Diz [d. **Zélia**]_i que, depois de sua série de banhos de mar em Copacabana, talvez Ø_i volte novamente para aqui. (Peça: *O hóspede do quarto n° 2*, Armando Gonzaga, 1937)

(b) Sujeito Preenchido:

Dolores — Agora [**ele**]_i não vai mais poder dizer as coisas que [**ele**]_i queria dizer. (Peça: *No coração do Brasil*, Miguel Falabela, 1992)

II. Padrão 2: o antecedente está no período seguinte, *possuindo função de sujeito da oração* ou de *tópico do discurso* (grifo meu). (Os dois exemplos apresentados para o Padrão 2, a seguir, são de sujeito nulo).

15.

Holly: O que é que [**o nosso anjo**]_i tem hoje?

Margareth: Ø_i Tá com essa cara desde que chegou do ginásio. Ø_i Nem foi em casa almoçar.

D. Irene: Com certeza Ø_i vai ficar novamente em segunda época. Desde que Ø_i chegou que não para de olhar para a caderneta. (Peça: *No coração do Brasil*, Miguel Falabela, 1992)

16.

Yvone: — E **Yara**_i?

Cláudio: Ø_i Ainda não veio. Ultimamente Ø_i está saindo tarde do escritório da fábrica. (Peça: *A vida tem três andares*, Humberto Cunha, 1938)

III. Padrão 3: o antecedente do sujeito está em uma *oração não adjacente* (grifo meu), este padrão se caracteriza por possuir orações intervenientes.

17.

(a) Sujeito Nulo:

Florência: Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, que casei-me sem indagar quem **ele**_i era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora Ø_i anda escondido... Ai, estou cansada... Mas Ø_i não escapará da cadeia...seis anos de cadeia... (Peça: *O Noviço*, Martins Pena, 1845)

(b) Sujeito Preenchido:

Alice: Aquele entusiasmo, aquele ardor dos primeiros tempos do casamento vai se apagando e hoje [**seu marido**]_i lhe procura o quê? Duas vezes em dez dias?

Cristina: Não.

Alice: Então você está melhor do que eu pensava.

Cristina: Nem tanto. **Ele**_i me procura uma vez em cada dez dias. (Peça: *A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

IV. Padrão 4: o antecedente está em oração principal ou subordinada e não possui função de sujeito.

18.

(a) Sujeito Nulo:

Florência: Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se **o**_i encontrarem, deem-**lhe**_i uma boa arrochada e levem-**no**_i preso. **Ø**_i Há de me pagar! Vamos menina. (Peça: *O noviço*, Martins Pena, 1845)

(b) Sujeito Preenchido (plural):

Armando: Quero parar com [**essas aventuras**]_i. **Elas**_i não me levam a nada. (*A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

(c) Sujeito Preenchido (singular):

Regina: A gente toca [**o barco**]_i antes que **ele**_i afunde. (*A partilha*, Miguel Falabella, 1990)

2.6.2 Traços semânticos-referenciais

Os traços referenciais analisados pelos autores são tomados Hierarquia referencial, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). Aqui, podemos observar a interação dos traços [+/- humano] e [+/- específico] nos processos de mudança em direção a pronomes expressos, na implementação dos sujeitos pronominais e em direção aos vazios, como, por exemplo, a implementação do objeto nulo (cf. Duarte *et al.*, 2012).

Abaixo, apresento exemplos retirados do texto de Duarte *et al.* (2012, p. 29-30) para representar os traços semânticos de referencialidade.

A) Traço semântico-referenciais [+humano; +específico]

19.

(a). Sujeito Nulo:

Limoeiro: [**O tenente coronel**]_i ainda não veio?

Perpétua: \emptyset _i Está lá dentro. (Peça: *Como se fazia um deputado*, França Júnior, 1882)

(b). Sujeito Preenchido:

Maria Lúcia: [**Laurinha**]_i me ligou ontem, de Berlim. [**Ela**]_i, está contente com a bolsa de estudo, e o dinheiro de apartamento ajudou muito. (*A partilha*, Miguel Falabella, 1990)

B) Traço semântico-referenciais [+humano; -específico]**(a) Sujeito Nulo:**

Vadeco: [**Um homem sensato**] contenta-se com o que a vida lhe reserva. Se lhe falta o pão, a saúde, a moradia, \emptyset _i sofre, mas não se revolta. \emptyset _i Toma a responsabilidade sobre si mesmo. (*A vida tem três andares*, Humberto Cunha, 1938)

(b) Sujeito Preenchido:

Dona Irene: Não é culpa dele, Holly. Está provando que, se [**a criança**]_i não recebe uma alimentação eficaz, **ela**_i fica em desvantagem para o resto da vida. (*No coração da Brasil*, Miguel Falabella, 1992)

C) Traço semântico-referenciais [-humano; +específico]**(a) Sujeito Nulo:**

Ambrósio: Juquinha, gostas d[**esta roupa**]_i?

Juca: Não. [\emptyset]_i não me deixa correr, é preciso levantar assim... (*O Noviço*, Martins Pena, 1845)

(b) Sujeito Preenchido:

Ladrão: Aliás, eu não assaltei [**a casa do lado**]_i porque **ela**_i está na jurisdição do 14º Distrito. (*Do tamanho de um defunto*, Millôr Fernandes, 1955)

D) Traço semântico-referenciais [-humano; -específico]**(a) Sujeito Nulo (plural):**

Padre Mestre: [**Incômodos**]_i? Para eles nascemos nós... \emptyset _i passam despercebidos, e demais [\emptyset]_i ficam de muros para dentro. (*O Noviço*, Martins Pena, 1845)

Levando em consideração as generalizações de Barbosa, Duarte e Kato (2005), voltemos aos resultados de Duarte, Mourão, Santos (2012) para um diagnóstico do condicionamento dos padrões sintáticos e dos traços semântico-referenciais do preenchimento do sujeito na diacronia do PB. Os autores apresentaram os seguintes resultados, analisando os padrões sentenciais ao longo do tempo, utilizando a mesma faixa temporal de estudos em Duarte (2018 [1993]): sete momentos divididos entre os séculos XIX e XX. Duarte, Mourão, Santos (2012) optaram por reunir os padrões 3 e 4 (descritos acima), por apresentarem pesos e valores gerais aproximados.

Quadro 5 — Sujeitos de terceira pessoa preenchidos (*versus* nulos) segundo o padrão sentencial ao longo dos sécs. XIX e XX.

PADRÕES	PERÍODOS						
	I	II	III	IV	V	VI	VII
Padrão 1	0%	8%	14%	0%	6%	21%	25%
Padrão 2	6%	19%	17%	16%	22%	35%	49%
Padrão 3, 4	43%	50%	56%	43%	67%	75%	80%

Fonte: Duarte *et al.*, 2012 (Adaptado)

Os resultados no trabalho de Duarte, Mourão, Santos (2012) para o *preenchimento do sujeito* neste estudo com enfoque na 3ª pessoa evidenciam o aumento do preenchimento no decorrer do século XIX e XX. O padrão 1 apresenta um aumento de 0% na primeira faixa da sincronia, chegando ao resultado de 25% na faixa VII. O padrão 2 apresenta resultados um pouco mais elevados, partindo de 6% na faixa I para 49% na faixa final, com um pequeno decréscimo entre as faixas II (19%), III (17%) e IV (16%), e um aumento expressivo na faixa V, correspondente aos anos 1954-1955.

Os olhos se voltam, no entanto, para os resultados do conjunto de padrões 3 e 4. Esses padrões apresentam uma concentração alta de dados, principalmente na última faixa VII da sincronia, chegando ao resultado de 80% de sujeitos preenchidos. A autora explica que o argumento de que o preenchimento se deve à necessidade de identificação de sujeito é óbvio, mas nos leva a perguntar por que em sincronias anteriores um sujeito nulo no mesmo contexto que era facilmente identificado passa a ser preferencialmente preenchido.

Duarte, Mourão, Santos (2012) observaram um comportamento diferente aos padrões 1 e 2. Os autores atestam que, para estes padrões, há preferência pelo sujeito nulo em peças de teatro, com destaques para pouquíssimos dados com sujeitos preenchidos até a oscilação de 20% a 25% entre as duas últimas sincronias para o padrão 1 e uma extensão de 6% a 49%

entre as faixas de tempo I e VII. Isto se conclui a partir dos dados apresentados por eles, porque, ao observar a estrutura das sentenças nas peças, uma “sequência de sujeitos nulos em subordinadas, particularmente orações relativas (...), já não é facilmente encontrada nas peças mais recentes, em que uma relativa exhibe um sujeito geralmente expresso.” (Duarte *et al.*, 2012, p. 34)

Em 2019, Duarte volta a pesquisar o sujeito nulo, dessa vez comparando amostras de fala do PB e do PE, correlacionadas com amostras de peças teatrais. Primeiro, observaremos os resultados que mais interessam à presente pesquisa: os traços referenciais em peças teatrais em determinado período (o mesmo observado em 2012), aqui reunidos no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 — Sujeitos nulos de terceira pessoa segundo o traço semântico ao longo do tempo em peças de teatro (Adaptado de Duarte, 2019)

TRAÇO SEMÂNTICO	ANO	1845	1882	1918	1937	1955	1975	1992
[+animado/+específico]		100%	94%	93%	93%	87%	62%	76%
[-animado/+específico]		72%	63%	56%	71%	57%	41%	36%

O traço [+animado] segue a mesma direção observada por Duarte para as outras duas pessoas do discurso na redução dos sujeitos nulos, com a terceira pessoa chegando a 76% na última sincronia; já para o traço [-animado] ajuda a explicar a maior lentidão na implementação da mudança nos sujeitos de terceira pessoa.

Em dados de fala de uma pesquisa²⁸ mais recente de Duarte (2019), podemos observar uma comparação entre informantes do PE e do PB de faixas etárias entre 18 e 75 anos, agrupados em intervalos de vinte anos.

Quadro 7 — Sujeitos nulos de terceira pessoa na fala segundo a faixa etária

VARIEDADE	IDADE	18-35	36-55	57-75
Português Europeu		71%	63%	68%
Português Brasileiro		16%	25%	31%

Fonte: Adaptado de Duarte (2019)

Observando os dados para o PB: temos baixos índices de sujeitos nulos nas três faixas etárias, com 16%, 25% e 31%, com a faixa *mais jovem* liderando o curso da mudança. Para o PE, podemos observar estabilidade nas três faixas etárias, sempre privilegiando o sujeito nulo.

²⁸ Esta pesquisa foi elaborada da seguinte forma: as amostras gravadas entre 2009 e 2010 com falantes do Rio de Janeiro e Lisboa, com coleta em dois bairros de cada cidade, um de área central, e outro de área interior. Foram 72 participantes no total, estratificados em idade, gênero (1 homem e 1 mulher para cada célula), nível de escolaridade (fund., méd. e super.), com 18 indivíduos para cada localidade.

Nessa pesquisa, é interessante observar que os informantes europeus mais jovens revelam um índice mais alto de sujeitos nulos de terceira pessoa.

O trabalho iniciado por Duarte (1993;1996; 2000; 2005; 2018; 2019; 2020...); Duarte, Mourão, Santos (2012) é muito profícuo e permanece de suma importância para as pesquisas acerca do licenciamento do Sujeito Nulo no PB. Os padrões sentenciais atrelados aos traços semânticos, junto com as mais recentes abordagens de Kato, Martins e Nunes (2023), podem ajudar a contribuir para o entendimento do comportamento peculiar e instigante de nossa língua, com respeito ao parâmetro do sujeito nulo.

2.7 Conclusão ao Capítulo 2

Nesse segundo capítulo apresentei os caminhos percorridos a partir da TPP para a formulação do PSN e como os estudos do sujeito nulo contribuíram para o entendimento e categorização das línguas através do Parâmetro. Também, de maneira panorâmica, apresento alguns dos estudos sobre o sujeito nulo no PB e como, atualmente, é sugerido, para a língua a classificação de Língua de Sujeito Nulo Parcial, com seu comportamento peculiar que o afasta de outras línguas românicas categorizadas como Línguas de Sujeito Nulo Consistente, como o PE, por exemplo.

Também apresento, panoramicamente, os estudos feitos por Maria Eugênia Lammoglia Duarte e sua grande contribuição e relevância no campo da análise do comportamento do PB, mostrando o percurso do sujeito à medida em que vai sendo preenchido com o passar do tempo. Tais análises foram feitas, especialmente, em peças teatrais, com as variáveis Padrões Sentenciais (Barbosa, Duarte, Kato, 2005) em combinação aos Traços semântico-referenciais (Cyrino, Duarte, Kato, 2000), dois elementos que contribuíram para a análise de minha dissertação em peças teatrais catarinenses.

Passo, agora, ao capítulo de Metodologia e Análise dos dados, onde explicito as variáveis independentes escolhidas para combinações com a variável dependente, a metodologia utilizada para trabalhar com as peças catarinenses dos séculos XIX e XX e apresento a análise completa dos 673 dados recolhidos nesta pesquisa.

CAPÍTULO 3 — METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS: A REALIZAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL EM PEÇAS DE TEATRO CATARINENSES DOS SÉCULOS XIX E XX

3.1 — Introdução

Este terceiro capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia e análise empreendidas nesta pesquisa para a observação da realização do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças de teatro escritas por catarinenses dos séculos XIX e XX. Em um primeiro momento, ao categorizar os dados, optei por não fazer distinção na flexão de concordância de número (singular e plural). A escolha se deu para que eu pudesse experimentar de maneira geral o comportamento do sujeito nulo de 3ª pessoa com a utilização de outras variáveis. No entanto, para esta versão final, a distinção por tipo de flexão de concordância verbal para os sujeitos pronominais de terceira pessoa foi incorporada às variáveis independentes.

Como se sabe, metodologia e análise de dados são dois elementos fundamentais à pesquisa. Com isso em mente, este capítulo está assim estruturado: passada essa breve introdução, a seção 3.2 é destinada a apresentar a metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa — em 3.2.1, detalho brevemente o *corpus*, apresentando as seis (6) peças teatrais que compreendem períodos entre os séculos XIX e XX selecionadas e como elas foram incorporadas à pesquisa para análise nesta dissertação²⁹. Em 3.2.2 apresento o “envelope de variação” (para retomar TARALLO, 1868), delimitando a variável dependente e as independentes selecionadas para a pesquisa e o processamento dos 673 dados no programa de análise estatística GoldVarb.

Por fim, na seção 3.3, apresento os resultados da análise dos dados para o preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX.

²⁹ Como já dito, as peças escolhidas dentre as disponíveis no banco de dados físico do PHPB-SC foram: *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868), *A estória* (Ademir Rosa, 1990), *Os lobos* (1992), *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992) e *As quatro estações* (1998).

3.2 — Metodologia

Para esta dissertação, como já mencionado anteriormente, fiz a leitura integral das obras nos suportes fornecidos e, posteriormente, fiz leituras mais detalhadas, em suporte digital com utilização da ferramenta Word, do Pacote Office da Microsoft, para levantamento dos dados.

Após a recolha e categorização dos 673 dados, dei início às rodadas no programa estatístico *GoldVarb*. Para a análise de aplicação dos valores da variável dependente foram feitos dois tipos de rodadas no programa estatístico, primeiro de frequência de uso, e então uma rodada de análise binomial, para observar combinações da variável dependente aos demais grupos de fatores.

Antes de adentrarmos ao mundo da metodologia para a recolha dos dados nas planilhas de Excell e infinitas rodadas no aplicativo *GoldVarb* para o tratamento, manipulação e, finalmente, análise dos dados, julgo importante apresentar, como parte inicial, as escolhas metodológicas feitas por mim ao acatar as peças teatrais do *corpus* escrito do PHPB-SC/VARSUL para análise.

3.2.1 Detalhamento do corpus: as peças teatrais catarinenses

Para esta pesquisa, selecionei 6 peças teatrais³⁰, caracterizadas como *comédia de costumes*, para análise, todas cedidas do acervo do Prof. Marco Antônio Rocha Martins, e pertencentes aos corpora do PHPB-SC. As peças foram escritas entre os séculos XIX e XX por catarinenses, quase todos nascidos na capital, Florianópolis, antes conhecida como Nossa Senhora do Desterro.

A primeira leitura integral se deu em suporte físico original no qual a peça se encontrava.³¹ As peças do século XIX, *Raimundo* (1868) e *Quem desdenha quer comprar* (1868) estavam em edições literárias, tendo o texto tratado e gramática atualizada, as

³⁰ Está disponível, no Apêndice A (p. 113), um resumo das peças com as fichas das personagens.

³¹ Para duas peças foi possível uma primeira consulta em manuscrito original do autor, foi o caso de *A estória* e *Os lobos*, de Ademir Rosa, peças representantes do século XX. Os suportes físicos originais podiam, então, ser manuscritos ou edições literárias físicas em que as peças estivessem antes de serem transcritas ao Word.

possíveis alterações³² das versões originais para as peças do século XIX não foram consideradas.

Após leitura integral em suporte físico original, as 6 peças foram transcritas integralmente, com o intuito duplo de consultá-las em suporte digital, através de laptop, no Word, e, poder, posteriormente, disponibilizá-las on-line, para demais pesquisadores, junto aos corpora do PHPB-SC. No presente capítulo, analiso as 6 peças. Sem mais delongas, e já apresentadas, retomo no Quadro 8, detalhadamente, as peças teatrais, ano de publicação, os autores e respectivas datas de nascimento, em análise nesta pesquisa:

Quadro 8 — Peças teatrais, ano de publicação e autores da pesquisa

PEÇAS TEATRAIS	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR
Raimundo	1868	Álvaro de Carvalho (1829-1865)
Quem desdenha quer comprar	1868	Lacerda Coutinho (1841-1902)
A estória	1990	Ademir Rosa (1950-1997)
Os Lobos	1992	
Flores de Inverno	1992	Antônio Cunha (1961-)
As Quatro Estações	1998	

Fonte: Elaboração própria sob adaptação de referências anexas em Martins (2012, p. 223 e 225)

Entre os meses de maio a setembro de 2022, foram transcritas quatro das 6 peças utilizadas, dando prioridade às peças representantes do século XIX e duas que representassem o século XX para análise inicial. Essas passaram por um processo de transcrição/digitação por mim e mais duas alunas da graduação, orientandas do Prof. Marco Antonio Rocha Martins pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A transcrição/digitação das peças possibilita a leitura integral e consulta aos textos em suporte digital para a presente

³² Apesar de não considerar as possíveis alterações das versões originais para as peças do século XIX, chamou a atenção como se descreve o feito na edição física onde se encontra *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868). À publicação da segunda edição foram considerados alguns aspectos:

1 — Foram feitas mudanças ortográficas, tipográficas e, sempre que necessário, também as sintáticas, em especial a pontuação, mas só em casos óbvios; não houve troca de vocábulos; observamos apenas as indicações de erratas na última página de *Quem desdenha que comprar*. (...)

3 — Na fala das personagens, respeitou-se rigorosamente a linguagem de cada um.

(*Quem desdenha quer comprar*, p. 8 [introdução], 2. ed. 2001)

pesquisa.³³ Entre outubro e novembro foram transcritas, por mim, as duas peças restantes, finalizando assim, o corpus descrito e analisado nesta dissertação.

Em leituras para embasamento da pesquisa, havia reparado que em trabalhos como de Duarte (2018 [1993]; 2019) e Duarte, Mourão, Santos (2012) entre outros prezou-se a observação das falas das personagens em sentenças matriz ou primeiras sentenças. Algo que propus ao início da presente pesquisa foi tentar fazer a análise das falas inteiras das personagens, sob a hipótese de que encontraria mais dados ao considerá-las na íntegra. Conseqüentemente, por optar pela observação integral do período proferido pela personagem, ocorreram situações de falas demasiado longas. Essas estruturas longas são características ao gênero, denominadas, na linguagem teatral, de *bifes* (Figura 6). Um exemplo pode ser observado abaixo:

Figura 6 — Exemplo de “*bife*” na íntegra em Raimundo (Álvaro de Carvalho, 1868)

CASCAES — Amanhã agarro-me às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. Isto é uma vida do diabo, e se continua assim ficame a pele e os ossos... se não os quebrar o nosso contramestre. Não posso mais... Não, senhor, não posso mais!... Ora, ainda antes de entrar Flor-de-Beiriz, tinha um jeito; mas agora o diabo que o ature... Junta-se o nosso contramestre com o outro, e viva! Veio aquele torto, com um olho pró noroeste, outro pró nordestes, com barriga de porco e cabeça de cachorro d'água, pôr ainda o nosso pior. Um beerrão... uma pipa; e... é carraspana a não poder mais, e ainda em riba pago com o costado. Como à carreira, durmo... durmo? eu sei lá se durmo!... O dia está em casa de Cristo, e já - Cascaes!... ó diabo!... arranja café!... dá cá um trago!... e dá cá isto!... e dá cá aquilo, e limpa botas, e arranja cambra, e almoço, e salta ao bote... e... e... trabalho como um moiro, ou como um negro!... E pontapé não falta. Chega a noite... qual dormir? haja ceia, ou não haja, cá estou à espera daqueles dois animais. Nada, isto não tem lugar. (*Dispondo os pratos*). Bem me dizia a velha: “Deixa-te estar, alguém te ensinará; hás de comer o pão que o diabo amassou com o rabo!” E o que é verdade é que amassam-me o lombo... (*abrindo a boca*)a... a... a... a!... que sono!... E hoje temo-la travada: ceia de peixe, e vinho do Porto. (*Senta-se*). As dez já lá vão... (*tira o barrete, toma um cigarro e acende*). Ah!... quando eu chegar a contramestre, hei de tirar o meu ventre da miséria... Vinhaça a valer... hei de ter uma dúzia de moços de caimbra, e... hei de trunfar-lhes biscoitos, e pontapé como um aguaceiro!... E quando tiver empacotilhado algumas moedas, hei de pôr uma venda e... hei de comprar duas negras, uma para lavar-me os pés, e outra para abanar-me os mosquitos... que vidão! Relógio de prata, um cordão de oiro... grosso assim... chapéu de sol!... hei de pôr-me como fidalgo de cabeleira de rabicho... É verdade, hei de ter uma negra pra enrabichar-me. Que mesa que hei de ter!... e que vinho!... lá nisso não hei de poupar; hei de beber do bom... Mas por falar em vinho... vamos a provar o do nosso contramestre. (*Abre uma garrafa, e deita vinho em um copo: bebe*). Não é mau...

³³ As transcrições/digitações das peças também são feitas pensando na possibilidade de virem a servir de *corpus* em projetos futuros por pesquisadores e pesquisadoras do PHPB-SC, do VARSUL, e demais projetos que tratem de textos escritos.

(toma). Há o melhor... mas, assim mesmo... (toma). Sim, senhor!... é uma boa pinga!
 (toma). E pelo preço... (leva o copo à boca).

Fonte: Elaboração própria sob texto de Álvaro de Carvalho

Agora... a opção por utilizar as falas na íntegra das personagens, permitiu observar maiores ocorrências de sujeito nulo? Em determinadas situações como em (17), sim.

(c)

(Personagem) 2 — Você esta (sic) falando tão bem dos **artistas**, mas eu conheci uns muito medíocres, que viviam na porta do teatro com uma espécie de um feixe na mão. Ø Passaram muito tempo sendo medíocres na vida e no palco. Uns chegaram até a fazer vários cursos, mas Ø voltaram a porta do teatro, porque nos palcos não cabem canalhas de todo o tipo. Ø Divertiam-se no carnaval, quando quase todos nesta cidade vivem uma espécie de esteria coletiva. Coitados, Ø pensam que são alegres... Ø vivem tentando... Ø desconhecem a felicidade.

(*Os Lobos*, Ademir Rosa, 1992)

No entanto... Isso pode se dar por recursividade de um gênero próximo à fala, sim, mas ainda assim, *escrito* e, por vezes, editado, como salientado na segunda edição à publicação de *Quem desdenha quer comprar*.

Nesse tipo de análise observei que os sujeitos a que se remetem tais nulos, são, frequentemente, distintos dos sujeitos aos quais se remetem às personagens na sentença matriz ou primeiras sentenças. Esses não necessariamente serão sempre os sujeitos da sentença, encaixando-se com frequência nos padrões 3 e 4 de Duarte, Mourão, Santos (2012). A escolha por observar as falas integralmente não necessariamente apresentou um número elevado de ocorrências do Padrão 3 em decorrência dos outros, como veremos na análise a seguir.

Nas consultas aos manuscritos das peças de Ademir Rosa (*A estória*, 1990; *Os lobos*, 1992), também foi possível observar rasuras em determinadas partes do texto que não foram integradas à transcrição das peças, sendo marcadas, quando ocorriam, como (rasurado).

Outra ocorrência que chamou a atenção foram os casos de períodos mistos (18) em que há ocorrência de sujeitos preenchidos em meio a um mar de sujeitos nulos, frequentemente utilizados em momentos de mais de um referente. Essas ocorrências de períodos mistos foram observadas em mais de uma peça. Abaixo, para fins ilustrativos, todos os elementos de análise estão destacados em um único exemplo; cada um conta como um dado a ser considerado, após estabelecido o referente.

(d)

KLAUS — Tudo bem, o senhor não precisa. Eu já contei sobre **o meu irmão**? **Ele** trabalha na Marinha Mercante.

EUGÊNIO — Sério?

KLAUS — É. **Ø** É imediato do navio. Meu pai era marinheiro, e **minha mãe** fez questão de que pelo menos um de nós fosse também. **Ela** adorava farda. Principalmente branca. **Ele** não costuma vir muito aqui, mas quando **Ø** vem **Ø** traz presentes de várias partes do mundo. Noutro dia **ele** trouxe uns palitinhos que os japoneses usam como talher. Eu não sei ainda o que fazer com aquilo, mas são muito bonitos. O senhor já comeu com aquilo?

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

Em relação aos demais componentes de uma peça teatral, como as *rubricas*³⁴ que sinalizam o início da cena e direcionam as ações/emoções das personagens e configuram uma série de elementos dentro do texto dramático, esses não foram formalmente utilizados, com uma pequena exceção. As rubricas que configuram os cabeçalhos, onde, por vezes, se descreve o cenário, foram utilizadas como alternativas para solução de problemas, como será visto a seguir.

Neste momento, diferencio brevemente ao que me refiro com “rubrica”. As rubricas imediatamente anteriores e/ou posteriores às falas das personagens se caracterizam em destaque como no exemplo:

(e)

EUGÊNIO — Eu não espero muita gente (*tira novamente a garrafa do bolso e bebe*).

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992, sublinhado nosso)

Por apresentar outra configuração e trazer mais informações sobre a peça, optei por observar a rubrica utilizada no cabeçalho. Apesar de ser um recurso mais próximo ao literário, a *rubrica-de-cabeçalho* (assim denominada por mim para evitar confusão) apresenta recursos significativos ao entendimento das personagens quando faltam informações para a construção do seu perfil.

Quadro 9 — Rubrica-de-cabeçalho de uma peça teatral com informações de personagem.

Rubrica-de-cabeçalho de <i>A estória</i> (Ademir Rosa, 1990)
A cena se passa numa praça de uma média cidade. Está sentado um homem de meia idade, lendo um jornal e se distraíndo, observando crianças jogarem futebol. Entra

³⁴ A rubricas são os elementos que aparecem frequentemente, nesse gênero textual, marcados entre parênteses e, por vezes, com mais algum elemento que a deixe destacada da fala, como, por exemplo, todas as letras grafadas em maiúsculas, ou itálico. Junto ao discurso direto das personagens são os elementos que caracterizam o texto dramático.

uma mulher mais nova. Pára e fica olhando, como quem procura algo, ou esperando alguém.

Fonte: Elaboração própria sob texto de Ademir Rosa

Esse elemento auxiliou, inclusive para resolver casos de *knockout*³⁵. Casos com esse tipo de ocorrência precisam ser desfeitos de alguma forma, e, aqui, optei por separar as personagens por idade, e julguei necessário, para tal, considerar os cabeçalhos como fonte de informação. No caso da presente pesquisa, o cabeçalho se mostrou útil à análise ao dar mais pistas sobre as personagens, que não foram descritas no perfil de personagem ou no interior da peça. Dessa forma, consegui aplicar de forma coesa um critério para eliminar essas situações.

3.2.2 O “envelope de variação” (para retomar sempre Tarallo, 1986)

O “envelope de variação”, proposto por Tarallo (1986), é a denominação que se dá ao conjunto de componentes de uma pesquisa sociolinguística que possibilitam sistematizar as “nossas hipóteses de trabalho.” (Tarallo, 1986, p. 36) Ele se dá pelo levantamento dos variados contextos “que potencialmente influem na realização de uma variável, de uma ou de outra forma.” (Tarallo, 1986, p. 36). Faz parte do envelope o conjunto de variável dependente e variáveis independentes.

Nesta pesquisa, o *preenchimento do sujeito de terceira pessoa* foi escolhido como variável dependente. Ele possui duas variantes, uma vez identificado o referente (representado através do índice subscrito X_i). As variáveis, aqui, estão caracterizadas desse modo: a forma preenchida do sujeito pronominal de terceira pessoa no singular ou plural [ele/ela; eles/elas] e sua contraparte nula, marcada canonicamente com o símbolo de vazio $[\emptyset]$ ³⁶. As variáveis preenchimento de sujeito e sujeito nulo podem ser observadas como descritas abaixo nos exemplos retirados das peças em análise.

- (f) Sujeito preenchido
 H — Quem sabe **ele**_i não fez de propósito.
 M — **Ele**_i costuma ser pontual.

(A estória, Ademir Rosa, 1990)

³⁵ Em estatística, denomina-se *knockout* para situações quando há totalidade de ocorrências para apenas uma variável (nesse caso, preenchida ou nula) em determinado dado (aqui, na fala de alguns personagens).

³⁶ O símbolo de vazio $[\emptyset]$ é utilizado para a variante de marcações vazias, nulas ou não-realizadas, em que suas contrapartes são realizadas, como por exemplo, o sujeito nulo/sujeito preenchido.

(g) Sujeito nulo

EUGÊNIA — Silêncio! Ela_i também o supõe... mas **Ø**_i está enganada. Verdade é que **Ø**_i já principia a desenganar-se...

(*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1868)

Em (20) temos um exemplo do que seria o sujeito exposto dentro do padrão sentencial 2 (Duarte, Mourão, Santos, 2012), onde o antecedente está na sentença adjacente, desempenhando função de sujeito da sentença. Em (21) temos exemplos do padrão 1, com o elemento antecedente desempenhando a função clássica de sujeito da sentença matriz.

O “envelope de variação” se faz de variáveis dependentes e independentes, apresentadas as primeiras, passo agora às variáveis independentes. Aqui, entram em cena as variáveis que irão interagir com as variáveis dependentes. Para essa pesquisa parti de variáveis já utilizadas em pesquisas anteriores³⁷ para me familiarizar com a análise da queda do sujeito nulo em relação à predileção por um maior preenchimento dessa forma sintática. Desse modo, foram selecionadas como variáveis independentes: os padrões sentenciais, os traços semânticos dos referentes, as personagens, os autores e, por fim, após sugestão em banca de qualificação, a concordância numeral (singular x plural).

Como já mencionado no Capítulo 2, para esta pesquisa, não se completou a elaboração de um grupo de variáveis para o tipo de licenciamento intrassentencial dos sujeitos, com sujeitos em ilha (orações relativas) ou domínio transparente (orações completivas), como teorizaram Kato, Martins e Nunes (2023). Essas, quando aparecerem no presente capítulo, estarão somente como demonstrações ilustrativas à teoria que aqui se comentou. Além disso, também não foram contempladas outras variáveis como a transitividade do verbo, por exemplo.

Foram computados 673 dados no total, que foram combinados com a variável dependente e as variáveis independentes. Reuni os dados das peças em um único arquivo de planilha Excell, divididos em 6 abas (planilhas) para acomodar cada uma das peças separadamente. Passei à seleção das variáveis e delimiti 6 grupos de fatores (TARALLO, 1986), sendo eles:

³⁷ Os padrões sentenciais e os traços semânticos já foram extensamente observados por Duarte, Mourão, Santos (2012), Duarte (2016; 2019, entre outros) e parti deles para entender o fenômeno; de mesmo modo, seguindo mestres, também havia o interesse em observar os dados a partir do nascimento dos autores para a análise de competição de gramáticas (Martins, 2009; 2013, entre outros); por fim, parecia impossível estudar peças teatrais sem considerar seus sujeitos principais: as personagens (Berlinck; Brandão, 2021); por fim, acatando sugestão da banca de qualificação, foi acrescentado ao envelope as variáveis para a flexão de concordância (singular e plural).

- Grupo 1: o grupo principal, onde consta a variável dependente preenchimento do sujeito *versus* sujeito nulo. Lembrando que, nesta pesquisa, estou analisando a evolução da forma inovadora, o sujeito preenchido. dependente para qual estou analisando a evolução da forma inovadora, sujeito preenchido, em comparação à sua contraparte nula.
- Grupo 2: o segundo grupo foi definido após a qualificação, em sugestão da banca para um maior refinamento no tratamento dos dados. Destinei a ele a flexão de concordância, com as variáveis singular e plural.
- Os Grupos 3 e 4 foram destinados aos Padrões Sentenciais e Traço Semântico dos Referentes, e foram categorizados inspirados no texto de Duarte *et al.* (2012; 2018); Cyrino, Duarte, Kato (2000); Barbosa, Duarte, Kato (2005).
- Grupo 5: esse grupo foi destinado às personagens das peças. Uma descrição mais detalhada das personagens pode ser encontrada em *APÊNDICE A – AS PEÇAS TEATRAIS CATARINENSES*. Logo nas primeiras rodadas de frequência de uso, algumas personagens apresentaram *knockout*, que remeterei mais adiante, nesses casos, a opção por integrá-las a faixas de idade foi a solução encontrada para resolver essas situações.
- Grupo 6: por fim, inseri no grupo 6 os autores catarinenses escritores das peças teatrais em análise.

Os dados recolhidos das peças totalizaram 673, para um panorama geral dos dados, na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, estão representados os números totais da realização do sujeito por peça, incluindo as porcentagens, sem distinguir a variável nula ou preenchida. É justificável, nesse caso, que Álvaro de Carvalho apresente maior ocorrências de dados totais (aqui sem distinção entre as formas singular e plural), pelo fato de Raimundo, sua peça ser a peça mais longa dentre as que analisei nessa dissertação, caracterizada como uma comédia de costumes em cinco atos.

Tabela 4 — Frequência de uso e percentual de sujeitos pronominais de terceira pessoa (preenchidos e nulos) por autores de peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX

TIPO DE SUJEITO	AUTORES (ano de nascimento)				TOTAIS
	Álvaro de Carvalho (1829) Apl/Total	Lacerda Coutinho (1841) Apl/Total	Ademir Rosa (1950) Apl/Total	Antônio Cunha (1961) Apl/Total	

	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Sujeito Preenchido	42/356 (11%)	24/101 (24%)	25/127 (20%)	34/89 (38%)	125/673 (19%)
Sujeito Nulo	314/356 (88%)	77/101 (76%)	102/127 (80%)	55/89 (62%)	548/673 (81%)

Fonte: Elaboração própria

Os resultados encontrados na pesquisa sugerem que, entre todos os autores, o que apresenta maior favorecimento ao preenchimento do sujeito é Antônio Cunha, com 38% de percentuais encontrados suas peças, o representante da escrita catarinense mais jovem dentre os quatro, tendo nascido em 1961. Por outro lado, surpreendentemente, podemos observar um dos autores do século XIX, Lacerda Coutinho, como comportamento peculiar ao esperado (24%).

Após a configuração inicial do modelo de preenchimento das planilhas no Excell, foi feito o levantamento dos dados nas peças teatrais em análise. Todos os 673 dados foram reunidos em um arquivo no Excell, do Pacote Office, separados em seis planilhas, para que cada peça pudesse ser analisada de forma coesa. As peças foram organizadas por ordem de publicação e nascimento dos autores.

Ao fim do recolhimento dos dados, e após revisões nos materiais de origem e transcritos, eles estavam prontos para serem processados, manipulados e analisados no aplicativo *GoldVarb* v. 3.0 (Rand; Sankoff, 2004)³⁸, programa de análise estatística destinado às pesquisas linguísticas.

A primeira rodada de processamento dos dados no programa *GoldVarb* apresentou, como já mencionado, *knockout*, o que resultou em uma revisão dos dados e na busca por uma solução. Para tratar o fator *knockout*, separei os personagens em três grupos que compreendessem três faixas etárias distintas, entre personagens mais novos e mais velhos.

À medida que a faixa etária das personagens mostrou-se uma variável importante para resolver casos em que a leitura dos dados apresentou *knockout*, precisei retornar ao meu objeto de estudo, com mais delicadeza.

Em consulta à edição em edição física da peça *Raimundo* (1868), apresentou-se uma primeira solução: ficha de personagens. Uma lista simples que apresenta os nomes de todas as personagens das peças, descrição básica de quem são ou o que fazem e, por vezes, idade. Algumas personagens importantes na peça e que foram selecionadas nas rodadas de análise

³⁸ A íntegra do Manual do aplicativo de processamento, manipulação e análise de dados *GoldVarb* está disponível em: <https://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/goldVarb/GoldManual.dir/index.html>. Acesso em: 06/04/2024.

por apresentarem *knockout*, não continham idade explícita. Tampouco nada se encontrou no texto ou em rubrica-de-cabeçalho, *algoritmicamente falando*.

Além disso, havia mais um problema: ainda que faltassem as informações, *Raimundo* (1868) era a única com ficha que trazia a idade de alguns personagens. Nenhuma outra peça tinha essa informação, com exceção da personagem Eugênia, de *Quem desdenha quer comprar*, (Lacerda Coutinho, 1868), que tinha sua idade revelada no interior da peça.

Desse modo, a classificação por idade aproximada precisou ser subjetiva quando não era possível apreender a informação de fichas de personagem ou do próprio conteúdo do texto dramático. Para tal, precisei recorrer à interpretação textual, inferindo quando era necessário do que era fornecido de informação das personagens das peças.

Raimundo, no entanto, com o auxílio de *Flores de Inverno* e *As quatro estações*, me ajudaram a delimitar que havia crianças, adolescente e jovens adultos como personagens nas peças, bem como adultos e pessoas de meia-idade e por fim, idosos, desse modo, consegui chegar à formulação que ilustra o Quadro 10 para três faixas de grupos tão ecléticos.

Quadro 10 — Delimitação das faixas de idade das personagens

Faixas de idade das personagens		
Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
Até 25 anos	26 até 49 anos	50 anos em diante

Fonte: Elaboração própria

3.2.4 Licenciamento dos sujeitos nulos

O licenciamento dos sujeitos nulos de terceira pessoa, como já mencionado, é observado, na pesquisa de Kato, Martins e Nunes para os sujeitos nulos, sob duas esferas: licenciamento morfológico e licenciamento anafórico intrassentencial. O segundo, se observa em contextos de ilha (nas orações relativas) e em contextos de domínio transparente (nas orações completivas).

Nesse íterim, saliento que não foi possível, no atual momento dessa pesquisa, elaborar uma metodologia que permitisse a utilização dos aspectos de licenciamento de sujeitos nulos de terceira pessoa nos contextos citados, no entanto, pude observar sua ocorrência em alguns dados. Aqui dispostos para fins ilustrativos:

(h)

a.

MARIA — Quereis um conselho? Entrega esta carta a teu **tio**, e **que ele** a devolva ao Sr. João André.

(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1868)

a.

JOÃO ANDRÉ — Levem o **Sor Milhomens** pra baixo, **que** Ø está constipado.

(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1868)

c.

D. JOANA — Ai! Pois deveras nunca te falei nisto? É que tens andado sempre por fora... Além disso, bem sabes que em matéria de casamentos, nunca é bom dar muito com a língua nos dentes... São coisas que se desmancham numa hora para outra e... não é bom... Mas **a Matilde** há de ter-te sempre dito alguma coisa... Ø É tão tua amiga!...

EUGÊNIA — Palavra **que** Ø nunca me falou um tal...

(*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1868)

d.

H — **O padre** correu, Ø tropeçou numa pedra [e] Ø caiu feito um doido. Tiveram que socorrê-lo. (ri). Em seguida a polícia veio para cima de mim, mas como Ø me conhecem dessa praça, Ø me deixaram em paz. O padre está se convalescendo numa clínica fora da cidade. Queria **que ele** morresse para deixar de ser besta.

(*A estória*, Ademir Rosa, 1990)

A hipótese que suscitou após observar dados em que ocorrem os fenômenos de sujeito em ilha e em domínio transparente, foi que auxiliaria a distinguir as gramáticas que estariam em competição para os autores. Uma vez que Kato, Martins e Nunes (2023) comprovam que os falantes de português brasileiro interpretam seus sujeitos nulos de maneira distinta dos falantes de português europeu.

Estas foram as variáveis selecionadas e testadas neste primeiro momento da pesquisa: a realização do sujeito preenchido vs. sujeito nulo, os padrões sentenciais, os traços semântico-referenciais e os autores por data de nascimento. Estão considerados para futuras análises o licenciamento anafórico intrasentencial e os contextos de sujeitos nulos em ilha e em domínio transparente. Na seção seguinte, está a análise dos dados.

3.3 Análise dos dados

Como se sabe, a análise dos dados na presente pesquisa se deu através da observação na evolução do preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses do século XIX e XX, com a variável dependente como sujeito preenchido em comparação com sua contraparte nula.

Dos 5 grupos de variáveis independentes, 3 foram selecionadas e outras 2 não. Os grupos de variáveis selecionados pelo programa foram: *os padrões sentenciais, as personagens das peças e os autores* analisados através dos resultados apresentados nas duas rodadas (frequência de uso e binomial). As variáveis traço semântico e concordância nominal, não foram selecionadas, mas constam no presente capítulo por apresentarem relevância em frequência de uso. Por uma razão metodológica, de observar os dados a partir da data de nascimento dos autores, estou apresentando os dados, dentre os selecionados, na seguinte ordem: autores, padrões e personagens.

Durante a análise com rodadas de frequência de uso, foi possível observar que os dados apresentaram, em todas as peças, uma grande incidência de sujeito nulo, com os números de percentuais desfavorecendo o preenchimento do sujeito. Como já apresentado anteriormente na Tabela 4, a análise dos 673 dados recolhidos em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX para os sujeitos pronominais de terceira pessoa, apresentou como resultados para frequência de uso e percentual: sendo 125 entradas para o preenchimento do sujeito (19%) e 548 para o sujeito nulo (81%).

Os resultados totais encontrados, por autor, na rodada de frequência de uso (com percentual) do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses escritas entre os séculos XIX e XX resultou conforme apresentado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**:

Tabela 5 — Distribuição dos dados totais de sujeitos preenchidos e sujeitos nulos coletados em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX

PEÇAS TEATRAIS CATARINENSES	SUJEITOS PREENCHIDOS	SUJEITOS NULOS	TOTAL DE DADOS NAS PEÇAS
Raimundo (1868)	11% (42 dados)	88% (314 dados)	356
Quem desdenha quer comprar (1868)	24% (24 dados)	76% (77 dados)	101
A estória (1990)	22% (19 dados)	78% (66 dados)	85

Os lobos (1992)	14% (6 dados)	86% (36 dados)	42
Flores de Inverno (1992)	58% (22 dados)	42% (16 dados)	38
As Quatro Estações (1998)	23% (12 dados)	76% (39 dados)	51
Total	19%	81%	673 dados

Fonte: Elaboração própria

Enquanto *Raimundo* (1868), a peça com mais dados gerais para sujeitos nulos e plenos, apresenta o menor número para o preenchimento do sujeito com 12% (algo esperado por sua época bem como a de nascimento de Álvaro de Carvalho), *As Quatro Estações* (1998), a peça mais recente observada até o momento, contou com menos dados coletados e resultados mais elevados, como esperado, para sujeitos preenchidos, com o percentual de 24% para a forma inovadora em análise.

Como se verá em 3.3.1, seção de análise dos autores das peças, e já introduzido anteriormente na Tabela 4, o alto resultado atribuído ao Antônio Cunha se dá por conta da peça *Flores de Inverno* (1992), que apresentou construções como a que se mostra em (23). Já os resultados de Lacerda Coutinho (1841) surpreendem em relação ao seu contemporâneo, Álvaro de Carvalho; em *Quem desdenha quer comprar*, os dados são encontrados, sobretudo, em casos mistos como (25)³⁹.

(i)

KLAUS — Eu não sou alemão, não! Só o meu nome. **A minha mãe** gostava muito de nomes estrangeiros. Meu irmão é William. Acho que é inglês! **Ela** queria que nós fossemos alguma coisa, mas **ela** morreu e eu não sou muita coisa, não, aliás, eu sou quase nada. O senhor tem filho?

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

(j) MATILDE — (...) Convivi com **ele** por três meses, é verdade... Mas há tanto tempo que isso foi! Além de que era então uma criança, e ele outra... O que posso dizer-te é que ele mostrava ter-me muita amizade. **Ø** Fazia tudo quanto podia para agradar-me. O meu médico tinha-me aconselhado os passeios a cavalo. Como eu era muito medrosa, **ele** tomava-o pelas rédeas e ia comigo, a pé, léguas inteiras. (...) Se eu ambicionava uma flor, uma fruta, um ninho de pássaro, era **ele** mesmo quem os queria ir procurar... E **Ø** voltava todo cansado, todo arranhado, todo esfolado, vermelho como um camarão cozido, mas muito contente por me ter satisfeito um desejo...

³⁹ Como explicado na seção de Metodologia a fala em questão, foi analisada na íntegra, aqui transcrita com cortes para melhor aproveitamento do exemplo.

(Quem desdenha quer comprar, Lacerda Coutinho, 1868)

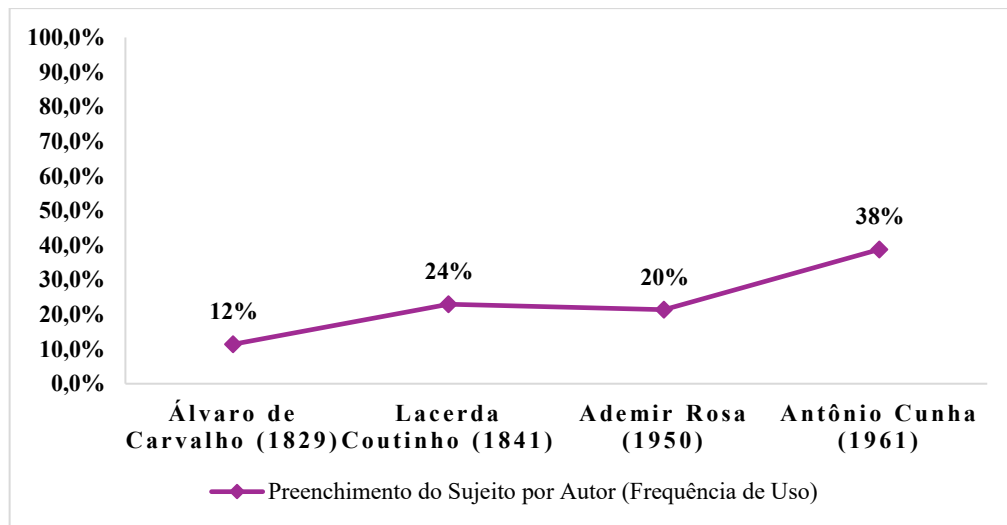
Os resultados encontrados na análise de frequência de uso para os totais de realização do sujeito pronominal de terceira pessoa *versus* sua contraparte nula vão de encontro com os resultados apresentados por Vieira Pinto (2020) para a realização do sujeito anafórico em cartas catarinenses em cinco períodos compreendendo os séculos XIX e XX: na escrita catarinense encontramos registros baixos para o preenchimento do sujeito em comparação ao sujeito nulo.

Sem mais delongas, passemos primeiro, então, às análises das variáveis independentes selecionadas em combinação com a variável dependente, começando pelos autores, seguida da primeira variável selecionada, os padrões e por fim, as personagens; em sucessão passo à análise de frequência de uso e percentual para as variáveis independentes não selecionadas.

3.3.1. Os autores em análise

Para os propósitos desta pesquisa, observei a variável ‘Autor’ de maneira cronológica, através do curso do tempo, a partir da data de nascimento dos quatro autores das peças selecionadas. Desse modo, estaria considerando que Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho, por terem nascido na primeira metade do século XIX, em 1829 e 1841, respectivamente, teriam gramáticas diferentes dos autores nascidos em meados do século XX, Ademir Rosa e Antônio Cunha, nascidos em 1950 e 1961. Os dados para o preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais dos séculos XIX e XX escritas por autores catarinenses, descritos anteriormente na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, está ilustrado no Gráfico 3 abaixo, onde analiso as peças teatrais a partir da data de nascimento de seus autores.

Gráfico 3 — Preenchimento de sujeito no curso do tempo na escrita de autores catarinenses por ano de nascimento (frequência de uso)

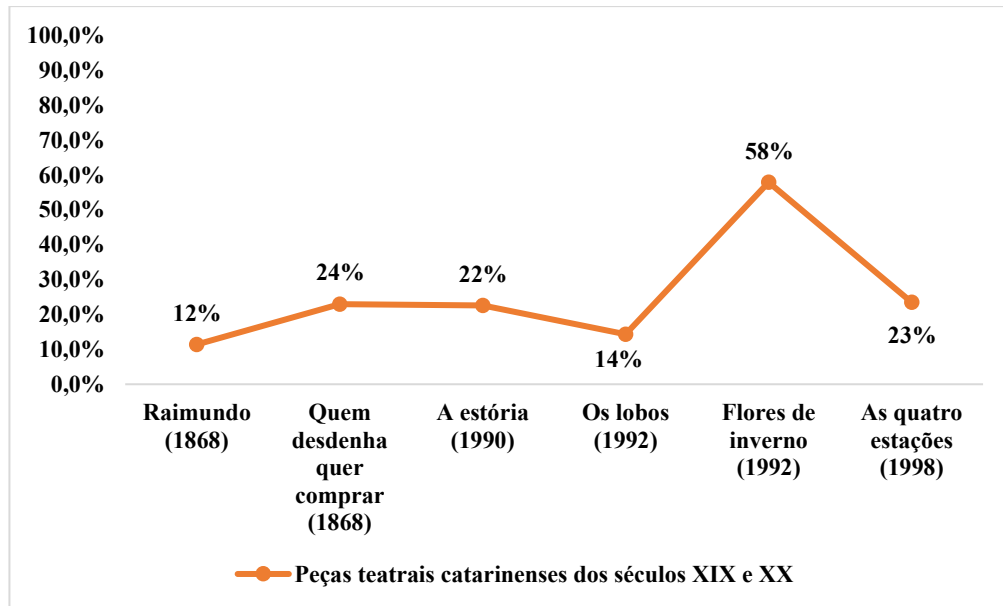


Fonte: Elaboração própria

No gráfico acima os resultados são relevantes na direção em que evidenciam o aumento no preenchimento dos sujeitos pronominais de terceira pessoa ainda na primeira parte do século XIX, com Lacerda Coutinho, nascido em 1841, marcando 23% de ocorrências em comparação ao Álvaro de Carvalho, seu contemporâneo, de 1829. Já para os autores de meados do século XX, podemos observar uma leve alternância indicando uma curva maior entre eles tendendo a um favorecimento ao preenchimento de sujeitos por Antônio Cunha, com 38,8% dos dados.

No Gráfico 4, apresento os resultados de análise individual das peças, para ver o desempenho da forma inovadora (sujeito preenchido) em cada uma das 6. Como apresentado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, a peça *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), primeira representante do século XIX dentre as peças analisadas, apresentou maior quantidade de dados, mas com pouco favorecimento ao preenchimento do sujeito, dos 356 dados somente 42 foram registrados para sujeitos preenchidos. Em contrapartida, *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992), uma das representantes do século XX apresentou resultados bastante altos para a forma inovadora como se pode observar abaixo.

Gráfico 4 — O preenchimento do sujeito pronominal em peças teatrais no curso do tempo entre os séculos XIX e XX.



Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar no **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, ao separarmos as peças de Antônio Cunha dos demais, *Flores de Inverno* (1992) e *As Quatro Estações* (1998), percebemos comportamentos mais diversos para o preenchimento do sujeito comparadas às demais. Enquanto *As Quatro Estações*, de 1998, a última das peças analisadas a ser escrita, apresenta 24% de ocorrência da forma preenchida, acompanhando um comportamento próximo à peça de 1992 de Ademir Rosa, *Flores de Inverno* (1992), como ilustrado em (25), tem o valor de 58% de ocorrências para o preenchimento do sujeito referencial de terceira pessoa, sugerindo um maior aproveitamento da variante inovadora.

(k)

a.

EUGÊNIO — **As pessoas** daqui costumam acordar cedo?

KLAUS — Não sei bem. Quando **elas** acordam (sic) eu normalmente já estou dormindo.

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

b.

KLAUS — **Valentina** sabia de sua chegada?

EUGÊNIO — Eu não sei se **ela** me espera ainda.

KLAUS — Vem comigo, **ela** poderia estar esperando outra pessoa?

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

Analisando dos gráficos 3 e 4, chama a atenção o fato de Ademir Rosa (1950), autor representante da segunda metade do século XX, aparentar um desfavorecimento da forma inovadora, o sujeito preenchido, em sua escrita. Com duas peças analisadas, o autor apareceu com 21% de ocorrência de dados para o sujeito pronominal de terceira pessoa preenchido, apresentando valores inferiores aos de Lacerda Coutinho (1841), representando do século XIX junto com Álvaro de Carvalho. Os dados recolhidos em *A estória* e *Os lobos* (1992) levam à uma queda da curva na evolução do preenchimento do sujeito, o que pode ser um indicativo de que a gramática adquirida por Ademir Rosa estaria, possivelmente, mais aproximada de uma gramática escolarizada.

Vejamos agora os registros para o peso relativo.

Tabela 6 — Peso relativo e percentual de preenchimento do sujeito em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX

AUTORES	PESO RELATIVO (PR)	PERCENTUAL (%)
Antônio Cunha (1961)	0,74	38%
Ademir Rosa (1950)	0,62	20%
Lacerda Coutinho (1841)	0,50	24%
Álvaro de Carvalho (1829)	0,38	12%
TOTAL	--	19%

Input = .16 Log likelihood = -296.258 Significance = .030

Os dados para o peso relativo (Tabela 6) parecem sugerir Antônio Cunha (1961), autor mais jovem dentre os pesquisados, como o expositor de uma gramática que favorece o uso do preenchimento dos sujeitos pronominais de terceira pessoa (0,74) em relação aos autores do século XIX. Nessa direção, estes dados também poderiam indicar que Álvaro de Carvalho (1829) seja ainda um representante de uma gramática de sujeitos nulos (0,38), transformando Lacerda Coutinho (1841) em um ponto de observação por apresentar um número relativamente alto em peso relativo (0,50) para o que se espera do período (séc. XIX), como ilustra o exemplo (22), mesmo favorecendo a forma nula de terceira pessoa, inclusive nos contextos mistos de preenchimento para retoma do sujeito, como no exemplo a seguir:

(1)

EUGÊNIA — Pelo menos, assim o espero. Vamos... Nada de desanimar... onde está a tia Joana?

MATILDE — Ali... Falemos baixo... cumpre que Ø não nos ouça... Ela é também contra mim... Todos são contra mim!...

(*Quem desdenha quer comprar*, Lacerda Coutinho, 1868)

Como já comentado, os resultados apresentam as peças *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868) e *Os lobos* (Ademar Rosa, 1992) como as que exibem menos favorecimento ao sujeito pronominal preenchido, com ocorrências em 12% e 14% dos dados, respectivamente. Esses dados são inusitados, porque, enquanto os resultados inferiores de preenchimento do sujeito fossem esperados para *Raimundo*, escrita por Álvaro de Carvalho no século XIX, a peça de Ademir Rosa, *Os lobos*, é de 1992, escrita na década final do século XX e, portanto, era esperado que apresentasse com mais frequência a forma inovadora (sujeito preenchido), o que não se confirmou com esses dados.

3.3.2. Os padrões sentenciais em análise

Como já apresentado na seção 2.6.1 *Padrões sentenciais* do Capítulo 2, os padrões sentenciais (cf. Barbosa; Duarte; Kato, 2005) são condições estruturais que foram elaboradas para a identificação da acessibilidade do antecedente do sujeito em sentenças subordinadas, e foram, à época, divididas em quatro tipos, aqui descritos brevemente:

Padrão 1: O antecedente se encontra no mesmo período e é sujeito da oração principal ou subordinada.

(m)

a.

H — Tenho que indignar **as pessoas**, pois no geral Ø são muito passivas.

(*A estória*, Ademir Rosa, 1990)

b.

1 — Mas **o médico** falou que não lhe atende mais, que você não acata as recomendações dele, que Ø já cansou de lhe dar remédios (sic) mas você não toma.

(*Os lobos*, Ademir Rosa, 1992)

Padrão 2: O antecedente está no período seguinte, apresentando função de sujeito ou tópico.

(n)

ÚRSULA — E que aconteceu ao **pobre homemi**?

JOÃO ANDRÉ — Ø_i Virou porco. (Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868)

Padrão 3: O antecedente do sujeito se encontra em uma oração não adjacente, possuindo orações intervenientes entre o antecedente e a retomada.

(o)

M — **Ela**_i fazia o quê?

H — Ø_i era, como se diz, dona de casa. Mas na verdade isso nunca teve muito cabimento, pois ela sempre contribuiu para a previdência na profissão de costureira.

Pelo menos legalmente Ø não podia ser considerada apenas dona de casa. Ø_i Sustentou-nos durante período em que estive desempregado. Mas o que Ø sempre quiz foi ser atriz de teatro.⁴⁰

(A estória, Ademir Rosa, 1990)

Padrão 4: O antecedente está em oração principal ou subordinada e possui função *distinta* da de sujeito.

(p)

VOZ DE VALENTINA (*em off*): — Meu amor, desperto novamente com a mesma sensação de nunca ter vivido, e anoiteço com a mesma sensação ter morrido sempre, durante a eternidade em que se tornaram estes últimos anos. Neste tempo eu pude conhecer o tênue limite que separa **o amor e a dor**. Mas acho, sinceramente, que **eles** não se separam.

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

Passo, agora, à análise da primeira variável selecionada em rodadas do *GoldVarb*, os padrões sentenciais. Os quatro padrões sentenciais foram analisados aos preceitos de Duarte, Mourão, Santos (2012), e foram desse modo selecionados, como apresenta a Tabela 7, de acordo com a frequência de uso, o percentual e o peso relativo:

Tabela 7 — Frequência de uso, percentuais e peso relativo dos padrões sentenciais em peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX (sujeitos preenchidos vs. nulos)

PADRÕES SENTENCIAIS	FREQUÊNCIA DE USO (Apl.)	PERCENTUAL (%)	PESO RELATIVO
---------------------	--------------------------	----------------	---------------

⁴⁰ Todas as entradas marcando o sujeito nulo, no caso do exemplo (26), foram sinalizadas para fins ilustrativos, mas são contados como dados separadamente, nesse caso, teríamos 4 entradas de sujeito nulo em uma fala contínua de personagem.

			(PR)
Padrão 3	41/171	24%	0,601
Padrão 4	42/218	19%	0,532
Padrão 1	27/196	14%	0,426
Padrão 2	15/88	17%	0,389
TOTAL	125/673	19%	--

Input = .16 Log likelihood = -296.258 Significance = .030

Para analisar os padrões sentenciais, primeiro optei por observar os dados de sujeito preenchido agrupando-os nos resultados das análises de frequência de uso e binomial, como observados na **Erro! Fonte de referência não encontrada..** Como podemos observar, o padrão 3, com estruturas como ilustradas em (31), apresentou o peso relativo mais alto entre os padrões sentenciais, com 0,601, como esperado a partir dos estudos de Duarte, Mourão, Santos (2012) em peças teatrais. No entanto, o padrão 2 apresenta, comparativamente, a menor taxa (0,389), o que aponta para uma baixa ocorrência nesse tipo de estrutura.

(q)

BÁRBARA – Se pedíssemos emprestado **ao taverneiro** aqui do canto...

MARIA – Nunca!

BÁRBARA – **Ele** se me tem oferecido...

(Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868)

No Gráfico 5 a seguir, seguindo o roteiro como apresentado em Duarte, Mourão, Santos (2012), apresento os padrões 3 e 4 juntos. Os resultados para os padrões seguiram o esperado, de modo geral, uma vez que em Duarte, Mourão, Santos (2012) observa-se valores altos para os últimos dois padrões, que são realmente bem presentes quando pensamos na estrutura de uma peça teatral, privilegiando ocorrências como a que se apresenta em (32).

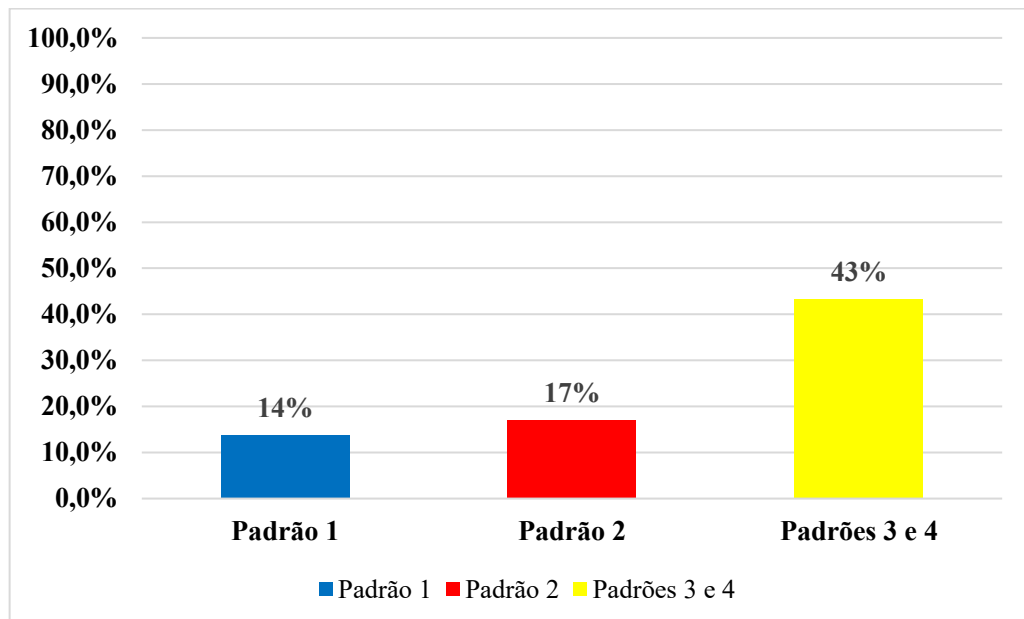
(r)

RAIMUNDO – Uma carta para D. Manoel... Sim, queimou-a, e só lhe entregou o testamento. **D. Francisco**, já sem forças, mal pôde assinar a carta que, mesmo aberta, foi confiada a sua honra e lealdade... **Ele** falava em um filho, que seria o seu herdeiro, se ainda fosse vivo...

(Raimundo, Álvaro de Carvalho, 1868)

Como registram os dados desta pesquisa, os números registrados aqui também foram mais altos, seguindo o esperado, os resultados de combinação dos padrões 3 e 4 foram satisfatórios, como apresenta o Gráfico 5.

Gráfico 5 — Sujeitos de terceira pessoa preenchidos (vs. nulos) segundo o padrão sentencial



Input = .16 Log likelihood = -296.258 Significance = .030

A possível junção dos padrões 3 e 4, com totalidade de 43% parece confirmar que são esses os padrões mais recorrentes em peças teatrais catarinenses, como visto anteriormente nas cariocas no trabalho de Duarte, Mourão, Santos (2012). Ou seja, esperava-se que construções sintáticas como as que contenham o antecedente do sujeito em uma oração não adjacente com orações intervenientes entre elas e orações com o antecedente na principal ou subordinada com função distinta da de sujeito, fossem encontradas em maior número. No caso da presente pesquisa, principalmente por se considerar os bifes e falas na íntegra, o que permitiria maior utilização de referentes “fortes”, esses sujeitos precisariam em algum ponto ser retomados de forma preenchida, pensei ser justamente o caso que se desenha.

3.3.4 As personagens em análise

A decisão de analisar as personagens das peças aparentou ser profícua no sentido de apontar um bom aproveitamento nas análises, sendo selecionada pelo programa estatístico.

Seguindo o modelo de apresentar as informações das análises de frequência de uso, percentual e peso relativo em conjunto, apresento os resultados na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

Ao analisar as personagens, resolvidos os casos de *knockout*, e com a divisão dos personagens em grupos por faixa-etária (faixa 1: até 25 anos, faixa 2: 26 a 49 anos, faixa 3: 50 anos em diante), foi possível observar a curva da realização do sujeito pronominal. A personagem que possui o maior número de falas, João André (77/673 = 11%)⁴¹, de *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868), é expressiva em sujeitos nulos, aos propósitos da pesquisa trago exemplos para o sujeito nulo, de modo estritamente ilustrativos:

(s)

JOÃO ANDRÉ — **A filha...** Vá!... **Ø** é boa laia de rapariga... e **Ø** tem bom coração; **Ø** não esquece o bem, mas o cação do pai... **Ø** é um biltre!

(*Raimundo*, Álvaro de Carvalho, 1868)

Em contrapartida, as personagens com maior frequência de uso para o preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa são Eugênia (16/44=36%), de *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868) e Klaus (Flores de Inverno, Antônio Cunha, 1992), o maior representante do sujeito preenchido (17/23 = 73%), frequentemente apresentando sentenças como a do exemplo (34).

(t)

EUGÊNIO — E **o seu irmão** inglês, quando **Ø** vem visitá-lo?

KLAUS — **Ele** não é inglês. É só o nome. Eu não sei, **ele** está na África, eu acho. Quando **ele** volta normalmente já passou tanto tempo, que eu não me lembro como era o seu rosto antes.

(Flores de Inverno, Antônio Cunha, 1992)

Tabela 8 — Frequência de uso, percentual e peso relativo de sujeitos preenchidos (vs. nulos) por personagens de peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX

PERSONAGENS	FREQUÊNCIA DE USO (Apl.)	PERCENTUAL (%)	PESO RELATIVO (PR)
Faixa 1	54/179	30 %	0,640
Faixa 3	13/84	15%	0,559
Faixa 2	58/410	14%	0,426

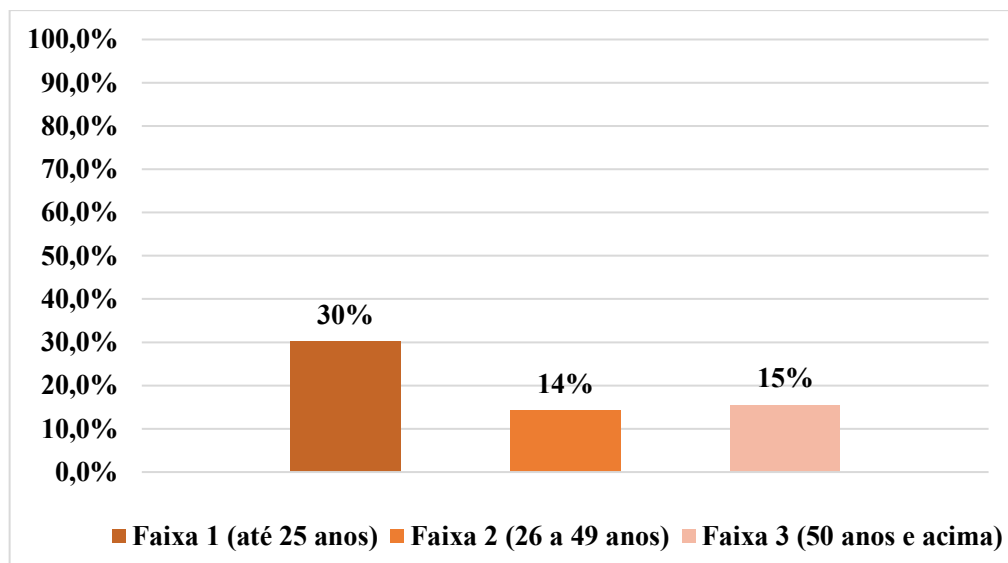
⁴¹ Este é o resultado atribuído ao total dos dados sem distinguir sujeitos nulos e preenchidos; em detalhes, João André apresentou 73/77 (94,8%) para sujeito nulo e 4/77 (5,2%) para o preenchimento do sujeito.

TOTAL	125/673	19%	--
--------------	---------	-----	----

Input = .16 Log likelihood = -296.258 Significance = .030

Para a análise binomial, com as personagens divididas em suas respectivas faixas, podemos observar que a Faixa 1, que corresponde às personagens com idade até 25 anos (aos quais se incluem Eugênia e Klaus), apresenta um peso relativo de 0,640 em comparação à Faixa 2, dos adultos entre 26 e 49 anos, que apresentou peso relativo de 0,426. O alto resultado encontrado na Faixa 1 parece indicar ser essa a faixa que favorece o preenchimento do sujeito. Entretanto, as personagens não foram analisadas à perspectiva de sua época no curso do tempo, como foi feito com os autores, mas, para esta pesquisa, os resultados se mostram satisfatórios no sentido de indicar a preferência ao preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa entre os mais jovens.

Gráfico 6 — Frequência de uso de preenchimento de sujeito por personagens em três faixas de idade



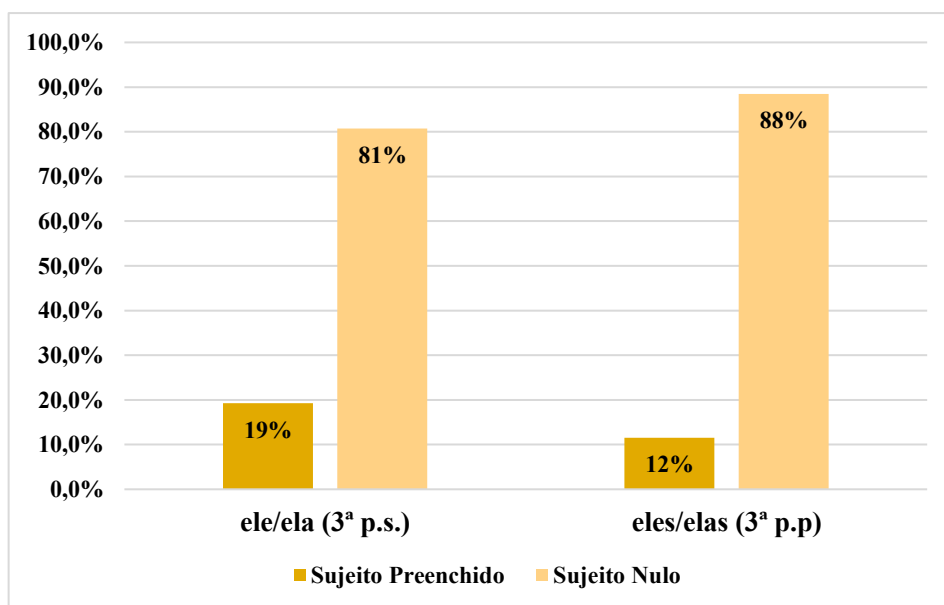
Fonte: Elaboração própria

Os resultados dos dados da análise de frequência de uso do preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa pelas personagens (Gráfico 6) sugerem que os representantes da Faixa 1, apresentaram uma tendência ao favorecimento do preenchimento dos sujeitos de terceira pessoa com 30% de ocorrência. O comportamento contrário, desfavorecendo o preenchimento, pode ser observado na Faixa 2 dos adultos com 14 %.

3.3.5. A flexão de concordância numeral (singular x plural) em análise

Mesmo não sendo uma das variáveis selecionadas pelo programa, apresento os resultados ilustrados à concordância nominal (singular x plural). Ao considerar a diferenciação entre singular e plural, e fazendo as devidas distinções, pensei na possibilidade de encontrar em uma das formas a abertura para a entrada do sujeito preenchido. No entanto, me deparei com os dados descritos na análise de frequência de uso, aqui transpostos no Gráfico 7 a seguir:

Gráfico 7 — Concordância numeral (singular vs. plural) em sujeitos preenchidos em peças teatrais catarinenses



Desse modo, como ilustram os dados, não consegui encontrar diferença tão grande, estando os sujeitos referenciais de terceira pessoa preenchidos com concordância numeral no singular ocorrendo em 19% dos casos, enquanto os plurais estão presentes em 12% dos dados para a mesma variável.

3.3.6. Os traços semânticos-referenciais em análise

Os traços semânticos-referenciais não foram selecionados pelo programa estatístico *GoldVarb* nessas rodadas. No entanto, a combinação [+hum/+esp], como esperado, foi a mais frequente nos resultados totais. Como esperado, mesmo não sendo selecionados, o traço semântico aparece como um facilitador para a realização do preenchimento do sujeito.

Seguindo as análises de Cyrino, Duarte e Kato (2000) e Duarte, Mourão, Santos (2012), os resultados obtidos para o feixe de traço [-humano] nas peças catarinenses foram baixos, com baixa ocorrência.

(u)

a. [+hum/+esp]

EUGÊNIO — **As pessoas** daqui costumam acordar cedo?

KLAUS — Não sei bem. Quando **elas** acordam eu normalmente já estou dormindo.

(*Flores de Inverno*, Antônio Cunha, 1992)

b. [+hum/-esp]

2 – A denúncia por si só não me assusta... ademais **essa gente** anda tão apática, insolente mesmo. Mais da metade, se **Ø** nos descobrirem aqui, **Ø** devem apenas nos ignorar.

(*Os lobos*, Ademir Rosa, 1992)

c. [-hum/+esp]

M — Não posso, meus **ratinhos** [rasurado] [já deviam ter] comido às três horas... como já passam das cinco... **Ø** devem estar com muita fome. Vou sair para procurá-los.

Nesta pesquisa os dados apresentaram baixa frequência de uso na combinação com a variável dependente, com os feixes de traço [+humano] (+hum/+esp e +hum/-esp) totalizando 29%, já os dados para o feixe [-hum/+esp] chegam a 15%. Ampliando o olhar para a frequência de uso em função do tempo, partindo do nascimento dos autores, os números para os traços [+hum/+esp] e [-hum/+esp] apresentaram comportamento como o ilustrado abaixo.

Tabela 9 — Percentuais de preenchimento de sujeito segundo o traço semântico-referencial em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX

Traço Semântico-Referencial	Sujeito Preenchido (%)	
[+humano/+específico]	109/539	20%
[+humano/-específico]	6/68	9%
[-humano/+específico]	8/52	15%
[-humano/-específico]	2/14	14%
Total	125/673	19%

Fonte: Elaboração própria

Seguindo a metodologia de Duarte, Mourão, Santos (2012), para que pudesse analisar os traços semânticos por peças teatrais, separei o século XIX e XX em faixas de período correspondentes ao ano de lançamento das peças. No entanto, podemos observar que os

autores pertencem à mesma faixa de séculos, com Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho na primeira metade do século XIX e Ademir Rosa e Antônio Cunha pertencentes à primeira metade do século XX. O mesmo ocorre com o ano de lançamento das peças: *Raimundo* e *Quem desdenha quer comprar* têm seu lançamento no mesmo ano (1868) na segunda metade do século XIX, enquanto *A estória* e *Flores de Inverno* foram lançadas em 1992, na segunda metade do século XX.

Se juntarmos os resultados, pensando em separar as ocorrências de sujeito preenchido segundo o traço semântico do referente entre os séculos XIX e XX, teríamos duas faixas reunindo os autores do século XIX e a segunda os do século XX. Para a primeira faixa os resultados para [+hum/+esp] totalizam 38%, e na segunda, de forma mais expressiva, uma ocorrência de 66% de casos. O segundo traço em análise [-hum/+esp] totaliza 54% para os representantes do século XIX e 44% para os do século XX.

3.4 Conclusão ao Capítulo 3

Neste derradeiro capítulo apresentei a metodologia e analisei os 673 dados de preenchimento de sujeito pronominal de terceira pessoa obtidos em peças teatrais catarinenses escritas entre os séculos XIX e XX.

Após a leitura integral do *corpus*, os dados foram agrupados em planilhas do Excell, e, posteriormente categorizados em seis variáveis. O conjunto de componentes (variáveis dependentes e independentes) para sistematização dos dados que formam o “envelope de variação” (Tarallo, 1986) são, para a variável dependente, o preenchimento do sujeito (e sua contraparte nula como variante correspondente) e para as independentes, como já introduzidas, os padrões sentenciais, os traços semânticos-referenciais, as personagens, os autores e a concordância nominal (singular e plural). No entanto, dentre as cinco variáveis independentes escolhidas, somente três foram selecionadas pelo programa estatístico GoldVarb, foram elas: padrões sentenciais, as personagens e os autores, retomados na sequência.

Para a variável dependente, o preenchimento de sujeito (sempre em comparação ao sujeito nulo), observei o resultado total de 19% de ocorrências, apresentando, desse modo, um favorecimento da contraparte nula (81%), indicando, como esperado, a confirmação da hipótese de que a escrita catarinense apresenta um caráter conservador (Martins, 2009, 2015, 202; Vieira Pinto, 2020; Coelho e Vieira Pinto, 2021).

Na análise das variáveis independentes selecionadas pelo programa estatístico, os dados encontrados para os autores indicam uma evolução através dos séculos observadas entre os autores nascidos no século XIX (12% e 24%, respectivamente, para Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho) e os do século XX (20% e 38%, para Ademir Rosa e Antônio Cunha), os resultados de Ademir Rosa, nascido em metade do século XX, parece indicar competição entre mais de uma gramática. Já para o padrão sentencial apontam, seguindo a metodologia de Duarte, Mourão, Santos (2012), um favorecimento do preenchimento do sujeito em sentenças do tipo padrão 3 (com peso relativo de 0,601), enquanto o padrão 2 apresenta o contexto de resistência à forma inovadora (com 0,389 de peso relativo). As personagens apresentaram dados que indicam contraste entre a faixa 1, dos mais jovens, com as faixas 2 e 3 (30%, 14% e 15%, respectivamente) apontando para um favorecimento da forma inovadora por parte dos jovens.

CONCLUSÃO

Nessa dissertação analisei o sujeito pronominal de terceira pessoa em peças teatrais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX. Para a análise dessa dissertação selecionei 6 peças teatrais, são elas:

- Raimundo (Álvaro de Carvalho, 1868)
- Quem desdenha quer comprar (Lacerda Coutinho, 1868)
- A estória (Ademar Rosa, 1990)
- Os lobos (Ademar Rosa, 1992)
- Flores de inverno (Antônio Cunha, 1992)
- As quatro estações (Antônio Cunha, 1998)

Considerando os dados coletados e a análise de regra variável, observei o aumento da realização do sujeito pronominal referencial de terceira pessoa, saindo de 12% na peça de Álvaro de Carvalho, para 24% na peça de Lacerda Coutinho, autores representantes do século XIX que tiveram suas peças publicadas no mesmo ano (1868). Essa curva, que, neste cenário, parece sugerir um aumento de uso de sujeito pronominal preenchido de um autor para o outro, me instigou por serem os dois escritores com as peças publicadas no mesmo ano, uma vez que o resultado de Álvaro de Carvalho (1829) parece apontar para o uso de uma gramática de sujeito nulo por parte do autor.

Em contrapartida, para o século XX, observei uma variação entre as peças de Ademir Rosa (20%) e Antônio Cunha (38%), expoentes da segunda metade do mesmo século. Olhando para as peças em análise da década de 1990, pude perceber um aumento do preenchimento do sujeito em 1992, com Flores de Inverno (58%) e uma descendência quase ao final do século XX, em 1998 (23%). Esses dados parecem indicar que a escrita de Antônio Cunha para a peça em questão (*As quatro estações*, 1998) tenha sido mais voltada à norma padrão na escrita, como apresentou Ademir Rosa no início dos anos 1990 com *A estória* e *Os lobos* (1992).

Os resultados que encontrei para Ademir Rosa (1950) parecem ir de encontro à hipótese aventada de uma gramática mais escolarizada, mais voltada à escrita, enquanto para Antônio Cunha, apesar da peculiaridade encontrada em *As quatro estações* em possuir em sua própria estrutura um caráter mais *literário*, por vezes quase lírico, os dados sugerem que, em geral, o autor mais jovem dentre os quatro analisados parece apresentar uma gramática, por vezes, mais próxima à fala. Por fim, os dados encontrados parecem indicar competição de

gramáticas, no sentido de aparentarem ser um “reflexo de diferentes gramáticas do português” (Martins, 2024, p. 137).

Na análise de frequência de uso para os Padrões Sentenciais (cf. Cyrino, Duarte, Kato, 2000; cf. Duarte, Mourão, Santos, 2012), a primeira variável selecionada pelo programa estatístico GoldVarb, temos, seguindo o trabalho de Duarte, Mourão, Santos (2012), uma maior identificação de padrões com os padrões 3 e 4 apresentando um total de 43%. O que parece indicar que as peças teatrais favorecem esse tipo de padrão, também frequente nos bifos e falas integrais. Ainda nos padrões, o padrão 3 apresentou 0,601 de peso relativo em comparação ao padrão 2, que apresentou 0,389.

Os traços semânticos-referenciais não foram selecionados nas rodadas, mas apresentam uma preferência, como esperado (cf. Duarte, Mourão e Santos, 2012), pela ocorrência de dados com feixe [+humano] totalizando 29% de frequência de uso. Em contrapartida, o feixe [-humano] apresenta resultados mais comedidos, com frequências de uso totalizando em 15% no traço [-hum/+esp].

As personagens apresentaram dados de frequência de uso e dados de peso relativo do sujeito preenchido bastante importantes, mesmo apresentando índices, em sua maioria, baixos. Individualmente, destacaram-se, entre as personagens que apresentaram maior frequência de uso do preenchimento do sujeito pronominal de terceira pessoa Eugênia (com 36%) e Klaus (74%), pertencentes à Faixa 1 (até 25 anos). Analisadas ante o peso relativo, as personagens da Faixa 1 (até 25 anos) apresentaram 0,640 em comparação à Faixa 2 (adultos de 26 a 49 anos) com peso relativo de 0,426. Os resultados encontrados em minha pesquisa parecem corroborar com a hipótese de Vieira Pinto (2020) no sentido que esses atestam a tendência ao preenchimento de sujeito pronominal de terceira pessoa encontrar maior aderência na faixa de personagens mais jovens em comparação aos personagens mais velhos, nesse caso, em especial, os adultos.

Além disso, de um modo geral, os dados aqui descritos parecem também indicar, na comparação da forma inovadora (o preenchimento do sujeito) com a forma conservadora (o sujeito nulo) uma escrita mais conservadora por parte dos catarinenses, seguindo o que apontam Martins (2009; 2015), Vieira Pinto (2020), Coelho e Vieira Pinto, (2021).

Desse modo, concluo as análises presentes nesta dissertação nos seguintes termos: parece haver realmente um fator conservador observado na gramática da escrita de peças teatrais catarinenses, com resultados que a corroboram inclusive para o elemento de concordância, com os dados para as variáveis singular e plural apresentando dados que desfavorecem o sujeito preenchido, com 19% (singular) e 11% (plural).

Além disso, os dados encontrados conversam com o que sugeriu Martins (2021) no comparativo entre as regiões Nordeste/Sudeste e Sul, com uma evolução lenta para a implementação do preenchimento de sujeito pronominal de terceira pessoa na região Sudeste, mas ainda mais lenta na região catarinense (Nunes de Souza e Coelho, 2015). Há, no entanto, variação encontrada entre os autores, inclusive nos expoentes dos mesmos séculos, com Álvaro de Carvalho e Lacerda Coutinho (séc. XIX) e Ademir Rosa e Antônio Cunha (séc. XX), sugerindo competição de gramáticas (Kroch, 1989; 2001) e instigando os resultados para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. *Null subjects in European and Brazilian Portuguese*, in: *Journal of Portuguese Linguistics*. Org: FROTA, Sónia *et al.* Lisboa, Portugal: Edições Colibri – AEJPL, Vol. 4, Nº: 2, 2005.
- BERLINCK, R. A.; COELHO, I. L.; CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; MARTINS, M. A. *Mudança sintática e a história do PB nos séculos XIX e XX*. in: Araújo Sá Jr, L.; Martins, M. A. (Org.). *Rumos da Linguística Brasileira no Século XXI: historiografia, gramática e ensino*. 1a.ed. São Paulo: Blucher ed., 2016, v. 1, p. 155-187. Disponível no link: <<https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/rumos-da-linguistica-brasileira-no-seculo-xxi-1219>>.
- BERLINCK, R. A.; BRANDÃO, S. M. *Por uma sociolinguística histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais brasileiras*. In: *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Org: BIAZOLLI, C. C. e BERLINCK, R. A. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. A. *Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos?* In: *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- CHOMSKY, Noam. *Conceitos de língua*. In: *O Conhecimento da Língua: sua natureza, origem e uso*. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves (trad.), Inês Duarte (coord.). Editorial Caminho, 1994, 334 p.
- CHOMSKY, Noah. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981. Versão digitalizada The Internet Archive [2022]. Disponível em: <<https://archive.org/details/lecturesongovern0000chom/page/n1/mode/2up>>. Acesso em: 03 de julho de 2023.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. *Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina*. in: *LaborHistórico* v. 1 n. 1 (2015): *História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro*. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v1i1.4784>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4784>.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; SILVA, Gésyka Mafra; ZIBETTI, Érica Marciano de Oliveira. *Correlação entre ordem verbo-sujeito e sujeito nulo: a trajetória da mudança no português de Santa Catarina*. in: *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2016. 264 p.

COELHO, Izete Lehmkuhl; VIEIRA PINTO Cecília Augusta. O sujeito nulo em cartas pessoais catarinenses no curso dos séculos XIX e XX (1885-1998), in: *Contribuições à descrição e ao ensino do Português Brasileiro: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe — uma homenagem a Maria Eugênia Lammoglia Duarte*. MARINS, J. E.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. O. (orgs.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, 580 p.

CORÔA, Williane S. Rastreado as origens do português brasileiro: a dinâmica da mudança na escrita de “homens bons” na Bahia colonial. 2022. 379 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2022.

CYRINO, S.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.). *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil*. p. 83-103, in: *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Ataliba T. de Castilho... [et al.]; org: Ian Roberts e Mary A. Kato. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo no Português Brasileiro. In: A. Castilho; S.M.L Cyrino e Morais M.A.T (Org.). *História do Português Brasileiro: Mudança sintática do Português Brasileiro: perspectiva gerativista*, v. 06. São Paulo: Ed. Contexto, p. 26-71, 2018.

DUARTE, M. E. L. *O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu*. 93-126, in: *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Org: Charlotte Galves, Mary A. Kato e Ian Roberts. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2019.

DUARTE, M.E.L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. 2020. *Cuadernos de la Alfal*, v. 12, p. 71-99, 2020. Disponível em: http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_005.pdf Acessado em: 23/08/2021.

DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. M. Os sujeitos de 3ª pessoa: REvisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 21-44.

GALVES, C.M.C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: A. Castilho; Maria Aparecida T. Morais; R. E. V. Lopes & S. M. L. Cyrino. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, v., p. 513-528, 2007.

- GALVES, C.M.C. Mudança sintática no português brasileiro. in: Cadernos da La Alfal. Nº 12 (2) noviembre 2020: 17-43. ISSN: 2218-0761. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/12_2_cuaderno_003.pdf. (Acesso em: 01/05/2024)
- KATO, M. A.; MARTINS, A. M; NUNES, J. *Sujeitos Nulos*. in: Português Brasileiro e Português Europeu – sintaxe comparada. São Paulo: Contexto, 2023.
- KENEDY, Eduardo. *Princípios e parâmetros*. In: Curso básico de Linguística Gerativa. São Paulo: Contexto, 2013.
- KROCH, A. *Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change*. In Language Variation and Change, 1989, 1:199-244.
- KROCH, A. Mudança sintática. In Baltin, M. and Collins, C (eds) The Handbook of Contemporary Syntactic Theory. Blackwell. [2001] Trad: Silvia Regina de Oliveira Cavalcanti (UFRJ), revis. Anna Lyssa do Nascimento Donato Machado. In: Working Papers. V. 22. N. 2: Sintaxe Diacrônica, 2021.
- MARTINS, M. A. Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20. 2009. Tese (doutorado) — Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MARTINS, M. A. A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do Português. — Natal: EDURFN, 2012.
- MARTINS, M.A.R. Linguística histórica, in OTHERO, G. A; FLORES, V. N. (org.): A linguística histórica hoje: historicidade e generalidade. — São Paulo: Contexto, 2024. 160 p.
- MARTINS, M. A. R. Singularidades na sintaxe do português brasileiro escrito na região nordeste nos séculos XIX e XX. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 65, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12362>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- MARTINS, M. A. R.; COELHO, I, L.; CAVALCANTE, S, R, O. Variação sintática e gerativismo, p. 221-247, in: M. A. Martins; J. Abraçado (org.): Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- MARTINS, M.A.R; CAVALCANTE, S, R, O. Os estudos em sintaxe diacrônica no Brasil: um balanço crítico. In: *Revista Working Papers em Linguística*. V.22, n.2. Florianópolis, SC: UFSC, 2021.
- ROBERTS, Ian. *Gramáticas “marginais” e mudanças sintáticas “extremas”: O inglês e o português brasileiro*. p. 23-56. in: Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica. Org: Charlotte Galves, Mary A. Kato e Ian Roberts. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A Variable Rule Application for Macintosh and Windows*, 2005.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997. 96 p.

VIEIRA PINTO, C. A. *Trajetória de mudança do sujeito e do objeto direto anafóricos: análise de cartas pessoais e portuguesas dos séculos XIX e XX*. 2020. 391 p. Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

REFERÊNCIAS DOS CORPORA: PEÇAS TEATRAIS EM ANÁLISE (por ordem de nascimento)

CARVALHO, Álvaro Augusto de [1868]. *Raimundo*: drama em cinco atos. Florianópolis: FCC; Edusfc, 1994.

COUTINHO, José Cândido de Lacerda [1868]. *Quem desdenha quer comprar...: comédia em um ato/A casa para alugar: comédia em um ato*. Porto Alegre: Movimento, 2001.

ROSA, Ademir. *A estória* (1990). Consulta ao manuscrito do autor cedida por Antônio Cunha.

ROSA, Ademir. *Os lobos* (1992). Consulta ao manuscrito do autor cedida por Antônio Cunha.

CUNHA, Antônio. [1992] Flores de Inverno. *Três d(r)amas possíveis*. Joinvile: Letradágua, 2004, p. 82-111. Peça em um ato.

CUNHA, Antônio. [1998] As quatro estações. *Três d(r)amas possíveis*. Joinvile: Letradágua, 2004, p. 40-81. Peça em um ato.

APÊNDICE A – AS PEÇAS TEATRAIS CATARINENSES

Raimundo (Álvaro de Carvalho, 1868)

A mais longa das seis peças em análise, *Raimundo* é caracterizado como um drama em cinco atos, assim divididos:

- 1º ato se passa em 1817, em São Miguel (atualmente Biguaçu, município da Grande Florianópolis);
- 2º ato conta com dois quadros e se passa um pouco depois, na cidade em Santa Catarina (possivelmente Desterro, nome de Florianópolis à época). No 1º quadro a história se dá na casa de D. Manoel, e no 2º a bordo do Navio.
- 3º ato se passa na casa de D. Manoel, no Desterro.
- 4º ato, com o primeiro salto temporal de 18 meses, se passa no Rio de Janeiro, em casa de D. Manoel;
- 5º ato, o segundo salto temporal, 10 anos depois, também na casa de D. Manoel, no Rio de Janeiro.

A peça de Álvaro de Carvalho dramatiza a emocionante história de um capitão de navio, Raimundo, com sua tripulação e seus passageiros, com viagens ocorrendo do Desterro (antigo nome de Florianópolis) para o Rio de Janeiro. Esta peça, em específico, apresenta personagens nascidos em Portugal, e alguns outros com nascimento não definido. No decorrer da peça os personagens contam histórias de viagem, com causos e memórias de viagens anteriores. Um enredo que conta com muitas histórias de marinheiro, paixões, segredos e alguns saltos temporais para a garantia de um final feliz.

As personagens que tiveram dados selecionados na análise estão listadas no Quadro 11 a seguir e não condizem com o total de 24 personagens da peça:

Quadro 11 — Fichas de personagens da peça *Raimundo* (Álvaro de Carvalho, 1868) para análise (modelo-piloto)⁴²

Fichas das personagens para análise			
Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
Raimundo	24 anos	Filho adotivo de Úrsula; apaixonado por Maria	Masculino
João André	38 anos	Contramestre do navio e melhor amigo de Raimundo	Masculino
Maria	16 anos	Filha de D. Manoel e apaixonada por Raimundo	Feminino
D. Manoel	60 anos	Fidalgo, pai de Maria	Masculino
Úrsula	50 anos	Mãe adotiva de Raimundo	Feminino
Vigário	60 anos	Vigário de São Miguel (Biguaçu)	Masculino
D. Engrácia (ou Velha Engrácia)	N/A (estimado até 49 anos)	Mãe de Chico (12 anos)	Feminino
D. Leonardo	N/A (estimado entre 26 e 38 anos)	Capitão de fragata da Marinha Real	Masculino
Silva	58 anos	Criado velho de D. Manoel	Masculino
Milhomens	40 anos	Contramestre mercante do grupo de Raimundo	Masculino
Cascaes	16 anos	Moço da câmara, trabalha no navio do grupo de Raimundo	Masculino
Fidalgo 1	N/A (estimado 26 a 30 anos)	Filho da Dama 1; convidado do	Masculino

⁴² Como uma proposta para auxiliar na análise das personagens, elaborei uma ficha simples que pode ser criada também em arquivo de Excell, para melhor navegabilidade e permitindo um preenchimento facilitado para futuras consultas. A ficha original contém uma coluna com denominação “Símbolo” para auxiliar na organização dos dados, aqui foi desconsiderada.

		casamento	
Fidalgo 2	N/A (estimado 26 a 30 anos)	Convidado do casamento	Masculino
Dama 1	N/A (estimado 50 +)	Mãe de Fidalgo 1; convidada do casamento	Feminino
Bárbara	N/A (estimado 50 +)	Criada velha	Feminino
Ana	N/A (estimado 13-16 anos)	Criada moça	Feminino
D. Luís	54 anos	Governador	Masculino

Fonte: Elaboração própria

Quem desdenha quer comprar (Lacerda Coutinho, 1868)

Escrita por José Cândido de Lacerda Coutinho, *Quem desdenha quer comprar* se passa na casa de D. Joana e Joaquim Soares, seu esposo. Nesta história familiar, D. Joana aguarda o regresso do marido que saiu para buscar o pretendente da filha, Matilde. Apaixonada por Salustiano, a moça nada quer com Antônio Avelar, até descobrir, com a ajuda da prima Eugênia, a farsa que é Salustiano.

É uma peça curta, em 1 ato, todas se passando na casa de D. Joana e Joaquim Soares, na espera da chegada de Antônio Avelar para zelo de algumas e desespero de outra, Matilde, que tem repulsa à ideia de casar-se com ele, que a conhece desde criança. Outra história com um personagem que gosta de contar histórias, as de Salustiano, no entanto, demonstra toda sua falsidade.

Quem desdenha quer comprar conta com apenas 6 personagens, descritos na ficha a seguir (Quadro 12):

Quadro 12 — Fichas das personagens da peça *Quem desdenha quer comprar* (Lacerda Coutinho, 1868) (modelo-piloto)

Fichas das personagens para análise			
Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
Matilde	N/A (estimado até 20 anos)	Filha de Dona Joana e Joaquim Soares	Feminino
Eugênia	22 anos	Prima de Matilde, mais velha que Matilde	Feminino
D. Joana	N/A (estimado	Mãe de Matilde	Feminino

	até 49 anos)		
Joaquim Soares	N/A (estimado até 49 anos)	Pai de Matilde	Masculino
Antônio Avelar	N/A (estimado até 25 anos)	Pretendente de Matilde; se conhecem desde a infância	Masculino
Salustiano	N/A (estimado até 25 anos)	Homem por quem Matilde está apaixonada; sem maiores ligações com a família.	Masculino

Fonte: Elaboração própria

A estória (Ademir Rosa, 1990)

Essa peça é um constante diálogo entre duas personagens, um homem e uma mulher de meia-idade, mas que conservam diferenças, com a personagem mulher sendo descrita como mais jovem na rubrica-de-cabeçalho. As idades, no entanto, não são reveladas para além de alguns traços de costumes (estado civil). Eles se encontram, por acaso, em uma praça da cidade, ele lê o jornal e observa meninos jogando futebol, enquanto ela entra em cena como se estivesse esperando alguém chegar. Os personagens estão descritos no Quadro 13.

Quadro 13 — Fichas das personagens da peça *A estória* (Ademir Rosa, 1990)

Fichas das personagens para análise			
Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
H	N/A (descrito como homem de meia-idade; estimado 50 anos e acima)	Não possui relações familiares com a personagem que é sua interlocutora	Masculino
M	N/A (descrita como mais jovem que o homem de meia-idade; estimado entre 40 e 49 anos)	Espera por alguém; não possui relações familiares com H	Feminino

Fonte: Elaboração própria

Os lobos (Ademir Rosa, 1992)

A segunda peça de Ademir Rosa analisada nesta pesquisa também é um constante diálogo entre duas personagens. Nesta, os dois são homens, um mais velho e um mais jovem e estão isolados por alguma enfermidade nunca revelada, do resto da população. O mais velho, possui fala mais pausada, e é ex-professor de história universal. Já o personagem mais jovem apresenta um discurso mais artiloso, e foi funcionário público.

Quadro 14 — Fichas das personagens da peça *Os lobos* (Ademir Rosa, 1992)

Fichas das personagens para análise			
Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
1	N/A (estima-se 50 e acima)	Não apresenta relações familiares com sua personagem interlocutora para além de estarem isolados em um mesmo contexto.	Masculino
2	N/A (estimado entre 45 e 49 anos)	Não apresenta relações familiares com sua personagem interlocutora para além de estarem isolados em um mesmo contexto.	Masculino

Fonte: Elaboração própria

Flores de Inverno (Antônio Cunha, 1992)

A belíssima peça de Antônio Cunha, *Flores de Inverno*, se passa no curso de uma noite, em dois ambientes: do lado de dentro de um apartamento está Valentina, uma mulher, esperando com o jantar e mesa posta; do lado de fora, na calçada, estão Eugênio, e Klaus, um moço, que engajam em conversa.

Quadro 15 — Fichas das personagens da peça *Flores de Inverno* (Antônio Cunha, 1992)

Fichas das personagens para análise
--

Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
Valentina	N/A (estimado 45 a 49 anos)	Amiga de Klaus	Feminino
Eugênio	N/A (estimado 45 a 49 anos)	À princípio desconhecido	Masculino
Klaus	N/A (estimado 25 anos)	Amigo de Valentina	Masculino

Fonte: Elaboração própria

As Quatro Estações (Antônio Cunha, 1998)

As Quatro Estações — Dramas de Tempo e de Pendores propõe uma meta-peça em quatro partes, onde cada uma segue uma fase da vida como sendo uma estação do ano de personagens que são, em maioria, mulheres. Primavera é da infância, verão da juventude, outono da fase adulta e inverno da velhice. Meta-peça se justifica na metalinguagem de se utilizar a montagem de uma (ou mais) peça teatral para se interpretar a peça que se desenvolve. A isso somos remetidos na parte I, (Primavera) e retorna na parte IV (Inverno), resgatando um reencontro entre as personagens da história.

Quadro 16 — Fichas das personagens da peça *As Quatro Estações* (Antônio Cunha, 1998)

Nome da personagem	Idade	Relações familiares	Gênero
Voz	N/A (estimado entre 26 a 49 anos)	Diretor da peça	Masculino
Menina	N/A (estimado 6 a 10 anos)	Atriz-mirim principal da peça	Feminino
Menina 1	N/A (estimado 6 a 10 anos)	Atriz-mirim da peça	Feminino
Menina 2	N/A (estimado 6 a 10 anos)	Atriz-mirim da peça	Feminino
Menina 3	N/A (estimado 6 a 10 anos)	Atriz-mirim da peça	Feminino
Menina 4	N/A (estimado 6 a 10 anos)	Atriz-mirim da peça	Feminino
Moça 1	N/A (aos propósitos da peça, estimado menos de 20 anos)	Prima da moça 2, com quem passa o tempo. Está interessada em um rapaz.	Feminino
Moça 2	N/A (aos	Prima/melhor	Feminino

	propósitos da peça, estimado menos de 20 anos)	amiga da moça 1, com quem passa o tempo.	
Rapaz	N/A (aos propósitos da peça, estimado menos de 20 anos)	Objeto de desejo da Moça 1, aparece para interagir com ela durante uma tempestade em uma ambientação confusa de sonho/realidade	Masculino
Mulher 1	N/A (aos propósitos da peça, estimado entre 40 a 49 anos)	Amiga das outras Mulheres	Feminino
Mulher 2	N/A (aos propósitos da peça, estimado entre 40 a 49 anos)	Amiga das outras Mulheres	Feminino
Mulher 3	N/A (aos propósitos da peça, estimado entre 40 a 49 anos)	Amiga das outras Mulheres	Feminino
Mulher 4	N/A (aos propósitos da peça, estimado entre 40 a 49 anos)	Amiga das outras Mulheres	Feminino
Homem	N/A (aos propósitos da peça, estimado entre 40 a 49 anos)	Pai da Menina; descrito pela personagem Ela como “Senhor do Tempo”; está ali para levá-la ao asilo.	Masculino
Ela	N/A (aos propósitos da peça, estimado mais de 50 anos)	Personagem que encerra a peça, assiste a si mesma na televisão, enquanto espera alguém. Avó da Menina.	Feminino

Fonte: Elaboração própria

